**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM
MUSEOLOGIA**

Olga Susana Costa Coito e Araujo

Os Idosos Como Público de Museus

São Paulo
2016

Olga Susana Costa Coito e Araujo

Os Idosos Como Público de Museus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título Mestre em Museologia.

Área de Concentração : Museologia
Orientadora: Prof.(a) Dr.(a)
Marília Xavier Cury

Linha de Pesquisa: Teoria e método da gestão patrimonial e dos processos museológicos

Versão revisada

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação integral deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

A663 Araujo, Olga Susana Costa Coito e.

Os idosos como público de museus / Olga Susana Costa Coito e Araujo ; orientadora Marília Xavier Cury. -- São Paulo, 2016.

162 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, 2016.

1. Museu. 2. Idoso. 3. Estudo de recepção. 4. Público. 4. Envelhecimento. I. Cury, Marília Xavier. II. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia. III. Título.

DEDICATÓRIA

Aos filhos Beatriz e Daniel,
por crescerem e voarem junto comigo nesta aventura do conhecimento,
partilhando ansiedades e alegrias.

AGRADECIMENTOS

Aos que apoiaram a vontade de fazer pesquisa:

Aos meus pais Fernanda e Francisco, por serem e ensinarem a ser perseverante;

Ao Edison, Luiz, Joca e Pedro que acreditaram que devia seguir em frente;

À família do Brasil e ao meu irmão, por apoiarem e incentivarem esta escolha;

Ao meu companheiro, Fernando, pelo amor, por compartilhar a vida de forma tão comprometida;

A todos os que ajudaram a concretizar esta pesquisa:

Aos professores da Pós-graduação que foram inspiradores;

À Biblioteca do MAE e Biblioteca do Centro de Estudos do Museu Republicano, pelas muitas ajudas;

À professora Prof. Dra. Cristina Bruno que me atendeu, quando quis entrar neste barco, e à professora Prof. Dra. Heloisa Barbuy que pediu para não “entregar a toalha”;

Aos colegas de curso, à Ana Luiza, e aos colegas da primeira turma de 2012, em que fui aluna especial, onde começou a epopeia;

A Dawn Carroll, Hamish Robertson, Maria Vlachou, Melissa Smith pelas informações disponibilizadas;

Às equipes do Museu Republicano “Convenção de Itu” e Centro de Estudos e à equipe do Museu da Energia no Núcleo de Itu – a todos sem exceção, pela generosidade de partilharem o seu cotidiano, aos entrevistados Aline, Ana, Fernanda, Maria Aparecida pela honestidade e transparência.

Aos cidadãos de Itu, agentes de turismo e cultura, que me acolheram na sua cidade;

Aos idosos que há mais de uma década têm compartilhado comigo as suas vidas;

À CAPES, à USP e ao Brasil por possibilitarem a oportunidade de realizar um sonho.

À minha orientadora Prof. Dra. Marília Cury, pelo seu apoio, sabedoria e alma de pesquisadora.

RESUMO

Os Idosos Como Público de Museus

A pesquisa exploratória e metodológica debruça-se sobre as relações estabelecidas entre museus e idosos e procura entender como, na prática, a museografia aborda o público idoso, como resultado da expansão de públicos, com embasamento nas políticas de inclusão sócio cultural, diretrizes e regulamentações museológicas e políticas socioculturais desenvolvidas com aumento do número de cidadãos com 60 anos e mais como grupo etário no Brasil e dentro da tendência de envelhecimento da população mundial. A museologia explora a função social por meio da comunicação e salvaguarda no processo curatorial. O processo de envelhecimento e a musealização podem ser bem-sucedidos estabelecendo relações de comunicação e interação sociocultural, proporcionando aprendizagens ao longo da vida e diálogo intercultural contemplando as necessidades de atividades da vida diária e de lazer, contemplando necessidades, vivências, interesses e motivações, como forma adaptativa para a vida destes indivíduos, agregando conhecimentos interdisciplinares de estudos sobre envelhecimento, a partir da gerontologia. O grupo designado de “idoso” remete para uma diversidade de categorizações culturais de indivíduos, que pode ser um trunfo ou freio, mas certamente um desafio para o relacionamento com a museografia. A pesquisa de recepção como metodologia possibilita observar uma proposição conceitual, destacando a necessidade de se conhecer os idosos como público potencial de museus (visitantes e não visitantes), explorando o contexto das instituições museológicas e apontando diversas escolhas museográficas possíveis que condicionam as propostas de relacionamento com o público, com vista ao impacto positivo nos idosos e nos museus.

Palavras-chave: Museu; Idoso; Estudo de recepção; Público; Envelhecimento

ABSTRACT

The elderly as museum audience

The exploratory and methodological research focuses on the relations between museums and elderly, and seeks to understand how, in practice, museography covers elderly population since a result of expansion of public, with grounding in the social and cultural inclusion policies, guidelines and museological regulations and socio-cultural policies developed from the increase number of citizens aged 60 and over in Brazil, within the aging population trend. The museological communication and safeguarding can explore the social function in the curatorial process seeing that the process of aging and musealization can be successful establishing relationships and socio-cultural interaction and intercultural dialogue providing lifelong learning considering the needs of the elderly audiences, the daily life activities and leisure times, experiences, interests or motivations taking into account adaptations to the aging process and adding interdisciplinary knowledge of studies on aging from gerontology. The elderly group refers to a diversity of cultural categorizations of individuals who can be an asset or a brake to the relationship with museums in practice. Reception research is a methodology that has developed a conceptual proposal that enables understanding elderly as potential audience (visitors and non-visitors), exploring the institutional context as approaches and partnerships, and analysing museographic choices, because these are condition of practices “in” museums, reviewing challenges and / or opportunities enabling a museographic relationship with a view to impact on the life of both, elderly and museums.

Key-words: Museum; Elderly; Reception studies; Audience; Aging

Nem a juventude sabe o que pode, nem a velhice pode o que sabe

José Saramago

Every museum should have the ambition to change people's lives; Every museum is different, but all can find ways of maximising their social impact.

David Fleming

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Adaptação do <i>google maps</i> à análise espacial dos museus com área envoltória, 2016	66
Figura 2 - Foto da fachada do Museu Republicano “ Convenção de Itu”	67
Figura 3 - Entrada de visitantes idosos no “Museu Republicano, Maio, 2016	68
Figura 4 - Saguão de entrada do Museu Republicano,2016	69
Figura 5 - Escada de acesso ao primeiro piso, 2016	69
Figura 6 - Escada para descida proposta pelo roteiro,2016	70
Figura 7 - Exposição de longa permanência, 2016	70
Figura 8 - Percurso que dá para a Sala da Convenção – exposição de longa permanência, 2016	71
Figura 9 - Acesso ao jardim e exposição temporária e espaço educativo, 2016	71
Figura 10 - Exposição com acervo arqueológico, 2015	75
Figura 11 - Exposição longa duração com acervo de artes decorativas, 2015	75
Figura 12 - Planta térrea do MRCI em que as salas a cinza são de exposições Temporárias	76
Figura 13 - Registro de grupos do Museu Republicano. Livro de registro de 2014	78
Figura 14 – Edifício do Museu da Energia e “Becão” (Passeio Marcos Steiner	

Neto), 2016	80
Figura 15 - Entrada de grupo de idosos da cidade de Campinas, Março, 2016.	80
Figura 16 – Área de recepção do Museu da Energia, 2016	81
Figura 17 - Jardim do sobrado equipado para área de descanso e convívio, 2016	81
Figura 18 - Primeiro Piso início da exposição de longa duração, 2016	82
Figura 19 - Sala do educativo (primeiro piso), 2016	82
Figura 20 - Exposição temporária Os Ituanos e a Chegada da Luz, 2015	85
Figura 21 - Ambiência das exposições temporárias Os Ituanos e a Chegada da Luz, e Fontes e Chafarizes, 2015	86
Figura 22 - Paineiro informativo da exposição temporária Fontes e Chafarizes, 2015.	86
Figuras 23 - Campanha da semana de museus 2016	91
Figura 24 - <i>Memorie Walk</i> - Atividade específica para idosos sem agendamento, dentro do <i>Programa House of Memories</i> , 2016. (Site dos Museus de Liverpool – 7 museus em rede no Reino Unido)	95
Figura 25 - Atividades não específicas para idosos, parte dos Programas da Fundação Gulbenkian com necessidade de agendamento, 2016. (Site da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa – Portugal)	95
Figura 26 - Atividade de voluntariado na digitalização de acervos - Programa <i>DigiVol</i> , não específico para idosos, 2015. (Site do <i>Australian Museum</i> de Sydney - Austrália)	96
Figura 27 – Visitantes e funcionários na década de 40	101
Figura 28 e 29 – Registro fotográfico de visitaão à Exposição “Traços e Troças” s/d	102

Figura 30 e 31 – Registro de idosos como público no entorno dos museus: Evento cultural Praça da Matriz de Itu (esquerda) e evento organizado pelo Museu da Energia “Arte no Beco” (direita) - 10/08/2015	102
Figura 32 e 33 - Registro fotográfico de visitação de um grupo de idosos de Campinas ao Museu da Energia no dia 17/03/2016.	103
Figura 34 – Triangulação museográfica para estabelecer relações museológicas com idosos	105
Figura 35 – Mapa mental de categorização de abordagens museográficas	106
Figura 36 – Informação das ações educativas desenvolvidas pelo ME. 2016	108
Figura 37 e 38 – Atividade sociocultural bordando os azulejos do acervo – Programa Debaixo do Pé de Pitanga – atividades do projeto educativo em parceria com Grupo Reinações - Artesanato e Literatura do programa Ler é uma Viagem, no Museu Republicano (04 de maio de 2016)	114
Figura 39 – Fazer bonecas de pano. Sessão do programa Debaixo do Pé de Pitanga-23 /10/2015, no Museu Republicano	119
Figura 40 – Mediação de Leituras. Sessão do programa Debaixo do Pé de Pitanga -23 /10/2015, no Museu Republicano	119
Figura 41 e 42 – Programa Dedo de Prosa – projeto sociocultural em andamento no Asilo NS. Da Candelária em Itu, sessão 28/03/2016	123
Figura 43 e 44 – Experimentação de encontro do grupo Reinações e Projeto Creche: Quero Mais Vida, de Itu no dia 27/04/2016, no MRCI	124
Figura 45 – Evolução processual do estabelecimento de relações museográficas	127
Figura 46 - Proposição conceitual para o relacionamento ds idosos nos museus	134

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - População com idade dos 0-4,0-14 e com idade de 60 ou superior, 1950-2050 33

Gráfico 2 - Distribuição das pessoas com 60 anos ou mais segundo categorizações de grupo de idade, sexo, cor, situação de domicílio e condição 35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Evolução de públicos fora dos museus em reflexões museológicas (Pós II Guerra Mundial até atualidade)	28
Quadro 2 - Evolução da população idosa residente no município de Itu a partir de dados do IBGE	60
Quadro 3 - Técnicas e fontes metodológicas	63
Quadro 4 - Visitação anual dados fornecidos pelo serviço educativo MRCI	79
Quadro 5 - Visitação anual dados fornecidos pela coordenação do ME	88
Quadro 6 - Instituições com relações museográficas com idosos, informações vinculadas pela internet. Informação extraída do Quadro no Anexo, compilado em 2015 e 2016	94
Quadro 7 - Abordagens museográficas com idosos MRCI	110
Quadro 8 - Abordagens museográficas com idosos ME	111
Quadro 9 - Organizações de relacionamento com idosos	112
Quadro 10 - Depoimento de idosos durante visitas aos dois museus (acompanhamento de visitação turística por ocasião da Copa do Mundo de Futebol 2014 e visitação de grupos e idosos sozinhos que estiveram no museu no primeiro semestre de 2016)	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAVD	Atividades avançadas da vida diária
ABVD	Atividades básicas da vida diária
AIVD	Atividades instrumentais da vida diária
AMARC	Australian Museum Audience Research Center
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CESP	Companhia Energética de São Paulo
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EU	European Union (União Europeia)
GAM	Grupo para Acessibilidade nos Museus
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	International Council of Museums (Conselho Internacional de Museus)
LEM	The Learning Museum Project
ME	Museu da Energia – Núcleo de Itu
MINOM	Movimento Internacional para uma Nova Museologia
MRCI	Museu Republicano “Convenção de Itu”
MP	Museu Paulista
OMS	Organização Mundial de Saúde (WHO – World Health Organization)
RCMS	Research Centre for Museums and Galleries
SISEM	Sistema Estadual de Museus (SP)
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I – MUSEOLOGIA E O IDOSO COMO PÚBLICO	21
1.1 Desenvolvimento da Função Social na Museologia	22
1.2 A Expansão do Público nos Museus	26
CAPÍTULO II – QUEM É O PÚBLICO IDOSO DENTRO DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.....	32
2.1 Envelhecimento um Processo Diverso.....	34
2.2 Os Idosos na Museologia	43
2.3 Das Ações aos Programas Museológicos.....	54
CAPÍTULO III – OS IDOSOS, UMA CIDADE, DOIS MUSEUS	58
3.1.1 A Cidade de Itu.....	58
3.1.2 Os Idosos em Itu - Sociodemografia.....	60
3.2 Estudo de Recepção como Metodologia	61
3.3 Os Museus de Itu	64
3.3.1 Museu Republicano “Convenção de Itu”- Extensão Museu Paulista	67
3.3.2 Museu da Energia – Núcleo de Itu.....	79
CAPÍTULO IV – OS IDOSOS NO MUSEU – ANÁLISE DE DADOS.....	89
4.1 O Dilema da Diversidade dos Idosos	92
4.2 Abordagens, Desafios e Oportunidades.....	106
4.3 Proposta Conceitual Para os Idosos nos Museus	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	142
ANEXOS	151

INTRODUÇÃO

A análise de abordagens museológicas com recorte nos idosos como público de museus é uma reflexão necessária considerando o envelhecimento populacional que permeia as sociedades na atualidade.

A pertinência do tema ressalta pelo aumento do número de cidadãos com mais de sessenta anos como grupo etário no Brasil (a tendência de envelhecimento da população mundial) e a experimentação de programas educativos no âmbito da museologia com foco no idoso. Deste modo o aprofundamento de estudos com este objeto surge pela necessidade de pesquisas acadêmicas, em especial na museologia brasileira.

O relacionamento com o público idoso faz parte das estratégias de democratização dos museus, pelas diretrizes nacionais e internacionais da área museológica, mas também das políticas culturais e sociais, e estudos sobre envelhecimento para promover a inclusão dos cidadãos.

A busca por compreender porque as relações museográficas ainda ficam aquém das diretrizes e normatizações, que nos últimos dez anos têm sido construídas, aponta para uma dinâmica de resistências e conflitos que levam a adesões de forma parcial sobre recursos, prioridades e entendimento da utilidade ao nível do senso comum, sendo esse o dinamismo que define a mudança social e cultural.

Dentro da linha de pesquisa das teorias e método de gestão patrimonial e dos processos museológicos, esclarece-se como objetivo geral refletir como os idosos são pensados dentro do quadro teórico de expansão de públicos e na *práxis* como se desenvolvem ações aplicadas.

Revelando os idosos como público enfatiza-se a necessidade de entendê-lo como grupo e como indivíduo diverso, recolhendo subsídios interdisciplinares, coletando dados de outras áreas de conhecimento que auxiliem a caracterizar e entender este público. Campos como a gerontologia, demografia, história e estudos sociais que analisam através dos seus quadros metodológicos os idosos exploram conhecimentos que podem subsidiar as abordagens museológicas.

Neste sentido, a pesquisa volta-se para o estudo de recepção como modo de entender as relações estabelecidas entre o museu e o público idosos enfatizando o contexto institucional, ou seja, o entorno, as parcerias possíveis, os recursos, relações institucionais, os vários públicos, os vários acervos, história e

missão dos museus, experiências anteriores, interesses e motivações dos idosos, e necessidades de ambos idosos e museus.

A hipótese de pesquisa assenta na ideia de mudança social que leve ao bem-estar dos idosos como indivíduos culturais e que a museologia pode contribuir para beneficiar esta postura, mas tendo em conta que a instituição museal pode beneficiar-se desta relação, com um indivíduo que estabelece a sua posição por meio de um trabalho de memória e vivências. O público idoso e o museu fazem parte de uma equação que tem tudo para dar certo.

Para fechar esse objetivo geral, precisa-se explorar objetivos específicos que se alcançaram no decorrer da pesquisa através do apuramento de categorias que mostraram ser possível: *caracterizar* tipologias de idosos com que os museus se propõem trabalhar, apontar *abordagens* adotadas ou possíveis para atender este público, e *registrar* desafios e oportunidades com que se tem de lidar para concretizar a relação museográfica.

Entender a função social da museologia e como a expansão de públicos nos museus direciona esta necessidade para atender o idoso, destacando o idoso diverso que como ponto de partida para perceber como ele se posiciona na museologia - disciplina ou área de conhecimento - e como é abordado na museografia, ou seja, como na prática o público é pensado no que concerne “à administração do museu, à salvaguarda (conservação preventiva, restauração e documentação) e à comunicação (exposição e educação)” (DEVALLÉS et al, 2013,p.58).

A problematização remete para a possibilidade de lidar com o envelhecimento bem-sucedido da população idosa, conceito ligado aos aspetos positivos do envelhecimento que desde os anos 60 passou a ponderar-se a velhice para além de associações à doenças, à inatividade e contração da ideia de desenvolvimento (NERI, 2005), assim a museografia através de atividades socioculturais e mnemónicas, estabelece a possibilidade de ação comunicacional para o desenvolvimento da função social da área, mas também focos museográficos dentro da curadoria como a salvaguarda e a pesquisa, áreas de atuação onde são possíveis estabelecer relações com este público.

Para investigar estabelece-se uma metodologia composta por diferentes técnicas através do multimétodo. A pesquisa bibliográfica recorre ao levantamento de estudos sobre o posicionamento social da museologia e expansão de públicos, após a segunda guerra mundial, abordam-se conceitos que acompanham a transição da museologia dita tradicional, centrada no objeto, para a museologia

voltada à sociedade e na sua relação com a herança patrimonial musealizada, privilegiando-se leituras sobre comunicação museológica.

Consequentemente acredita-se na importância de estudos interdisciplinares e obras que lidam com os conceitos do processo de envelhecimento, e terminologias que auxiliem a caracterização dos cidadãos com sessenta e mais anos, e ponderam-se conhecimentos que se desenvolvem a partir destes conceitos na gerontologia, seja pela vertente da demografia, psicologia ou pelos estudos com enfoque biofísico do envelhecimento e outros que remetem para discussões mais psicosociais e culturais. Para além de obras e trabalhos acadêmicos referenciados no Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, leituras trabalhadas nas disciplinas realizadas durante o mestrado do Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia da USP, utiliza-se como fonte pesquisas no Google acadêmico, Academia, Issuu, que serviram de suporte para levantar publicações internacionais e nacionais adquiridas e obras online. Sites e/ou blogs de instituições museais ou similares, que desenvolvem trabalho com idosos foram fontes de dados que subsidiaram reflexões pois alguns autores publicam documentação de pesquisa museológica e procedimentos em projetos, bem como documentos de avaliação e parcerias com que trabalham para a justificação teórico ou metodológica para este tipo de relações às quais tivemos acesso.

Consideram-se na análise as abordagens de estudos de caso sobre os idosos em museus, ao nível internacional e nacional, e a observação participante no *locus* da cidade de Itu: no Museu Republicano “Convenção de Itu” e no Museu da Energia – Núcleo de Itu, por isso, as abordagens já existentes auxiliaram a concluir a metodologia para a elaboração de uma proposição conceitual.

Coletaram-se dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e dados empíricos no terreno para caracterizar os idosos no *locus*. Para categorizar as abordagens utilizou-se a documentação museológica, bibliografia da história dos museus e da cidade, privilegiando-se o método de observação participante como parte do método de coleta de dados, por meio de acompanhamento de visitas de idosos a atividades desenvolvidas nos museus, e fora deles, e entrevistas ao público e parceiros com ligação a estes cidadãos com registros visuais e sonoros, para se alcançar o entendimento do entorno das instituições. Questionando-se a categoria de público interno estruturaram-se entrevistas aos coordenadores/supervisores e responsáveis de educativo que trabalham nos museus.

O instrumento investigativo permite constatar o que é teorizado pela museologia com enfoque dado pelos estudos do envelhecimento, e as práticas que se observam, tanto através da fala dos entrevistados, como através da observação de outros agentes museais, que fazem parte do relacionamento de atendimento e gestão, bem como por meio de dados da coleta de depoimentos orais de idosos participantes em visita nos museus e no entorno, alguns distantes da prática de visita.

A sistematização e análise dos dados, por meio dos embasamentos teóricos do início da pesquisa, concretiza-se por meio de procedimentos analíticos qualitativos e após a análise dos casos estudados via internet e da coleta empírica no *locus*. Dados cuja análise possibilitou uma proposição conceitual que viabilize relações museográficas.

O trabalho organiza-se em quatro capítulos. Inicialmente o “Capítulo I – Museologia e o idoso como público” esclarece o desenvolvimento da função social dentro da museologia mencionando-se autores que auxiliam a definir a epistemologia desta área de conhecimento, na segunda metade do século 20, e o seu objeto de estudo, subsidiam o posicionamento dentro das ciências sociais e a interdisciplinaridades como metodologia de trabalho da museologia. Neste capítulo aborda-se a expansão de público nos museus e as trajetórias museológicas e museográficas decorrentes da modificação social a que os museus se tiveram de adaptar.

No “Capítulo II – Quem é o público idoso dentro do processo de envelhecimento” consideram-se explicações sobre o processo de envelhecimento e a diversidade de idosos que o compõem. Reforça-se que a interdisciplinaridade auxilia a compreensão deste grupo como público. Mencionando a diversidade de idosos na museologia já se reconhecem algumas abordagens com a segmentação desta tipologia de público através de projetos e programas que nos últimos anos se têm desenvolvido, em especial em países onde o envelhecimento populacional já é uma realidade existente há mais tempo.

Em seguida, o “Capítulo III – Os idosos, uma cidade, dois museus” apresenta a cidade de Itu pontuando-se aspectos socioculturais e dados de caracterização geográfica considerando-se também uma caracterização sócio demográfica com recorte no idoso. Pela necessidade de abordar o *locus* de pesquisa empírica explicita-se neste capítulo a metodologia de recepção, usada na investigação, de modo a considerar a investigação nos museus. Em decorrência deste método analisam-se os museus, por meio de entender o processo de musealização

apresentando-se aspetos relacionados com a tutela, as missões, a comunicação institucional e museológica bem como a caracterização de público disponível em cada um deles.

Finalmente, no “Capítulo IV – Os idosos no museu” discute-se como as normatizações e diretrizes acabam por ser aceites na prática social e especificamente na museografia. As tipologias de idosos dentro da diversidade derivada das condicionantes biológicas psicológicas e socioeconômicas do cidadão acabam por condicionar as relações museográficas. Este público acaba por se relacionar nos museus através de diversas abordagens por meio de escolhas museográficas estabelecidas através de desafios ou oportunidades que os museus têm de enfrentar interagindo com o contexto institucional. Descrevem-se dados obtidos no enfrentamento de intervenções museográficas e expondo relações museológicas com possibilidade de serem estabelecidas, bem como a concretização de uma proposição conceitual que poderá ser adotada para concretizar relações que beneficiem idosos e museus.

Chega-se às considerações finais em que as relações idosos/museus nem sempre são valorizadas ou percebidas, mas partindo de considerações teóricas mencionando-se a proposição de metodologia que permite elaborar propostas, analisam-se as opções museográficas e o entorno, visando as potencialidades dos idosos como público de museus.

NOTA PRELIMINAR:

As fontes ou fotos atribuídas a Susana Costa Araujo são da pesquisadora autora desta dissertação, que utiliza esta forma de identificação como abreviatura do seu nome Olga Susana Costa Coito e Araujo

CAPÍTULO I – MUSEOLOGIA E O IDOSO COMO PÚBLICO

Tradicionalmente os museus refugiavam-se de controvérsia e debates, hoje não pode ser assim, o museu é um monte de coisas diferentes para pessoas diferentes, contam-se histórias relevantes que emocionam através das coleções. Trabalhar com o público não será fazer tudo o que ele quer, será assumir a responsabilidade de tomar decisões, depois de descobrir o que se passa no mundo real, ser um bom ouvinte e tocar as pessoas (FLEMMING,2015, p. 1-2, tradução nossa):

A museologia exerce a função social a partir de metodologias de trabalho com as suas coleções. Como abordagem “social”, refere-se o conhecimento museológico disponível para toda a sociedade, de modo acessível, e que seja participativo na mudança social. Capaz de tornar-se um “fórum” democrático (CAMERON,1971), um lugar de discussão e de representações diversas e que deste modo a ação de musealização seja reflexo da participação social de grupos e indivíduos, outrora excluídos ou que não se sentem representados através de práticas museográficas.

O termo “museu” remete para todo o lugar sobre o qual a museologia tem o intuito de agir, embora segundo a definição do ICOM adotada em 2007 na Conferência de Viena seja considerado “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público (...)” (ICOM, 2015) reforçando a abordagem social a *Museums Association* do Reino Unido define que “os museus permitem às pessoas explorar coleções para se inspirarem, para aprenderem e para se divertirem. São instituições que colecionam, salvaguardam e tornam acessíveis objetos e espécimes, que gerem em nome da sociedade”¹.

É preciso assumir que as instituições museais são (e sempre foram) revestidas de um exercício político, no entanto a procura da defesa da cidadania e da possibilidade de se sentirem representados diversos grupos sociais originaram-se “novas formas de afetividade, respeito mútuo e indignação”, como é referido pelo MINOM, a museologia deve ter a

capacidade de escuta e que reconheça: - As diferenças de ritmos, atitudes, tempos, materialidades, territorialidades e linguagens que favoreçam os movimentos sociais; [...] o carácter dinâmico da memória e a importância de dialogar com o seu tempo; [...] perspectiva libertadora e do respeito pela dignidade humana (MINOM,2013).

¹ Definição disponível em < <http://www.museumsassociation.org/ethics/code-of-ethics> > adotada em 1998 (tradução nossa) Acesso em: 10 jun. 2015

Pode questionar-se o posicionamento social de grupos, como os idosos nos museus, pelas novas maneiras de musealizar, independentemente da tipologia de museus deverá conseguir-se nos processos museais abarcar as suas narrativas.

O conceito de coleção foi sendo substituído pela noção de herança patrimonial, chegando aos públicos em suporte físico ou digital e que remete para o patrimônio material e imaterial. Entendendo que intrinsecamente um não existem sem o outro, ou defendendo-se que ambos se entrecruzam, nessas condições os bens podem ter uma materialização mais próxima ou mais distante dos próprios objetos.

Para o grupo de idosos, tal como para outros grupos, as abordagens museológicas tanto podem ser inclusivas como representar a exclusão de indivíduos mesmo que exista um objetivo teórico conceitual integral². Deste modo para entender se as premissas museológicas se aproximam das estratégias museográficas é necessário observar o que efetivamente é feito e o seu propósito.

A definição de grupo idoso tem camuflada uma diversidade de atores sociais e culturais que remete para especificidades que influenciam a produção do enunciador/emissor da comunicação museológica, bem como a mensagem, isto significa que a própria relação de participação do público idoso com o museu vai influenciar a abordagem e resultado final.

1.1 Desenvolvimento da Função Social na Museologia

Desde meados do século XX que a museologia expande a tríade conceitual de homem/objeto/cenário por conseguinte passam a adotar-se conceitos como sociedade/patrimônio/território e alicerça-se a distinção epistemológica entre a museologia com “orientação filosófica e conceitual” e a museografia como a vertente aplicada da “experimentação nos museus” (BRUNO, 2006, p.8).

A produção acadêmica e a construção do campo de conhecimento constata-se nestes dois campos de análise. De acordo com Cristina Bruno, na sintetização do conhecimento museológico, a produção acadêmica tem-se dedicado a

² Conceito vinculado ao trabalho em museus, desde a Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972 e que alicerça mais tarde as reflexões da museologia social, “um museu deve levar em consideração a totalidade da sociedade na qual está inserido, para se colocar a seu serviço e se organizar em consequência, e fica claro para os museólogos conscientes que o seu lugar na sociedade e dos agentes sociais é o de buscar um conjunto de soluções” (VARINE, 2008, p. 15)

entender os “caminhos entrelaçados” através de linhas de investigação distintas: pesquisas teóricas que procuram “elucidar os elementos constitutivos do campo de conhecimento”, estudos ligados à historicidade dos tipos de abordagens e investigações numa linha vocacionada para “diagnósticos e análise de experiências museológicas” (2006, p.10).

A museologia latino-americana tem registrado grande participação nas discussões conceituais, mas também nas experimentações museográficas em especial desde os anos 70 do século passado.

Recuperando o conceito de museologia real e museologia sonhada, de Waldisa Rússio Guarnieri (1989)³ pretende-se refletir como é possível estreitar estas dimensões analisando mecanismos tanto teórico-metodológicos como práticos produzidos, para “um fazer museal inclusivo e democrático” que assente nos princípios da salvaguarda (conservação e documentação) e da comunicação (exposições e ação educativa) tendo como parâmetros elementares a pesquisa e preservação (BRUNO, 2006, p.7).

As “três estacas fundamentais” sociedade/ patrimônio/ território na museologia remetem para “uma matriz para o pensamento e a prática museal” como refere Mário Chagas (1996, p.31). A definição destes alicerces tem sido desenvolvida e compilada por vários autores através do ICOM - International Council of Museums que procuram definir o objeto de estudo deste campo de conhecimento, nem sempre de forma consensual, mas mais em forma de complementaridade. O fato museológico conceito, decorrente do pensamento de Waldisa Rússio Guarnieri, abrange as interrelações da tríade de modo “aberto e arejado” (CHAGAS, 1996) na construção do campo de conhecimento pelas próprias exigências interdisciplinares que a museologia vem defendendo (GUARNIERI, 1983; 1990 apud BRUNO, 2006; CHAGAS, 1996; MAIRESSE & DESVALLÉES, 2005).

A noção de sociedade neste trabalho remete para o enfoque de comunidade ou grupo social, mas também em sentido mais restrito para uma tipologia de público ou a totalidade dos indivíduos no enfoque social da museologia, constata-se que é a lente adotada pelo profissional de museus que vai ampliar a noção social que o museu possui.

³ GUARNIERI, W. R. C.. A presença dos museus no panorama político-científico-cultural, (p.195-202) (1989) In: BRUNO, M.C.O. (Coord.) **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado Secretaria de Estado da Cultura; Comité Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010

O território depende do recorte de espaço musealizado em que os profissionais e sociedade exercem a relação do patrimônio seja o edifício museal, uma instituição, um parque natural ou uma cidade.

O patrimônio, que substitui o termo coleção, pode efetivamente ser um conjunto de objetos, no entanto de acordo com Cristina Bruno numa visão mais abrangente reconhece-se a herança patrimonial⁴ como conceito gerador de musealização, revela-se através da “memória” como Mário Chagas define “a representação do passado no presente” (1996, p.90).

Peter Van Mensch constata que uma das tendências do conhecimento museológico se desenvolve a partir do estudo da relação específica entre o homem e a realidade, com um foco mais sociológico. O professor de museologia holandês coloca nesta vertente o pensamento de Waldisa Russio Guarnieri e junta autores como Gregorová, Stransky, Gluzinski (MENSCH, 1994, p.11-13), reconhecendo ainda outras definições que constituem o estabelecimento do objeto de conhecimento desta área: os estudos assentes na musealidade, a organização dos museus, o foco no conjunto de atividades relativas ao uso e preservação da herança patrimonial e natural e ainda autores que defendem que o objeto de conhecimento está no estudo dos objetos de museu(1994).

A preservação, pesquisa e comunicação são abordagens ao patrimônio musealizado, que para Cristina Bruno é a maneira de aproximar “os objetos interpretados aos olhares interpretantes” (2006, p.13). Seguindo o percurso preservacionista dos museus estabelece-se paralelamente um percurso comunicacional e social que ocorre desde os anos 70 do século passado (Conferência de Santiago do Chile,1972; Quebec, 1984; Lisboa, 1985; Caraças, 1992).

Conceitos como a socialização do conhecimento museológico e a ideia de “dessacralização dos museus” conforme é referida por Heloisa Barbuy (1995, p.209) remetem para uma ação transformadora do museu tradicional e da sua relação com o público.

As abordagens comunicacionais e sociais, são desafios que se relacionam com a proposta deste estudo notando-se uma mudança no contexto global da museologia, do ponto de vista de Manuelina Duarte Candido reforçam-se aspetos

⁴ Informação verbal fornecida por BRUNO, Maria Cristina Oliveira - Anotação de aula - Disciplina: Princípios teóricos e metodológicos lecionada de 06/08/2012 a 14/10/2012, na Pós-graduação Interunidades em Museologia USP/SP.

da mudança do pensamento museológico notando-se esse acompanhamento também em contexto brasileiro

A reavaliação do objeto de estudo da Museologia e do foco de atuação dos museus deslocou-se entre a coleção e as relações do homem com o seu patrimônio. Grandes alterações também se fizeram sentir na **relação museu-público** e, especialmente na redefinição de seu **papel social** (2003, p.45, grifo da autora).

Os museus aproximam-se mais de formas de uma gestão tradicional ou de formas mais “emergentes” de participação dialógica, conforme Marília Xavier Cury (2014) dá a entender, destacando os dois paradigmas de museu que Zavala considera, após as transformações ocorridas por meio das ciências sociais e sua abordagem interdisciplinar (2003). O tradicional, entre outras características, tem a autoridade exercida pelos especialistas de museus, herdada pela tradição elitizada do século XIX, enquanto o emergente aposta num visitante ativo e autônomo na construção dos elementos a serem considerados por meio de uma gestão compartilhada. No entanto, para se alcançar este último modelo que existe como ideal, a experimentação é a prática que se revela no contemporâneo e que se materializa em características de museu em transição com a possibilidade de aproximação ao museu emergente (CURY, 2014). Um museu onde se contempla a diversidade, a diferença, a memória e identidade no plural, com narrativas múltiplas e multivocalizadas. Inclusivo, crítico e contestador com uma significação aberta, este museu procura uma comunicação com capacidade de diálogo, em mudança e permitindo o trabalho do patrimônio com muitas possibilidades de (re) interpretação como ponte de aproximação de culturas. Uma instituição museal precisa do público, mas na forma ideal “emergente” é o público, em que os curadores são os profissionais e o público, usando-se a primeira pessoa gramatical para construir as narrativas (CURY, 2014, p.65 e 66).

A dissertação aborda a diversidade dentro de um grupo específico ou procura ver este grupo na diversidade social, então é preciso demonstrar como a museologia e suas instituições, com seus diferentes tipos de acervos e tutelas, se podem relacionar tendo como premissa a inclusão, valorizando a memória na construção presente e permitindo a mudança social.

A Museologia tem possibilitado uma singular contribuição no que se refere à valorização da autoestima dos indivíduos e das sociedades, como também tem colaborado com o refinamento da noção de pertencimento (BRUNO, 2006, p.18).

Cristina Bruno apresenta desafios que podem incluir o refinamento das metodologias de trabalho no cotidiano museológico, passando por procedimentos de

planejamento e avaliação, promovendo o olhar museológico, de modo a potencializar o processo de musealização, “ampliando espaços de ação e desdobrando conteúdos” (2006, p.18).

Considerando o museu como território onde está inserido e estando ao serviço da sociedade, não só de especialistas e “amadores”⁵, Hugues de Varine constata é necessário encontrar “um conjunto de soluções provenientes de uma observação e de uma escuta das comunidades do entorno” (2008, p.15) para que se contribua com a defesa de uma abordagem num sentido mais participativo dos grupos, dentro da museologia e da museografia.

1.2 A Expansão do Público nos Museus

Admitindo que a expansão do público nos museus tem um caminho longo, tanto quanto a história da própria instituição museu, assinala-se que a historiografia museológica tem relatado o seu percurso. Refletindo desde o período de abertura de portas a especialistas, passando pela criação de bilheteiras que permitem a entrada do chamado público em geral, destaca-se o acesso do público não especializado porém esta abrangência varia tanto temporalmente como espacialmente, conforme os países e estudos de caso.

Considerar o público é designar o conjunto de usuários do museu ou que com ele estabelecem relações extrapolando-se para a noção de comunidade, e aqueles que deveriam beneficiar-se com os seus serviços (DEVALLÉS et al, 2013) e que ocupam um papel central na museologia.

O público passa de uma categoria de passividade para ator de uma “revolução” que ocorre desde metade do século XX, o visitante transforma-se na reflexão dos próprios profissionais, podendo na pós-modernidade aceitar-se o público de museu como “cliente” como defende Stephen Weil, pesquisador americano. Esta metamorfose e a evolução das premissas dos modelos comunicacionais, destacam o público como receptor ativo ou empoderado seja por originar novos tipos de museus, seja por alterar o próprio discurso museológico de “inculcação” para um lugar de fórum e debate referindo-se a Duncan Cameron (WEIL,1997).

⁵ Expressão que remete para o público especialista em determinadas áreas de conhecimento, ou pesquisadores, com entendimento e interesse nos acervos.

A museologia precisou adaptar-se e equacionar paradigmas de como lidar com o público da expansão dos sistemas educativos, do crescimento da indústria do turismo e da evolução das cidades acompanhada do êxodo rural, mas mais recentemente com o destaque de grupos sociais ou movimentos de afirmação e de públicos que reclamam direitos de acessibilidade, tudo isto com o desenvolvimento dos meios de comunicação.

Estes públicos caracterizam a pós-modernidade, com alterações sociais que se contextualizam com “o fim da sociedade industrial e que conduz a uma reorganização do poder político e econômico resultando em novas identidades” (LOURENÇO, 2014, p.3). Para Martín-Barbero é o início da chamada sociedade de informação, de consumo e da cultura de massa, mas também da contra-cultura (1997).

As portas abrem-se ao heterogêneo e novos museus surgem para e, com colaboração da diversidade social. O “outro” que até aqui não fazia parte dos museus destaca-se teoricamente na museologia. Se esta tendência se destaca em países europeus, ela acaba por chegar à América Latina, neste século mesmo que a diferentes ritmos dentro de cada país apresentam-se categorias de públicos a serem incluídos, que aparecem sob diversas formas que vão sendo incorporadas às abordagens práticas ou equacionadas de forma diferente.

Os públicos excluídos fora das elites até à II Guerra Mundial começam a ser pensados pelos trabalhadores de museus, depois defende-se um espaço que dê acesso ao público de classes não representadas até aos anos sessenta do século passado, nos anos 80/90 incluem-se na discussão museológica as pessoas com necessidades especiais ou adaptadas (e dentro destes enquadrava-se o público idoso por reforço da ideia de limitações físicas). Já neste século a museografia enfoca públicos que continuam a não estar representados e destaca-se o trabalho dos museus com públicos do entorno ou grupos sociais ligados a minorias silenciadas nas narrativas museológicas, o que origina abordagens e a construção de instituições que destacam a sua posição no tecido sociocultural. Atualmente, a discussão estende-se a públicos migrantes, como acontece na Europa, quando é imperativa a reflexão sobre indivíduos que coexistem nos territórios recentemente, naquilo que se chama vivência de interculturalidade⁶.

⁶ O conceito de interculturalidade é tratado na tese de doutorado de CARVALHO, Ana, **Diversidade cultural e museus no séc.XXI**: O emergir de Novos Paradigmas-2015 na especialidade de Museologia, doutorado em História Filosofia da Ciência. A autora refere-se ao conceito que pode configurar uma dinâmica de negociação cultural “que assenta numa estratégia de mediação mais centrada no diálogo e na interação de diversas culturas” (p.17), conceito que dialoga com multiculturalismo e diversidade cultural.

Quadro 1 – Evolução de públicos fora dos museus, em reflexões museológicas (Pós II Guerra Mundial até atualidade). Fonte: Susana Costa Araujo.

Sustenta-se que a visão do *outro* no meio de *nós* transversalmente abrange o público idoso, assumindo o *outro* como o idoso, todos podem ser o *outro*, na perspectiva de enfrentamentos de identidades. Por um lado todos os grupos de potencial público (por exemplo referidos no Quadro 1.) têm indivíduos com mais de sessenta anos, independentemente das suas discussões identitárias, por outro o nosso visitante idoso sempre tem uma relação identitária com estes grupos.

A inclusão de públicos novos leva à reflexão sobre segmentação, assim Ulpiano Meneses defende a impossibilidade de se pensar “a sociedade” sendo necessário abranger “a possibilidade de múltiplas histórias, das múltiplas vozes: dos excluídos, das mulheres, das minorias[...]” (2007, p.18-19) e dos idosos, conforme a pesquisa sustenta.

As políticas de inclusão social e defesa da diversidade cultural nortearam as políticas desenvolvidas pelo MinC também na área de museus. [...] Em 2003, foi proposta a criação da Política Nacional de Museus e colocadas em prática linhas programáticas que defendiam a política unificada para o setor, compreendendo-o entre as atividades de produção simbólica, relativa ao processo criativo e imaginativo, mas também como parte do processo econômico e como um dispositivo de inclusão social e cidadania (SANTOS, 2011, p. 196).

A análise do desenvolvimento da abordagem do social em diferentes períodos da história dos museus brasileiros, feita por Myriam Sepúlveda dos Santos explica a adaptação das instituições museológicas às funções de inclusão e fortalecimento de identidades específicas (2011).

Após a Constituição Brasileira de 1988 as políticas voltadas para o social começam a ter expressão, nessas condições verifica-se no mandato de Fernando Henrique Cardoso, tendo mais destaque nos mandatos de Luís Inácio Lula

da Silva. Ambos identificaram caminhos possíveis para trabalhar as necessidades sociais tentando ultrapassar o foco emergencial ou assistencialista puro, por isso priorizam-se programas sociais nas agendas políticas e recursos na esfera federal⁷, mas também surgem sensibilidades neste sentido nas esferas do estadual e municipal. Na cultura 2010 estabelece-se o Regimento Interno do Conselho Nacional de Política Cultural, que viria a desenvolver uma política nacional e que em 2015 lançaria diretrizes que chegariam aos Planos Municipais de Cultura através de estímulos de recursos financeiros diretos para esta área, para aqueles que implementem nas cidades os conselhos municipais com poder executivo como estímulo local para uma área que dificilmente é prioritária nas governanças⁸.

As políticas sociais promovem o trabalho do auto reconhecimento e autoestima de grupos de cidadãos excluídos como defende Amanda Tojal (2008, p.116) ampliando-se “as ações individuais institucionais para ações de parceria com outras instituições, assim como fazendo uso das diferentes leis de incentivo que possam viabilizar esse propósito”, tendo em conta que as políticas sociais incluem “políticas de acessibilidade que procuram prover os museus de estratégias de mediação com as quais possam enfrentar às exigências da sociedade que cada vez mais se importa com a inclusão de todos” como luta contra exclusões sociais (TOJAL, 2015, p. 191-192). O pleno acesso ao patrimônio cultural parte de recursos técnicos e atitudinais que para além de permitir acesso aos conteúdos, deve promover o direito dos cidadãos ao reconhecerem-se “como parte intrínseca desse patrimônio cultural, principalmente por parte daqueles que, por razões de vulnerabilidade social ou por deficiências sensoriais, físicas, emocionais e intelectuais fazem parte de grupos menos privilegiados”(TOJAL, 2015, p. 197).

A inclusão como necessidade social e cultural é enfatizada em estudos museológicos. Desse modo, Gabriela Aidar remete para uma noção de inclusão social nos museus analisando “mudanças mais estruturais nas organizações e relações sociais por meio de mecanismos como os de melhorias da educação” (AIDAR, 2002, p.54-55) O conceito de exclusão social é usado em diversos contextos e para combater o que anteriormente se designava de pobreza, as políticas institucionais procuram a

⁷ CARDOSO, Fernando Henrique. Proposta de Governo Avança Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008 (edição on-line), Acesso em março 2015 / Programa de Governo Lula 2002 Um Brasil para todos. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/uploads/>>, Acesso em: março 2015.

⁸ **Guia de orientações para os municípios**, Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10907/963783/cartilha_web.pdf/8cbf3dae-0baf-4a30-88af-231bd3c5cd6e>, Acesso em fevereiro 2016.

inclusão ou participação social em que são os excluídos os agentes que procuram integrar-se através de políticas participativas. Conceito que se aproxima do que Paulo Freire chamaria de empoderamento⁹ por parte dos indivíduos, começa por incrementar ações a nível local ou dos grupos específicos.

O processo de inclusão de públicos terá de conseguir a participação ampla da sociedade perseguindo a premissa de mudança social eliminando elementos excludentes, posicionando-se os museus como ferramentas para a inclusão social, Aidar refere que por vezes a expansão de público ou *audience development* (ou desenvolvimento de públicos) confunde-se com o conceito anterior, de inclusão de públicos, no entanto a ideia é eliminar barreiras para que se consiga trazer para o museu públicos que são potenciais visitantes mas, que ainda não o são (2002; 2015).

Não sendo objetivo deste trabalho aprofundar a temática da acessibilidade, admite-se a necessidade de apontar os benefícios para diversas tipologias socioculturais de públicos quando se faz necessário viver num ambiente acessível, para qualquer um e em qualquer fase da vida (de forma permanente ou temporária), o que pode ocorrer também com os idosos.

A acessibilidade conforme a norma brasileira (NBR9050), ou de um modo mais abrangente, como veio sendo vinculado pelo Movimento Internacional de Inclusão Social precisa ir além de reflexões académicas e das aplicações práticas não generalizadas, por isso devem ser defendidos mecanismos que tornem efetivas as políticas de modo a abranger o nosso público alvo já que esse objetivo está regulamentado. As barreiras para a inclusão do público idoso podem ser económicas, físicas ou atitudinais, supõem-se estudos e estratégias de acessibilidade universal, mas enfatiza-se a promoção de ações que tenham impacto político, psicosocial ou económico na vida dos indivíduos ou grupos.

Ressalta-se o deslocamento do foco “do museu para o cotidiano das pessoas” (CURY, 2010, p.273) A pesquisadora Marília Xavier Cury explica que no processo curatorial o público interno e externo são elementos a serem avaliados.

A pesquisa de recepção de público é importante para o museu, porque são os usos que o público faz dele que lhes dão forma social. A pesquisa de recepção é fundamental para a museologia porque é uma das possibilidades de produção de conhecimento e construção teórica. Porque a pesquisa de recepção ocorre na relação do público com o património musealizado, o campo para a construção de experimentos empíricos de coleta e análise de dados é a museografia, campo autónomo e auxiliar como é a etnografia para a antropologia. (2010, p.275)

⁹ Conceito desenvolvido e discutido a partir de *A Pedagogia do Oprimido*, 1970.

Pelo carácter interdisciplinar, a museologia tem interagido com outras áreas de conhecimento como disciplinas auxiliares ou complementares e de conhecimentos prévios, cujos métodos específicos no “contexto musealizado” permitem o tratamento dos acervos na relação com o homem (antropologia, arqueologia, biologia, etnologia, física, história, química) (GUARNIERI,1983)¹⁰. Esta interação é recorrente para trabalhar conteúdos e estratégias de aprendizagem através das ciências da comunicação, educação, e tecnologias de informação. Outras disciplinas tornam-se pertinentes para o entendimento com o público idoso como a demografia e gerontologia.

¹⁰ GUARNIERI, W. R. C.. A presença dos museus no panorama político-científico-cultural, (p.131) (1983) In: BRUNO,M.C.O.(Coord.) **Waldisa Russio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado Secretaria de Estado da Cultura; Comité Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010

CAPÍTULO II – QUEM É O PÚBLICO IDOSO DENTRO DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Precisamos reinventar as premissas da velhice. A sociedade precisa quebrar estereótipos e desenvolver novos modelos de envelhecimento para o século XXI. Comunidades, locais de trabalho e sociedade beneficiarão desde que se encoraje a participação ativa e visível das pessoas mais velhas (OMS, 2014, tradução nossa).

O envelhecimento bem-sucedido, surge “como uma meta pessoal continuamente modificada no curso da vida” e ao nível subjetivo pode estar ligado a “fatores de autonomia, bem-estar psicológico, estratégias de enfrentamento” e à noção “das possibilidades de adaptação às mudanças advindas do envelhecimento e condições associadas”, nas dimensões física, cognitiva e social dos indivíduos e do grupo (TEIXEIRA; NERI, 2008, p.83-84-91).

Ilka Teixeira e Anita Neri, referem que o conceito mesmo que rodeado de debates, está relacionado com as adaptações ao processo de envelhecimento através de superações ou retrações que caracterizam esta fase no curso da vida, mesmo que tenha subjacente a dicotomia sucesso / fracasso, o termo bem-sucedido pode ser “um valor sócio culturalmente determinado” (2008, p.90). No entanto na pesquisa, será utilizado como uma relação profícua dentro de um processo, quando no apuramento de um resultado a determinado nível (a relação idosos/museus) o bem-sucedido será o que consegue resultados mais positivos do que negativos.

Este conceito surge a partir da investigação dos aspectos positivo do envelhecimento, incluindo-se a ideia de abarcar não só o processo como biológico mas também construído socialmente e ligando a heterogeneidade a multidimensionalidade e multicausalidade ligadas ao processo de envelhecimento que vem sendo abordada desde os anos 60, associando-se

Saúde física e mental, satisfação geral com a vida, satisfação com domínios específicos do funcionamento, tais como saúde e relações sociais, atividade integração social, senso de controle e senso de significado da existência.

[...] Realização do potencial para o alcance do bem-estar físico, social e psicológico avaliado como adequado pelo indivíduo (NERI, 2005, p.212)

Pensar o envelhecimento é pensar o desenvolvimento, é um processo que não deve ser associado à fase final da vida pois nesse momento, o processo de envelhecimento carrega muitas influências de todo um desenvolvimento anterior;

Procurando o idoso como público, quem é afinal esse “idoso”? Caracterizar alguns aspectos que podem auxiliar a categorizar e entender este grupo, assim designado, surge em decorrência da reflexão de algumas problemáticas conceituais ligadas ao conhecimento produzido sobre o processo de envelhecimento.

Dados demográficos fornecem uma caracterização atual e perspectivas futuras sobre o processo de envelhecimento populacional. A população mundial duplicou deste 1970 e atingiu os 7 bilhões de habitantes (AGE INTERNATIONAL, 2014). No mundo existem aproximadamente 868 milhões de pessoas com mais de sessenta anos, no entanto estima-se que em 2050 sejam cerca de 2 bilhões. Em “2047 prevê-se que pela primeira vez na humanidade, os adultos com sessenta anos e mais superem em número as crianças com menos de 16 anos” (AGE INTERNATIONAL, 2014, p.6).

Estes números são resultado do aumento da esperança de vida, diminuição da mortalidade em adultos, tal como ocorreu na mortalidade infantil, e diminuição da taxa de fertilidade tendo como consequência famílias menos numerosas.

Temos uma curva de crescimento acentuado de cidadãos com mais de sessenta anos após a presente década, o que deve ser levado em conta como justificativa da nossa pesquisa, o gráfico abaixo mostra a evolução da população numa previsão até 2050.

Gráfico 1 - População com idade dos 0-4,0-14 e com idade de sessenta ou superior, 1950-2050. Fonte: AGE INTERNATIONAL, 2014, p.19

Falar-se de envelhecimento não remete apenas para a vida dos idosos, remete para temas na agenda mundial, como o desenvolvimento sustentável, pobreza, saúde, discriminação, marginalização. Numa fase da vida mais avançada carregam-se muitas consequências do que somos na vida adulta, mas o “envelhecimento é oportunidade não menos do que a própria juventude, embora em outra roupagem” (AGE INTERNATIONAL, 2014, p.50, tradução nossa)

Os pesquisadores procuram entender o processo de envelhecimento e o próprio modo de vida do idoso, com enfoque em diferentes épocas e lugares seja em decorrência de percursos históricos, seja analisando a evolução do conhecimento fisiológico e da medicina ou recolhendo dados por meio de análises sociológicas ou antropológicas de como vivem os idosos.

O que celebrar? Viver mais tempo e criar novas possibilidades e oportunidades pois dentro do processo de envelhecimento da população é necessário encarar os desafios que advêm deste novo quadro demográfico.

Campos de conhecimento aplicado como a gerontologia e políticas sociais pretendem intervir nos modos de vida através de uma ação científica. A museologia é um campo que segue essa direção de abordagem ao idoso, assumindo esse grupo como um potencial público, propondo-se a trabalhar com o social e a herança patrimonial.

2.1 Envelhecimento um Processo Diverso

O trabalho de pesquisa considera estudos de diversos campos de conhecimento argumentando-se a necessidade de referências interdisciplinares, a respeito da aproximação a alguns autores pioneiros nesses campos justifica-se por conta de seguir percursos de análise sobre público idoso em diversas áreas, julgando-se ser necessário fazer um percurso com muitas participações, na museologia também.

Existe uma tentativa de deixar este grupo homogêneo, basta designá-lo de público idoso, porém os dados estatísticos oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e em consonância com a Organização Mundial de Saúde fornecem uma caracterização quantitativa deste grupo que foi categorizado como cidadão com sessenta e mais anos, mas que explicitam a diversidade seja ao nível

dos meios econômicos, caracterização social, de origem ou modo de vida, bem como uma divisão de idades dentro deste grupo sociodemográfico.

Os dados quantitativos apurados em 2013, que constituem a Síntese de Indicadores Sociais (IBGE, 2014) desconstruem a realidade de um grupo por vezes percebido como homogêneo e designado no singular, a diversidade de idosos que sustenta a diversidade sociocultural, é embasada em diagnósticos populacionais e previsões que caracterizam o grupo demograficamente quanto à sua raça, localização de domicílio (situação) ou condição no domicílio, mas também quanto à distribuição por sexo e idades.

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2013.

(1) Não são apresentados resultados para as pessoas de cor ou raça amarela e indígena e os sem declaração de cor ou raça.

Gráfico 2 – Distribuição das pessoas com sessenta anos ou mais segundo categorizações de grupo de idade, sexo, cor, situação de domicílio e condição. Fonte: IBGE - Síntese de Indicadores Sociais, 2014, p.38

A síntese de Indicadores Sociais do IBGE apura também que para cada 5 pessoas entre 15 e 59 anos existe 1 idoso, dados do chamado indicador de dependência do idoso, que compara população ativa e idosos, seriam cerca de 20% em 2013 apurado na Síntese de 2014. O estudo apresenta uma projeção e recomendação da seguinte forma:

[...] o Brasil apresentaria razão de dependência total crescente no período de projeção, passando de 59,4 em 2030 para 109,9 em 2100. A elevação deriva do aumento para 80,6 idosos (com sessenta anos ou mais de idade) para cada grupo de 100 pessoas em idade potencialmente ativa, em 2100, indicador 4 vezes maior ao atual. Dado o rápido processo de envelhecimento populacional, é importante destacar que entre os desafios que surgem neste cenário estão previdência social, saúde, cuidado e integração social dos idosos. (IBGE, 2014, p.22).

Estes números apresentam um panorama nacional dentro da tendência mundial. As projeções alimentam a construção de políticas sociais e culturais e simultaneamente direcionam os campos de conhecimento para o trabalho de dados de suporte social de vida e do status de saúde dos idosos e da dimensão econômico social que este cenário pode acarretar.

Longe do “silêncio” que Simone Beauvoir quis quebrar nos anos 70 do século XX (1990, p.8), hoje vários campos juntam-se para refletir os processos de envelhecimento dentro de perspectivas bio sociocultural e econômica.

A autora de “A velhice” foi pioneira, numa época em que o social toma a dianteira em vários campos consequentemente como na museologia (Conferência de Santiago do Chile, 1972), constatando que existiam muitos hiatos sobre o conhecimento da realidade do idoso, mas faz uma reflexão que é pertinente apresentar: “antes que recaia sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros”, Beauvoir refere que a sociedade parece impedir-nos de ver nos velhos os nossos semelhantes.

Paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana (1990, p.12).

Quando se passa a ser idoso? Dados empíricos incluem o idoso numa classificação de não ativo no mercado laboral, temos de perceber que papel ele ocupa em outras esferas. Nos escritos de Eclea Bosi após os anos 70, esta categoria remete para ações de memorização em que:

O homem ativo (independentemente da sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado (1979, p.63).

Bosi ressalva a ideia de que é pelo momento no presente que este Homem exerce a sua função social de lembrar (1979) o passado, quando se adapta a uma vida menos ativa.

Pesquisadores do envelhecimento cognitivo estudam a metamemória conhecimentos sobre o funcionamento da memória como uma habilidade, ou seja a

funcionalidade e desempenho de memorização e como os idosos lidam com essa capacidade. (NERI, 2005)

Para a museologia, a dimensão da memória que mais se trabalha é a forma de transmissão da herança patrimonial e cultural, porém pode seguir-se paralelamente, a procura da melhora da auto estima quando

[...] os idosos podem ser beneficiados por oportunidades de falar do passado, tanto em contextos formais como informais [...] falar sobre o passado funciona como atividade compensatória, pela qual os idosos otimizam a possibilidade de contato de ativação cognitiva e valorização social, [...] pode funcionar como mecanismo de regulação emocional, proporcionando prazer, alívio e conforto. (NERI, 2005, p.136)

O processo de envelhecimento é visto através de várias dimensões:

[...] velhice é uma categoria socialmente produzida. Faz-se, assim, uma distinção entre um fato universal e natural – o ciclo biológico, do ser humano e de boa parte das espécies naturais, que envolve o nascimento, o crescimento e a morte – e um fato social e histórico que é a variabilidade das formas pelas quais o envelhecimento é concebido e vivido (DEBERT, 1998, p.8).

A diversidade de representações da velhice, ocorre porque ela é produzida socialmente e agrega a própria posição dos velhos na esfera social. O tratamento que lhes é dado pelos outros ganha significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais diferentes como acontece em outras etapas da vida (DEBERT, 2006, p.50).

A categorização da idade não vem da natureza, pois os grupos humanos tendem a criar as suas grelhas, por isso os conceitos ligados a categorias de idades tornam-se diversos para explicar as fases da vida, remetendo para construções que se baseiam numa dimensão histórica e antropológica. Referente ao grupo idoso fala-se em

[...] mudanças na estrutura de emprego levaram a uma ampliação das camadas médias assalariadas e a novas expectativas em relação à aposentadoria, que - englobando um contingente cada vez mais jovem da população - deixou de ser um marco na passagem para a velhice, uma forma de garantir a subsistência daqueles que, por causa da idade, não estão mais em condições de realizar um trabalho produtivo (DEBERT, 2010, p.56).

A categorização do grupo que atinge a velhice é, sem dúvida uma “criação arbitrária”, como refere DEBERT (2004, p.40), a grelha de idade cronológica que se estabelece na velhice - com começo aos sessenta ou 65 anos - começa por ser construída com a necessidade de estabelecer direitos e deveres, dentro de uma

normatização da sociedade, não significa que as idades não são efetivas, mas que são bastante específicas conforme os contextos sociais (DEBERT, 1998, p.53).

Considera-se que, como construção social, a categorização tende a ser alvo de ajustes, conforme a sociedade e o próprio grupo vão equacionando a aplicação prática de normatizações e da vivência real, e não estereotipada, que se vai criando.

Sobre normatizações com foco nestes cidadãos pode apontar-se a Política Nacional do Idosos (PNI) Lei 8.842 de 4 de janeiro de 1994, que visa assegurar os direitos sociais do idoso” encarando-o como cidadão em desenvolvimento com direitos e deveres. Esta lei remete para a criação de condições que promovam a autonomia integração e participação efetiva dos idosos na sociedade, a sua regulamentação foi publicada em 1996 pelo Decreto 1.948.(NERI, 2005)

Refere-se também como marco, dentro das políticas sociais, o Estatuto do Idoso (2003) Assim relativamente a alguns pontos pode refletir-se como diretrizes que apoiem o relacionamento museológico com este público, conforme o nosso grifo a museografia pode entender estes destaques como pontos de partida para abordagens e reflexões para práticas no museu. Por se perceber que não é um instrumento de conhecimento dos profissionais de museus apresenta-se como reflexão, para o cruzamento com premissas da museologia:

TÍTULO I

Disposições Preliminares

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta (sessenta) anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, **todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social**, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, **à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.**

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende:

I – atendimento preferencial imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população;

II – **preferência na formulação e na execução de políticas sociais** públicas específicas;

III – destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção ao idoso;

IV – viabilização de formas alternativas de **participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações**; (BRASIL, 2003, p. 17, grifo nosso)

[...]

CAPÍTULO IV

Das Ações Governamentais

Art. 10. Na implantação da política nacional do idoso, são competências dos órgãos e entidades públicos: [...].

VII - na área de cultura, esporte e lazer:

a) **garantir ao idoso a participação no processo de produção, reelaboração e fruição dos bens culturais**;

b) propiciar ao idoso o acesso aos locais e eventos culturais, mediante preços reduzidos, em âmbito nacional;

c) incentivar os movimentos de idosos a desenvolver atividades culturais;

d) **valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades do idoso aos mais jovens**, como meio de garantir a continuidade e a identidade cultural;

e) **incentivar e criar programas de lazer, esporte e atividades físicas que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação na comunidade** (BRASIL, 2003, p. 47, grifo nosso).

O capítulo IV (LEI Nº 8.842, de 4 janeiro de 1994) e o artigo 20 do CAPÍTULO V (LEI Nº 10.741 de 1º de outubro de 2003) no Estatuto do Idoso regulamentam as interações de políticas socioculturais e a atividade cultural, no cumprimento dos artigos em relação à educação, cultura, esporte e lazer para a população idosa, mas toda a sociedade poderá refletir normativas existentes que podem ser efetivadas ou não. Tendo em conta que para o cumprimento destas normas, as instituições e entidades transformam-se em lugares de embate de interesses diversos: políticos, econômicos e sociais.

O estereótipo do idoso marginalizado e vulnerável, fragilizado pela doença e incapacidade, surge contrapondo-se ao idoso ativo, capaz de realizar projetos abandonados na vida adulta, por isso novos elementos são adicionados aos seus estilos de vida como possibilidade de formas de lazer, desde a manutenção corporal e esportes, à indústria de turismo e cultura. Principalmente nas sociedades ditas ocidentais este envelhecimento é visto como positivo e onde se cria um mercado de consumo.

Por outro lado, recentes transformações econômico-sociais vêm adicionar mais cenários possíveis, por exemplo, na procura de rendimentos os

cidadãos trabalham até mais tarde, como ocorre em países em que as classes de adultos emigram ou são atingidas em larga escala por doenças e que estes indivíduos são elementos fundamentais de suporte familiar. Em outros países começa-se a estender o período de idade ativa, no sentido de tentar a sustentabilidade do sistema de aposentadoria ou previdência, e a longevidade mostra indivíduos mais capazes nas primeiras fases e incapacidades mais graves nas idades mais avançadas. Ocorrendo relacionamentos de apoio e cuidado entre gerações, que ocorrem já dentro da faixa etária após os sessenta anos, ou seja filhos com idade superior a sessenta anos a cuidar de pais mais velhos.

A diversidade é observada e analisada pelo foco antropológico, que compartilhamos refutando que nenhuma teoria universal pode abarcar um conhecimento de vivência plural, contraditório e enigmático (KATZ,1996).

As culturas ora tratam os seus velhos como protagonista sociais, ou os ostracizam e abandonam (BEAUVOIR,1990). Idosos que são alvo da produção de áreas como marketing, cosméticos e saúde, indústria da recreação que podem ser benéficas, ou segundo o pesquisador Katz, são “obscuras – mantendo-os ocupados, entretidos” e dentro de uma gerontologia crítica em que a idade mais avançada é instrumentalizada pela medicalização do corpo e pela governamentalização da vida. Do ponto de vista do autor “são mais defensáveis as problematizações socioculturais, do que a biogerontológicas” (1996, p.9) tendo subjacente a disciplinarização do conhecimento na sociedade ocidental, legitimando e autorizando a formação de conhecimentos regulando a idade mais velha, dividindo-a e classificando-a, disciplinando e tornando disciplina o conhecimento que provem deste sujeito/objeto de estudo (KATZ,1996).

Stephen Katz refere que o discurso gerontológico emerge em recomendações políticas, estratégias de serviços de saúde e estudos tecnológicos e demográficos, e critica que o campo de conhecimento gerado não chega na prática à grande maioria dos idosos. O que é teorizado e apurado não se desenvolve em aplicações concretas (1996) é possível que o mesmo ocorra na museologia.

O conhecimento, a subjetividade e governamentalização agem no campo do envelhecimento e organizam o ciclo de vida. A gerontologia como produto da modernidade reflete modas e correntes da pós-modernidade, expressando as tensões geradas a partir de ideias de cultura consumista, expansão do individualismo, questão de escolhas, e a ideia de atividade. Conceitos que dentro de novas

perspectivas culturais, emergem de pressões comerciais e de luta de poderes dentro de um território que é o do envelhecimento (HEPWORTH; KATZ, 2006).

A complexidade do estudo do envelhecimento humano tem uma vertente que justifica a chamada “gerontologia crítica”. Jan Baars, no seu artigo do *Journal of Aging Studies*, *The challenge of Critical Gerontology: the problem of social institutions* refere que “quem for suficientemente sortudo em viver bastante experimentará muitos dos efeitos que o ramo de conhecimento biológico tem produzido”, no entanto, a diversidade de manifestações de ordem psicológica, sociológica e mesmo filosófica dependem da variação de fatores de ordem cultural, de história de vida e de enquadramento estrutural, e não tanto da liberdade de escolhas individuais (1991, p.1)¹¹. O processo de envelhecimento não pode ser visto à parte da vida em que os sujeitos estão inseridos na idade adulta mas, não significa que precisa ser determinado por ela, torna-se necessário entender quais as várias formas específicas em que o processo de envelhecimento pode ser alterado (BAARS, 1991), podemos fazer escolhas, mas quando são feitas escolhas na vida adulta elas vão influenciar a fase mais tardia, exemplo disso, quando os adultos têm uma vida sedentária é natural tornarem-se idosos sedentários.

O que é “envelhecimento ativo” ou que conceito de atividade é este que surge na fase da vida que tem como referência a instalação da doença e a ideia de finitude? O “Envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” esta é a designação adotada pela OMS que vem substituir o termo “envelhecimento saudável” dos anos 90 (OMS, 2005).

A “instrumentalização do estado, das instituições médicas ou outras que podem limitar ou promover as opções de envelhecimento, acabam dando a falsa sensação de uma interpretação universal do envelhecimento”, como um processo biológico cronológico (BAARS, 1991, p.13), dá-se conta de uma aproximação aos conceitos de Foucault (2015[1975])¹² de governamentalização, que se expressa por normas ou diretrizes que regulam a vida de grupos e do que se espera deles.

Analisar idosos que tiveram acesso à educação formal, que participaram do processo de escolarização, ou posicionados nas elites e que gerem um capital para manutenção económica da sua velhice remete para vivências socioculturais certamente diferente daqueles que dependem de um assistencialismo

¹¹ Tradução nossa.

¹² Obra de FOUCAULT, Michel, **Vigiar e Punir**. São Paulo: Vozes, 2015.

do governo muitas vezes ineficaz ou incompatível com as necessidades reais da velhice, mesmo que vivam num mesmo país. Por isso a pertinência de entender as instituições em que os estudos são feitos e como se caracterizam é importante na visão de Baars, sem esquecer de contemplar possibilidade de análise de contextos de minorias, diferenças de gênero e “movimentos transnacionais”. O impacto da medicalização, da indústria antienvelhecimento transformam o envelhecimento e a saúde como produtos culturais, então estas realidades podem ser vistas como empoderamento para uns, mas podem ser vistas como desigualdade, analisando diferentes contextos globais (BAARS et al, 2006, p.8-9) pensando num mundo que nunca teve tantos idosos como hoje.

A noção de participação está subjacente à de envelhecimento bem-sucedido. O indivíduo ou grupo deve participar de questões sociais, políticas, culturais e económicas e não ser só ativo a nível físico, mesmo que acometidos por problemas de saúde devem continuar dentro das comunidades e países a assumir a sua cidadania, reconhece-se que estas ações estabelecem sentimentos de pertencimento que funcionam como ferramentas que promoverão a construção de identidades num processo que sempre está em reconstrução, mas que é um

[...] importante fator de estimulação cognitiva, com acionamento de processos internos complexos de processamento cognitivo, necessários à sua execução, bem como do envolvimento da rica oferta de estímulos cognitivos, emocionais físicos e sociais (DE VRIENDT et al, 2012, 2013 apud DIAS, 2014, p.41).

As alterações fisiológicas que ocorrem no processo de envelhecimento podem levar ao comprometimento cognitivo, preocupação atual com desenvolvimento de síndrome demencial que vem ocorrendo com mais frequência nos cidadãos mais velhos dentro da classe de idosos, designados como anciãos. A aposta na prevenção permite evitar ou protelar o aparecimento de comprometimentos funcionais, deste modo as políticas públicas de envelhecimento devem contemplar maior participação social para a manutenção da qualidade de vida para os cidadãos com mais de sessenta anos (DIAS, 2014). Na América Latina 65% do idosos com mais de 90 anos sofrem de demência. Estudos gerontológicos referem que papéis sociais ativos e a solicitação de atividades cognitivas, ou seja, com estímulos cerebrais “levam à criação de reservas em caso de evolução de neurodegeneração” (OMS, 2012 apud DIAS, 2014, p.24).

Um papel social ativo remete para redes de socialização que os idosos estabelecem salientando-se a importância das relações pessoais e/ou das redes de

informação que o idoso estabelece e que origina a rede de suporte social¹³, ou seja, o conjunto de pessoas com laços instituídos que dão e recebem. As redes podem ser obrigatoriamente estabelecidas pela via familiar, mas podem ser de escolha livre pela rede de amigos ou de participação de grupos reduzindo o isolamento e estimulando interações que originam significados e adaptações ao nível do cotidiano

As redes podem ser caracterizadas de acordo com suas propriedades estruturais, natureza das relações, tipos de interação e graus de desejabilidade, são hierarquizadas e acompanham o indivíduo ao longo de todo o ciclo vital. (DOMINGUES et al., 2012, p. 36)

Acredita-se que a museografia, por meio de estabelecimento de relações, através de atividades socioculturais, vivência em novos espaços que promovem a interação entre pessoas diversas e grupos diversos e diferentes de si, possibilitam “expandir a rede de suporte e construir novas formas de sociabilidade no processo de envelhecimento” (CACHIONI & NERI, 2008 apud DOMINGUES et al., 2012, p. 37), resultando em oportunidades de experiências, conhecimentos de autopercepção e de percepção do outro quando se trabalham memórias múltiplas, identidades e sentimentos de pertencimento.

2.2 Os Idosos na Museologia

Sustenta-se a ideia que idosos e museus podem ser bem-sucedidos no que concerne a uma necessidade social e a abordagens da museologia focando práticas socioculturais que deste modo ambos podem desenvolver.

Para a museologia é pertinente focar o grupo idoso, mas é necessário posicionar-se de modo a ultrapassar a categorização de grupo único e trabalhar categorizações reais derivados de um processo de envelhecimento com padrões de desenvolvimento diversos. Todas as categorias de público, com que a museologia se

¹³ Rede de relações e suporte social remete para uma rede que permite “dar e receber apoio emocional, ajuda material, serviços e informações”; “manter e afirmar a identidade social”(NERI, 2005, p.172) diríamos manter a construção da identidade social. Ajudar a encontrar sentidos “nas experiências de desenvolvimento[...] e a interpretar expectativas pessoais e grupais e a avaliar as próprias realizações e competências”. A gerontologia valoriza também a natureza das relações e os indivíduos envolvidos, os tipos de interação (mais afetivas ou instrumentais) e grau de desejabilidade (de escolha livre ou condicionadas) (p.173)

propõe trabalhar, irão gradualmente envelhecer e algumas instituições já aceitam este desafio considerando o conceito cultural de envelhecimento extremamente dinâmico e particular que está em rápida transformação (ROBERTSON, 2015). Para o editor do livro *The Caring Museum*, Hamish Robertson diversos exemplos de trabalhos em museus testemunham que as instituições museais

[...] tentam ajustar-se às necessidades dos visitantes, adquirindo novos conhecimentos e experiências expandindo o seu papel institucional. Este é claramente um campo rico com possibilidades porque o museu contribui para a inclusão social e produz conhecimento à cerca do envelhecimento e suas consequências. (ROBERTSON, 2015, p.31)¹⁴

Como local de desenvolvimento de atividade cultural e local de socialização, os museus precisam entender o processo de envelhecimento para poder trabalhar com este público, mas podem também ser lugar para gerar novos conhecimentos sobre a condição e relação com os idosos.

Os programas desenvolvidos na museologia com os idosos podem enquadrar ações socioculturais e de aprendizagem ao longo da vida considerando-se positivo quando o conhecimento biogerontológico indica que os sujeitos que mantêm mais laços sociais, designados nas atividades avançadas da vida diária, têm menor declínio das capacidades funcionais e cognitivas. (TEIXEIRA; NERI, 2008; DIAS, 2014). Estas atividades ligadas a um grau mais complexo de atividades sócio produtivas e de lazer estão no topo da hierarquia das atividades cotidianas que solicitam melhores níveis de requisição funcional e cognitiva (DIAS, 2014).

As atividades avançadas são de escolha livre e não se enquadram em necessidades de sobrevivência, passam muitas vezes por atividades como: prática de esportes ou diferentes ocupações ligadas à atividade física, passeios ou viagens, momentos de passatempo, ou produção trabalho fora da estrutura laboral, a participação em grupos religiosos ou sociais organizados, voluntariado, enriquecimento cultural e aprendizagem permanente.¹⁵

¹⁴ Tradução nossa, porém a expressão e título do livro *The Caring Museum* que pode ser utilizada no sentido de museu atento ou cuidador, defende toda a abrangência de ações interdisciplinares que expande o papel institucional abrangendo o papel social por meio das necessidades de públicos específicos dentro da idade mais avançada e que pode derivar em parcerias ou segmentações que reforçam as posições dos participantes nas práticas museográficas.

¹⁵ As aprendizagens que se desenvolvem nos museus remetem para um sistema não formal, em especial no público idoso, justificando-se a aprendizagem ao longo da vida, de forma permanente ou continua nos indivíduos, dentro da gerontologia existe o ramo educacional, que o Brasil “abrange a educação não formal, educação formal, atividades visando o lazer e a sociabilidade, reciclagem profissional, mudanças de atitudes e apoio” (NERI, 2005, p.93).

A museologia e os museus relacionam-se com este universo de atividades podendo promovê-las, apoiá-las ou revelá-las através de ações ou programas, o que se salienta ser uma potencialidade para desenvolver, tanto com idosos da proximidade, como com idosos originários da expansão do turismo e da cultura de lazer, que se observa desde a segunda metade do século XX.

A comunicação de conhecimentos gerados pelo processo curatorial procura temáticas problematizadoras que sejam conceitos geradores de ações museológicas, e que possibilitem posicionamentos ou debates intra e interpessoais com objetivo de mudança social de acordo com um dos paradigmas desta área de conhecimento. Este objetivo é defendido pelos museus na generalidade, seja através de políticas museais ou culturais, seja por missões ou planos museológicos.

Estratégias de democratização e barreiras atitudinais¹⁶ ultrapassadas por parte dos enunciadores e enunciatários dos projetos museológicos, possibilitarão abordagens utilizando diferentes linguagens ou técnicas comunicacionais, sem perder o foco no campo essencial de atuação da salvaguarda, deste modo sugere-se a incorporação de novas possibilidades de desenvolvimento social que a disciplina reconhece ter, pela reflexão teórica sobre públicos novos o que precisa ser adotado nas suas ações e práticas a partir do planejamento museológico.

O presente posicionamento político que a museologia assume como abordagem social está embasado em diretrizes, que as tutelas ou grupos de organizações museológicas defendem, assim sendo cita-se a *Museum Association* do Reino Unido que, em 2014, sintetiza uma nova visão do impacto dos museus

Os museus mudam vidas, enriquecem a vida dos indivíduos contribuem na resiliência das comunidades, no bem-estar dos indivíduos, contribuem para melhorar os lugares onde as pessoas vivem, podem inspirar pessoas e ideias (LEICESTER UNIVERSITY, 2015, tradução nossa).

A proposição de afetar de maneira positiva a vida dos indivíduos é o bastante para justificar abordagens que os museus desenvolvem para o público idoso. É possível formar ou reforçar laços sociais através da museologia como defende o pesquisador norte americano Stephen Weil afirmando que

[...] alguns vêem o museu como das poucas instituições que podem providenciar um antídoto para a solidão urbana, um lugar em que os indivíduos podem em segurança satisfazer a sua necessidade básica

¹⁶ Acesso atitudinal – quando é possível a fruição e inserção nos espaços museológicos através da capacidade de identificação dos sistemas de produção museológica.

de estar em companhia com outras pessoas (WEIL, 2002, p. 68, tradução nossa)

O lazer como motivação para a ida ao museu remete para quebra de rotinas, que podem originar um estímulo de conhecimento por meio do estranhamento, como explica Ulpiano Meneses, quando sustenta que o tempo de divertimento, lazer e ócio dos grupos pode levar “a um espaço de criação e desenvolvimento pessoal, de expansão livre do potencial humano” num sentido apontado para a formação crítica em detrimento da passividade (2002, p.48) dos idosos como público.

Explorar novos modos de participação curatorial e considerar o reforço de relações intergeracionais dentro dos grupos sociais (CURY, 2014) são possibilidades que se podem explorar nas relações dos idosos e museus. Um exemplo disso é a posição dos idosos no voluntariado em museus de uma maneira profícua para o relacionamento entre ambos, que permite utilizar a cadeia operatória museológica através de possibilidades ainda pouco exploradas, como a pesquisa e a salvaguarda, ou seja relacionar-se com o público idoso em toda a curadoria museológica.¹⁷

Hoje o empoderamento que o museu pretende estimular, alerta para uma possível postura de museu ativista, assumindo o papel político nas tomadas de decisão, nas histórias a contar e desse modo trazer discussões para a sociedade, portanto fazer uma utilização mais justa dos recursos de que dispõe.

Recentemente os museus trabalham as questões de opressão e justiça social, desenvolvimento pessoal e bem-estar individual e das comunidades, a representação inclusiva de comunidades, a promoção de aprendizagem ao longo da vida, e o diálogo intercultural. Estes princípios vinculados a princípios teóricos da museologia, são referidos por Richard Sandell (2015) como desafios práticos para os museus no século XXI¹⁸. As problematizações que o autor já vem citando desde 2002¹⁹ entram em concordância com a possibilidade de valorizar a posição dos idosos no museu.

¹⁷ As relações intergeracionais – são relações podem estar para além do enfoque familiar, “remete para a relações de pessoas de diferentes gerações possibilitando trocas culturais a diversos níveis e dissipação de estereótipos entre diversos grupos (NERI, 2005, p. 175-176).

¹⁸ LEICESTER UNIVERSITY Disponível em:

<<https://www.futurelearn.com/courses/museum/steps/33768>> Acesso em: 22 junho 2015

¹⁹ *Museums and the combating of social inequality: roles, responsibilities, resistance*, publicado no livro *Museums, Society, Inequality* (London and New York: Routledge, 2002)

Perceber a importância para os idosos, daquilo que Hooper-Greenhill refere como o estabelecimento e desenvolvimento de novas perspectivas e modos de ver e pensar, e de adaptação através de aprendizagens ao longo da vida. Estes princípios destacados pela pesquisadora há mais de dez anos, como os resultados de aprendizagem não formal e o impacto nos utilizadores, através dos *GLOs - Generic Learning Outcomes*²⁰, associam-se ao desenvolvimento de atitudes e valores despertados por meio da emoção, criatividade e inovação do pensamento, que pode em consequência promover a motivação de conhecer, experiência e conhecimentos (HOOPER-GREENHILL, 2002; RCMG, 2003).

Os idosos poderão beneficiar-se por meio de um sistema de adaptação e literacia, ou seja fazer a interpretação de conhecimentos específicos ou dominados por determinados grupos, através de resultados cotidianos como:

- desenvolver *conhecimentos e compreensão* (acerca de novas coisas ou informações, aprofundar ou elucidar acerca de algo, e estabelecer relações sobre realidades e até entender como o museu funciona²¹);
- adquirir *habilidades* (ser capaz de saber e fazer alguma coisa através das habilidades intelectuais ou física, ou através de habilidades sociais e de comunicação);
- *entender propostas, comportamentos e progressões* (o que fazem ou pretendem fazer, observar e relatar ações, e entender a mudança na forma como as pessoas vivem);
- alcançar *divertimento, inspiração e criatividade* (divertir-se, explorar, experimentar, inspirar-se e ter pensamentos inovadores) e por último;
- ter *atitude e valores* a defender (desenvolver opiniões sobre nós próprios e autoestima, ter opiniões ou atitudes em relação a outros com aumento da capacidade de tolerância e empatia, demonstrar atitudes positivas ou negativas em relação a uma experiência ou organização e aumentar a motivação) (HOOPER-GREENHILL, 2002; RCMG, 2003).

A oportunidade de museus promoverem a saúde e bem-estar dos indivíduos e comunidades, usando a cultura para impactar positivamente as suas vidas deve levar em conta os princípios psicossociais e físico dentro da diversidade de idosos.

²⁰ Resultados genéricos de aprendizagem (tradução nossa)

²¹ “Desenvolver a ideia de aprender a aprender de forma construtiva ou de questionamentos. Encorajar a aprender” (HOOPER-GREENHILL, 2003, p.8) (tradução nossa)

Jocelyn Dodd, do RCMG²² defende que os profissionais de museu devem ter a capacidade de interagir fora das instituições, entender as necessidades da comunidade, e assim desenvolver maneiras de beneficiar-se e beneficiar outros parceiros. O museu pode ser um lugar que oferece oportunidades holísticas de interação social, estar com outras pessoas conhecer novas pessoas, estabelecer conexões sociais (LEICESTER UNIVERSITY, 2015) que são uma das chaves para a promoção e manutenção do bem-estar no processo de envelhecimento quando analisamos as atividades avançadas da vida diária, estudadas pela gerontologia.

Expande-se o foco de trabalho para abordar a comunidade local e o que impacta o visitante e o motiva, partindo das agendas dos museus e dos visitantes ou do potencial público, “há todo um conhecimento e um saber do receptor sem o qual a produção não teria êxito [...] mas, condicionada, organizada, tocada, ou orientada pela produção” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 56). Este saber e conhecimento referido por Martín-Barbero, é o conceito de mediações que envolvem a recepção e que se afasta dos meios na experiência museal para a relação com o museu. Começa anteriormente à entrada nele e prolonga-se para além da saída deste. Quando se

[...] chega ao museu esse processo já se iniciou. Isto é comunicação e isso é participar da dinâmica cultural pois a recepção é um processo individual mas compartilhado socialmente. O processo de (re)significação parte do indivíduo-sujeito e se torna efetivamente apropriado quando gera outra significação que é compartilhada *no e com* o contexto social. (CURY, 2004, p.8)

Para entender este processo o museu, por meio dos profissionais envolvidos, recorre a instrumentos que lhe permitam fazer uma leitura do entorno e do não público, das ressignificações estabelecidas pela comunicação museológica, ou outros elementos que podem ser pertinentes numa ótica avaliativa para o estabelecimento de relações.

Os estudos de público, numa esfera mais ampla, procuram como se pode beneficiar os visitantes, atendendo os seus desejos e interesses usando os recursos e capacidades dos museus. Como Dawson e Jensen sugerem baseando-se mais nos fatores fora das instituições e seus impactos, a importância reside no conhecimento das instituições culturais para que promovam uma mudança social

²² *Behind the scenes at the 21st Century Museum* - University of Leicester/ Curso on line – Futurlearn- Disponível em: <https://www.futurelearn.com/courses/museum/todo/2078>, Acesso em: 29 junho 2015

positiva nas sociedades contemporâneas (JENSEN & WAGONER, 2009 apud in JENSEN, DAWSON, FALK, 2011).

O método de análise da experiência museal de Falk e Dierking, que se baseia nos contextos do público visitante permite entender as escolhas do público numa interação do contexto pessoal do visitante (como as suas motivações e interesses) com o contexto social (como chega ao museu: acompanhado, só, em grupo organizado) e o contexto físico (que pode ser o espaço em que se desenvolve a experiência museal) (1997).

Mais recentemente, Falk junto com Jensen e Dawson salientam que para a compreensão do contexto das visitas, os modelos teóricos da educação permitem entender o conhecimento das “significações de longo termo que o museu promove”, Falk afirma que é importante avaliar e entender porque os visitantes valorizam a visita ao museu, porém nos questionamentos salienta a necessidade de entender porque outros não as valorizam (2011, p.159) remetendo para o público não visitante. O pesquisador norte americano defende o estudo de público para além das fronteiras espaciais do museu e temporais da visita, o que aproxima este autor ao conceito de “metodologia de recepção”²³ para entender as identidades pessoais relativas a necessidades de visita.

As categorizações por ele valorizadas são as categorias designadas como identidades “i”, motivacionais, que geram significados para o visitante dentro das expectativas ou necessidades que ele tem da visita. Diferente das Identidades “I”, que o autor defende nestas condições serem mais facilmente abrangidas pelos estudos de público (gênero, etnicidade, nacionalidade, grupo de idade), no que concerne às “i”dentidades o modelo defende que se podem sobrepor e variam no mesmo grupo de indivíduos com “I”dentidades iguais. Defendendo que não sugere a produção de abordagens museológicas diferentes ou segmentadas ao nível das “i”dentidades (2011, p.148), o autor quer entender aproximações ou distanciamentos nas relações com a museografia, conforme a motivação identitária dos indivíduos alicerça-se o motivo que os leva a irem ao museu, e que resulta de um processo anterior e mais abrangente que a visita, consequentemente refletindo a sua experiência anterior e posterior ao desenvolvimento desta.

²³ CURY, 2010 destaca as formas de uso que o público faz dos museus e das interações geradas face a mediações culturais, que não é um processo avaliativo de processos e resultados, mas que faz parte da avaliação museológica que alimenta, corrige e ajusta ao nível da museologia.

A mudança social positiva provocada pelos museus conceituada pela museologia só ocorre quando a motivação de visita e necessidades pessoais forem alcançadas.

Constata-se que algumas das consequências do processo de envelhecimento, quer sejam limitações físicas, sensoriais ou atitudinais, podem ser ultrapassadas quando as instituições culturais têm implantados os processos de acessibilidade universal regulamentados, pois são prioridade para o atendimento de vários públicos e para uma comunicação museológica mais efetiva (SARRAF, 2015).

Propostas de comunicação cultural sensorial devem potencializar o trabalho museológico e cultural com diversos grupos, por conseguinte algumas barreiras podem ser ultrapassadas na comunicação visual e intelectual através de experiências “táteis, olfativas, gustativas, auditivas, proprioceptivas e sinestésicas que beneficie as pessoas com as suas diferenças [utilizando-se estratégias] aliadas à criatividade e à constatação de que o patrimônio histórico, artístico, cultural e natural é plurisensorial” (SARRAF, 2015, p.224) em consonância com o conceito de percepção multissensorial (TOJAL, 2007).

Práticas que se enfatizam neste trabalho como forma de se relacionar com a diversidade dos idosos, na ponderação de “que relações mais sensíveis e menos intelectualizadas podem ser estabelecidas” no atendimento a públicos com diferentes formas de “locomoção, cognição e percepção” (SARRAF, p.225) possibilitando-se diálogos pela “mediação sensorial”. Deste modo quis pontuar-se a questão de acessibilidade como paradigma prático dos museus do século XXI e que é incontornável para este público.

A participação de idosos nas vertentes de cuidado ou bem-estar e desenvolvimento da ideia de *age-friendly* (amiga do envelhecimento) faz com que projetos anglófonos apostem na “prescrição social” que parte de experimentação e implementação de projetos, alguns transformados em programas com cuidadores e idosos vivendo com diagnóstico de demência²⁴. Prescrição social de museus²⁵ é um modelo de apoio a pacientes (e neste sentido o foco é na pessoa e não na doença)

²⁴ É o caso do MOMA – Museum of Modern Art (EUA) que propôs-se a trabalhar com pessoas diagnosticadas com a doença de Alzheimer e cuidadores (2006) através de ferramentas da arte-educação e em parceria com a associação de doentes com Alzheimer (disponível em: <https://www.moma.org/meetme/resources/index#history>) o que levou a outras versões, no caso brasileiro Museu Brasileiro de Escultura- MUBE de São Paulo com o Programa Faça Memórias (2009).

²⁵ Projeto em andamento no Reino Unido, apoiada pelo *Centre Forum Mental Health Commission* (2014) que em 2015 originou uma produção científica da *University College London* desenvolvida pelos pesquisadores Thomson, L.J., Camic, P.M. & Chatterjee, H.J..

através de recursos não médicos e dentro da comunidade, como forma de descentralização do apoio dado pelo governo central, privilegiando o local como resposta e as abordagens holísticas proporcionadas pela museologia, outras áreas entraram no conhecimento geral como o exercício em prescrição e ginásios verdes, que podem parecer mais distantes dos museus (mas não estão, se conceituarmos como museus os parques naturais, zoos ou aquários), ou outros mais próximos das prática museológicas que remetem para a arte em prescrição, educação em prescrição e informação em prescrição resultando no aparecimento de programações específicas ou abordagens à participação dos indivíduos (THOMSON, CAMIC, CHARTTERJEE, 2015).

Registre-se que estas abordagens foram aparecendo nos países onde se verificou o envelhecimento da população mais cedo, e onde recentemente surge a preocupação no tratamento de pessoas com demência em estruturas familiares com o envelhecimento populacional presente, muitas vezes agregando mais de uma geração de pessoas acima de sessenta anos entre outras realidades, em que esta pesquisa não se pretende alongar, mas que se pode antever no cenário brasileiro.

Thompson, Camic e Charterjee, vêm desenvolvendo trabalho sobre museus em prescrição através de possíveis ações “baseadas na comunidade, de baixo custo e não clínicas” (2011, pag.146 apud 2015, p.14) através dos programas museológicos em experimentação, inclusive com parcerias que conjuntamente criaram mecanismos de avaliação destes programas para o desenvolvimento e manutenção dos mesmos²⁶.

Para entender as relações com público idoso e as escolhas de abordagens museográficas feitas nos museus, estudos foram sendo desenvolvidos com maior ou menor abrangência territorial, desde as instituições até territórios transnacionais. Os estudos abaixo ilustram essas possibilidades de pesquisa e diversos enfoques desde a produção à recepção, mas também várias tipologias de fontes e metodologias para a coleta e tratamento de dados.

Um estudo desenvolvido na Austrália em 2002 manifestava a necessidade de se entender a relação dos museus com o público idoso quando no seu título *“Energised, Engaged, Everywhere: Older Australians and Museums”* remete para a proliferação deste público com uma nova perspectiva do envelhecimento como energizado, engajado e por todo o lado. O estudo parte do foco em hábitos de lazer e

²⁶ As *Museum Wellbeing Measures* (2015) desenvolvidas pela *University College of London* Disponível em: < <https://www.ucl.ac.uk/museums/research/touch/museumwellbeingmeasures/> Acesso em: 10 mai. 2016.

visitas a museu de Sydney e Camberra para refletir o que atrai e satisfaz estas audiências de modo a estabelecer diretrizes aplicáveis à programação das instituições (AUSTRALIAN MUSEUM AUDIENCE RESEARCH CENTER - AMARC, p.5). Esta pesquisa divide os idosos em 3 categorias de idade, caracterizando de forma geral seja enquadrando o grupo na história de universal seja através de características de envelhecimento e saúde gerais: idoso-jovem com idades entre 65-74 anos, nascidos na grande Depressão dos anos 30 (séc. XX); idoso-idoso com idades entre 75-84 anos, nascidos nos anos 20 do século passado; idoso-mais velho com idades superiores a 85 anos, nascidos antes e durante a I Guerra Mundial. Este agrupamento de idosos por idade pode ajudar a apurar categorizações, porém outras se inter cruzam de forma transversal, originando desdobramentos como se referiu anteriormente neste capítulo e que devem ser levadas em conta, que o próprio estudo acaba por indicar quando remete para hábitos culturais e particularidades bio fisiológico através de dados estatísticos institucionais. A análise de dados de visitação é feita através de dados provenientes de diferentes tipologias de fontes. (AMARC, 2002)

O Grupo para Acessibilidade nos Museus, que desenvolveu um estudo em Portugal, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, cuja metodologia utiliza dados coletados através de questionários efetuados propositadamente e diretamente aos idosos e profissionais de museus de diversas instituições museais. Publicada em 2013 a pesquisa parte das tendências, ocupações e participação para entender como o público interno e os visitantes fazem as suas percepções e utilizações numa relação com os museus. Por último, que recomendações podem ser levadas em conta para atender o público idoso no contexto específico de Portugal, tendo sido um esforço para abranger várias instituições de todo o país e com um investimento para entender a realidade nacional, o estudo que foi desenvolvido por uma equipe interdisciplinar coletou dados do “lado da oferta” como eles vêm os museus e as abordagens com este público, mas também a coleta de dados aos idosos “o lado da procura” e a caracterização deste grupo como público.

Sobre a metodologia, primeiramente este estudo quis entender como a população com mais de 65 anos designada de sênior se caracteriza quanto aos hábitos culturais ou de ocupação de tempos livres, qual a sua relação com acesso ao conhecimento e formação ou aprendizagem contínua a motivação de ida ao museu e sua regularidade, quais os desafios e condicionante que encontram para realizar tal ações, por outro lado perceber que canais de informação são utilizados para se estabelecer esta comunicação entre público e museu. Em seguida diagnosticar como naquele momento os museus se relacionam com a população idosa através das ações

propostas ou a inexistência destas, na quantificação dos visitantes idosos e da sua tipologia de visitação (numa ampla possibilidade de vistas de forma individual até visitas organizadas em grupo), a possibilidade de análise de condições de acesso porém com um foco na acessibilidade física e de informação através de meios de comunicação, e ainda a possibilidade de parcerias concretamente com as instituições de apoio a idosos. O terceiro objetivo trata de avaliar a relação dos museus com o público idoso seja por meio de programação, por meio de representações e utilizações tendo em conta condicionantes ou desafios. E finalmente através das conclusões apuradas na análise dos dados de forma qualitativa, mas também quantitativa fazer recomendações para melhorar a acessibilidade dos museus para o público idoso (GRUPO PARA ACESSIBILIDADE NOS MUSEUS - GAM, 2013, p. 7-10).

Já o projeto europeu *The Learning Museum Project* - LEM, incluído no programa europeu “*Lifelong Learning Programme*” da União Europeia, no relatório de 2013, estabelece como objetivo criar uma rede de museus e instituições que trabalhem com patrimônio em vários países da Europa e América do Norte “promovendo aprendizagens ao longo da vida defendendo-se a posição das instituições elas mesmas como aprendizes”, aprendendo com o público e com as comunidades locais e outras instituições (THE LEARNING MUSEUM - LEM, p.5) com foco no envelhecimento da população e nos museus para o século XXI. Como objetivo este estudo pretende ressaltar através de avaliação de público que contempla os diversos estilos de aprendizagem e gestão de relacionamentos, “a importância da disseminação do conhecimento gerado em rede e que se origine uma base de dados que congregue informação de estudos existentes”, projetos e análises de dados de práticas, bem como recomendações (THE LEARNING MUSEUM, 2013, p.7) ²⁷.

As práticas investigativas de público e recepção justificam muitas vezes o retorno social do investimento feito na salvaguarda e comunicação da herança patrimonial, defendendo-se estes aspectos como tão, ou mais, importantes do que o número de visitantes e receitas de bilheteria.

Partindo destes estudos e de análise de proposições de museus ao nível internacional e nacional apuraram-se categorizações para se entender as relações estabelecidas com público idoso.

²⁷ Tradução nossa.

2.3 Das Ações aos Programas Museológicos

As abordagens nos setores de educação categorizam-se através de diversas tipologias de realizações no planejamento museológico, assim a ação é uma realização pontual e uma unidade menor de atividades em termos de escala e tempo. No entanto quando as ações visam um resultado específico num determinado tempo, criando-se ou produzindo um determinado conjunto de serviços, produtos ou conhecimentos define-se o projeto. O programa pode ter vários projetos que se inter-relacionam para originar um benefício estratégico numa duração temporal sistemática envolvendo um maior planejamento de recursos humanos e materiais.

Estas três realizações são encontradas para abordagens ao idoso tanto isoladas, sob a forma de ações esporádicas, como dentro de projetos fazendo parte de programas educativos, como por exemplo o dia dos avós, com atividades próprias, dentro do projeto de recepção de famílias do programa educativo.

Tanto as ações como os projetos podem estar revestidos de um embasamento experimental dentro da museografia e que se podem transformar em programas de mais longa duração, consolidados por diretrizes ou práticas interdisciplinares ou que ganham força de atuação quando se estabelecem parcerias e consolidação de recursos, assim sendo o sistema organizacional e de planejamento pode estabelecer caminhos estratégicos definindo-se a periodicidade das ações, duração, recursos e abrangências.

As relações com idosos passam pela análise de possíveis parcerias estabelecidas com os museus ou inexistência destas, por conseguinte surgem oportunidades que são equacionadas em acordos e negociações com origem em várias instituições como as de apoio governamental ou organizações não governamentais, grupos socioculturais e instituições ligadas à aprendizagem ou lazer sob as mais diversas formas de tutela.

As parcerias de apoio institucional ou governamental são muitas vezes solução para planejar as proposições e estabelecem-se sob as mais diversas formas: subsídios ou captação de recursos, financeiras ou de recursos humanos; apoio institucional de espaços ou mobilidade de pessoas; formação de recursos humanos ou multiplicadores e sob a forma de apoio à pesquisa. Atentar nas diversas tipologias de parcerias que podem ser estabelecidas e que podem culminar na eliminação de barreiras que podem existir para se relacionar com este público, como ocorre com a escola para atender os grupos em idade escolar.

As ações ou programas executados em parceria podem ser geridas de forma autocrática pelas instituições museológicas ou podem ser desenvolvidas com gestão compartilhada ou participativa. Formas institucionais de parceiros podem surgir com organizações como autarquias ou outras entidades político-administrativas, grupos socioculturais, educacionais para idosos, instituições nas áreas de saúde e bem-estar ou parcerias com o público sem intermediação de terceiros. A gestão destas proposições de parcerias reflete muitas vezes a forma de gestão das próprias instituições museais ou apenas do setor de educação. Os parceiros articulam para além de recursos, humanos ou financeiros, conhecimentos e estratégias que possibilitam as instituições museais estabelecerem relações que sozinhas podem não ter capacidade para agir, em consequência as parcerias tornam parceiros e museus mais fortes não só pelas sinergias, mas também pela visibilidade e coesão de agentes socioculturais.

Na visitação, os idosos são integrados em modelos de atendimento espontâneo ou em grupos organizados. Os grupos institucionais podem aparecer nos museus como grupo de visitantes segmentados por exemplo idosos de uma instituição específica cultural, religiosa, grupo profissional, ou grupo social diverso e inclusivo de idosos, pode entrar junto com a família, entrando neste segmento de público, no entanto todos podem entrar com agendamento ou pode aparecer de forma espontânea e efetuar a visitação.

As visitas de público turista ou do entorno, podem ocorrer por meio de uma visitação espontânea ou com marcação, assim valoriza-se a caracterização que expressa o modo como o público chega ao museu e pode cruzar-se com as opções de atendimento de público, referidas anteriormente.

Para entender como o idoso entra no museu sugerem-se terminologias que remetam para entender se a visita foi feita só, na companhia de amigos, na companhia de familiares, ou integrado num grupo de visitação, cruzando qualquer uma destas tipologias com o modo espontâneo de visitação ou a opção de agendamento ou participação de atividades programadas pelo museu, entendendo-se por trás destas escolhas questões motivacionais de visita.

Diante da importância de entender quem é esse visitante ou o seu potencial como público argumenta-se a necessidade de estudos de avaliação de público e recepção que permitam constatar mediações culturais (CURY, 2014; FALK, 2011; MARTIN-BARBERO, 1997) que precisam ser equacionadas na museografia, quando se assume a importância destas na interação público-museu. A relação de

construção do “experimento investigativo e análise de interpretação de dados” através da pesquisa de recepção “está para a museologia, assim como a etnografia está para a antropologia” (CURY, 2010, pag. 276-277).

O registro de visitação anual solicitado pelo Instituto Brasileiro de Museus pede um número geral que é insuficiente para num primeiro passo refletir a relação com os idosos no museu. Foi lançado em 2016 um Sistema de Coleta de Dados de Público através do Observatório Iberoamericano de Museus que aplicado pode fornecer dados de segmentação dos públicos visitantes, que podem originar uma coleta de dados para ponderações administrativas sobre os idosos que visitam os museus. Constata-se que muitos museus não realizam pesquisas de público e menos ainda de recepção alegando custos e/ou falta de recursos humanos, mas a criação desta ferramenta pode auxiliar na execução de um procedimento que forneça dados ao nível local sendo objetivo do Ibram uma utilização dos dados para comparação nacional e internacional, e por isso um esforço de padronização deste questionário em vários países.

O registro de visitação é um instrumento que auxilia na identificação do público dependendo da sua utilização sistemática e parametrização de campos para que realmente expresse a realidade de visitação, e não apenas o nome e cidade do visitante como ainda se constata em livros de visitação, quando preenchido de forma facultativa, pode fornecer dados pertinentes para outro tipo de investigação, mas não para a caracterização do público visitante, que é fundamental no sentido de conhecer quem é o público com mais de sessenta anos que visita o museu.

Porém este instrumento não consegue abranger o público não visitante idoso, que no estudo é visto como um público a ser revelado, do mesmo modo não é possível registrar relações ao nível dos resultados de aprendizagem ou níveis de motivação e participação do público interno e externo, nem constatação de dados que implique mudanças e alterações de comportamento. Embora seja um instrumento que pode auxiliar a gestão museológica ou complementar a perspectiva de avaliação que remete para pesquisar “o” museu, fica aquém da proposta de avaliação aqui apresentada, mas auxilia, “alimenta, ajusta, adequa e corrige [...], faz o sistema andar em direção aos objetivos traçados e aos propósitos institucionais” (CURY, 2014, p. 275).

A pesquisa de mestrado percepção os museus na relação em que o indivíduo cultural tem respaldo nas diretrizes ou políticas, mas na prática a mudança

que destaca este grupo pela vivência e memória tem de ser analisada começando por conhecimento empírico que poderá possibilitar análises museológicas mais amplas.

CAPÍTULO III – OS IDOSOS, UMA CIDADE, DOIS MUSEUS

A investigação recorre a dados empíricos para entender o público idoso nos museus e propõe-se observar como as instituições museológicas, por meio daquelas escolhidas em Itu - São Paulo, lidam com novos públicos, no recorte do cidadão idoso, tendo em conta uma prática embasada na reflexão dos capítulos anteriores.

A cidade de Itu foi escolhida pelo enfoque patrimonial que desenvolve culturalmente. No recorte das instituições museológicas escolheram-se dois museus: o Museu Republicano “Convenção de Itu” e o Museu da Energia – Núcleo Itu.

Apresentar a cidade e o público idoso do entorno, neste capítulo, é o ponto de partida para apresentar as instituições como parte integrante do estudo e estratégia metodológica para entender o público idoso nos museus, observa-se um todo organizacional, com a inserção do museu num território mais vasto admitindo-se influências territoriais e sociais nas opções de práticas museográficas.

Os museus do *locus* e suas especificidades são apresentados por meio de dados de pesquisa bibliográfica dos planos e missões, relatórios anuais, registro de visitas e por observação direta de visita com registro em diário de campo.

A metodologia apresentada neste capítulo faz parte da investigação que destaca o estudo de recepção como um aparelho metodológico apoiado no multimétodo como estratégia de investigação para elaborar proposições para este público.

3.1.1 A Cidade de Itu

A cidade de Itu localiza-se a 101 km da capital do Estado de São Paulo, na região nordeste, e é caracterizada como cidade do interior ²⁸ ocupando uma área de 640 quilômetros quadrados.

O desenvolvimento turístico da cidade surge pelo rico patrimônio histórico arquitetônico, seja no centro da cidade ou nas fazendas históricas, paralelamente destaca-se o patrimônio imaterial como festividades, gastronomia e o

²⁸ Latitude 23°15'51" S; Longitude 47°17'57" W

apelo da ideia da “cidade onde tudo é grande” que atrai visitantes que remetem para a referência televisiva dos anos sessenta ²⁹, ainda hoje emblemática para a cidade.

Os guias de turismo e a Associação Pró-Desenvolvimento do Turismo da Estância Turística de Itu, uma entidade que visa divulgar e organizar o setor de turismo na cidade e a Prefeitura fazem menção a 5 nomes pela qual a cidade é conhecida: boca do sertão (por ser um dos últimos povoados antes da exploração do sertão, sendo no séc. XVII uma base de abastecimento para a partida das monções que saíam da atual cidade de Porto Feliz), a Roma brasileira (pela quantidade de edificações de cariz religioso sejam igrejas ou colégios de confissão católica), a fidelíssima (o título foi concedido em 1823, pelo imperador D. Pedro I, em Carta Régia), berço da república (por ter sediado a Convenção Republicana de 1873) e cidade dos exageros (como referência à fala de Simplício no programa Praça a Alegria).

No campo das identidades estas temáticas são defendidas por uns e rejeitadas por outros, conforme as suas referências de pertencimento, no entanto as referências fazem parte do patrimônio cultural que se torna reflexão (para habitantes e pesquisadores de diversos campos de conhecimento) museológica³⁰, histórica e turística, quando por exemplo se fala de eixos temáticos de visitação ou de interesse na musealização do território.

Na prática não é explícita a possibilidade de escolhas por parte do visitante como participante na criação de percursos musealizados, tendo como foco de partida os próprios interesses do público, e em consequência não é perceptível a necessidade de tempo que permita autonomamente efetuar escolhas e nem é possível fazer escolhas de percursos com normas de acessibilidade instituídas.

A cidade com inúmeras instituições visitáveis gera o interesse de vários públicos e particularmente dos idosos. Parece-nos importante para este público que várias intersecções (museologia, gerontologia, turismo) sejam equacionadas para a maior fruição das visitas nos museus e na cidade como um todo. A observar a importância de se estabelecer informações que permitam escolhas conscientes sobre tempo de percursos, interesses ou motivações pessoais, acessibilidade e necessidades específicas do grupo dentro da grande categorização idoso.

²⁹ Artigo de GREGÓRIO, Erica, **A terra dos exageros**, A REGIONAL, Edição nº82 fev 2010 – Disponível em: <http://revistaregional.com.br/portal/?p=588> acesso em março de 2016

³⁰ CASTILHO, Emerson **A Cidade Paulista De Itu** - Perspectivas Relacionadas à Patrimonialização e Musealização. 2012 Dissertação (mestrado) Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGPMUS) UNIRIO, Rio de Janeiro, 2012.

3.1.2 Os Idosos em Itu – Sócio demografia

O levantamento populacional através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística pretende caracterizar a população de Itu com o recorte do grupo populacional com sessenta anos e mais.

Os residentes idosos representam cerca de 10% da população total de Itu, verificando que existem mais mulheres do que homens à semelhança de dados representativos da população brasileira.

De 1991 a 2000 a população do município cresceu cerca de 20% mas, entre 2000 e 2010 com o último censo apurou-se um crescimento de 12%, no entanto pela contagem de estimativa de 2014 a população residente atingiu o número de aproximadamente 165.000 residentes³¹ (IBGE, 2010; 2014).

Estimando-se que o ritmo de crescimento se mantenha neste decênio, a população pode chegar aos 20% de crescimento atingindo os cerca de 200 mil habitantes em 2020.

A população de idosos tem aumentado também conforme apuramento pela tabela abaixo construída através dos dados no município de Itu, dos Censos disponíveis no site do IBGE.³²

Grupos de Idades	ANO				
	1970	1980	1991	2000	2010
60 a 64 anos	1573	1755	3014	3657	5310
65 a 69 anos	1124	1518	2217	2832	3851
70 a 74 anos	690	1010	1475	2479	2972
75 a 79 anos	330	671	968	1422	2198
80 anos ou mais	311	498	856	1160	2167
Total	4028	5452	8530	11550	16498

Quadro 2 – Evolução da população idosa residente no município de Itu a partir de dados do IBGE. Fonte: Susana Costa Araujo.

³¹ Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2014 publicada no Diário Oficial da União em 28/08/2014.

³² Tabela 2093 – IBGE / SIDRA – Grupo por idade com situação de domicílio da população residente: amostra – características gerais da população com variável = população residente solicitada, 2013.

Desde o início do milênio confirma-se a tendência de crescimento da população em zona urbana e a diminuição da população rural. Esta situação repete-se com o grupo dos residentes com mais de sessenta anos cuja residência cresce cerca de 2% na cidade e diminui na zona rural.

Note-se que, apesar, destes dados o centro histórico parece ser ocupado por um maior número de idosos, por observação directa acredita-se que se trate de uma maior concentração de residentes com sessenta e mais anos no centro. enquanto os mais jovens habitam os novos condomínios ou bairros periféricos, por outro lado, os grupos de turismo familiar e de terceira idade, acabam por circular mais pela região central onde o comércio se concentra.

Para além destas categorias existem ainda os idosos que têm segunda habitação em Itu e que não estão contemplados como residentes ,mas que apesar de registrados com primeira habitação em outros municípios (exemplo São Paulo capital) acabam por passar bastante tempo na cidade.

3.2 Estudo de Recepção como Metodologia

A metodologia escolhida para compreender o que é feito nos museus com o público idoso parte de observação directa nos museus, recorrendo também a fontes escritas como documentos de arquivo administrativo (relatórios anuais e semestrais, registros de contabilidade, planos museológicos, missões e meios de comunicação institucionais) e iconográficos. A elaboração de entrevistas ao público interno (coordenadores/supervisores gestores e responsáveis do setor de educação) e a observação do público idoso visitante, fazem parte do trabalho de campo. O que subsidia o estudo com informações e com percepções registradas, na visita das exposições e na participação de atividades dos sectores de educação, para posterior categorização.

A análise qualitativa dos dados e o apuramento de categorias visou: *caracterizar* tipologias de idosos com que os museus se propõem trabalhar, apontar *abordagens* adotadas ou possíveis para atender este público, no passado e no presente e *registrar* dificuldades/desafios.

Por meio de documentação museológica, observação participante e estudos de caso publicados ou *online* nacionais e internacionais, apuraram-se abordagens desenvolvidas que atrelam desafios e oportunidades nos museus.

Subjacente ao estudo de recepção está um princípio norteador para a escolha do público interno, o entendimento da comunicação museológica como um modelo circular, em que não é a valorização do emissor que importa, mas entender todos os participantes envolvidos no processo comunicacional.

A metodologia de pesquisa adota ferramentas de vários sistemas de investigação científica, pois a necessidade transversal ocorre pela incapacidade de se perceber e interpretar o idoso nos museus por meio de um método único. Associar várias técnicas de coleta de dados e diversas fontes originou um rompimento da dicotomia de método qualitativo ou quantitativo, assumindo-se a maior interação destas duas análises para melhor compreender a recepção dentro do processo curatorial, através da museografia, mas capaz de interação com a museologia. Quando se procura entender as relações com os idosos usam-se diferentes técnicas dependendo dos dados procurados e das fontes onde se encontram.

O multimétodo permite integrar dados obtidos:

- ✓ no processo de produção ou abordagem partindo da museografia na documentação das instituições como os planos museológicos, relatórios de diversos setores e com diferentes propósitos de gestão,
- ✓ coletados por meio de entrevistas com profissionais envolvidos, referidos na pesquisa como público interno, como o gestor- supervisor, e o coordenador do setor de educação, e com outros intervenientes que foram sendo observados em interação,
- ✓ pela técnica de observação dá-se conta de ações onde os idosos são percebidos nos museus, por vezes onde interagem com colaboradores diversos e com educadores nas ações, nas exposições e no espaço museal,
- ✓ através de fontes orais de idosos participantes nos processos curatoriais, bem como em instituições de apoio ou possíveis intervenientes locais, entre os museus e o público.

Por se trabalhar a concepção de território, para além da instituição museal, subdivide-se no quadro abaixo as ações metodológicas efetuadas dentro do museu e fora, de modo a perceber-se que tanto na pesquisa como na ação os trabalhadores de museu têm de se dedicar a uma abrangência realmente mais ampla na sua reflexão.

Metodologia técnicas e fontes			
	Documentação	Observação	Entrevista etnográfica individual
Pesquisa no museu	Relatórios anuais, relatórios mensais, de contabilidade, livros de visitação, projetos, site dos museu, mídias sociais	Observação do espaço museal, exposições, ações educativas, espaço administrativo e técnico de salvaguarda	Entrevistas <u>semiestruturadas com guia</u> : gestor/supervisor e coordenador do setor de educação <u>Entrevista não estruturada</u> : educadores (ou pessoas cumprindo essa função) e seguranças/vigilante
Pesquisa fora do museu	Relatórios demográficos, das áreas e públicos em pesquisa, relatórios ou projetos museológicos de instituições nacionais e internacionais, estudos de público e recepção internacionais com foco no idoso	Observação do território do entorno/cidade, instituições com enfoque patrimonial (igrejas, parques, administração municipal de cultura e turismo, outros museus locais), instituições de apoio a idosos, e socio-culturais da cidade, idosos no geral	<u>Entrevista não estruturada</u> : guias de turismo, responsáveis de instituições de apoio, idosos do entorno e idosos turistas

Quadro 3 - Técnicas e fontes metodológicas. Fonte: Susana Costa Araujo.

Segundo Marília Cury as pesquisas de recepção centram-se na forma como a comunicação ocorre entre os sujeitos e os meios, considerando-se “a dimensão perceptiva, cognitiva, afetiva e relacional e com base na intencionalidade do emissor e buscando a produção de significações e sentidos” (2005, p.185).

A pesquisa empírica nos museus foi uma opção metodológica da pesquisa de mestrado, percorrendo vários níveis de abordagem: a coleta direta dos dados observados na museografia, entrando em níveis de abstração que pareceram importantes para o avanço do conhecimento museológico do grupo em questão e da própria museologia construindo modelos para experimentação futura de possibilidades complexas.

O estudo de recepção complexo compreende as diversas forças ou interesses na construção das relações museográficas que devem ser explícitas, por isso remete-se para um passado metodológico derivado dos *Cultural Studies* da Escola de Birmingham, explicitando-se a importância ao complexo de enfoques na

investigação que abarca possibilidade de analisar “senão o ponto de vista dos produtores culturais, ao menos a produção teórica da produção” o que leva ao seu engajamento nas relações de poder, com destaque para as “dimensões culturais das lutas e das estratégias”, conforme defende Johnson (2006, p.55-56), mas também um enfoque que contemple “os estudos do texto e os estudos baseados em culturas vividas” (p.104), ou seja, a análise formal ou das mensagens, e ainda, as perspectivas históricas ou etnográfica que abarcam o emissor com identidade própria com códigos culturais que condicionam a decodificação das mensagens.

A relação entre a mensagem das instituições culturais e o seu público foi analisada por Stuart Hall que define um modelo de hegemonia no discurso do dominante. Segundo o autor, o público pode tomar diversas atitudes: referenciando-se na mensagem, opondo-se a ela ou entrando num sistema de negociação aceitando certos aspetos e recusando outros (o autor defende ser a posição da maioria). Este modelo como sendo aberto remete para “posições de decodificação; não são grupos sociológicos” o que pode permitir que o indivíduo mude de atitudes ou posições perante as mensagens que lhe são transmitidas dentro de um mesmo grupo, por isso a dificuldade de lidar com o conceito de homogêneo na recepção (HALL, 2003, p.357) com o qual se concorda. É para o nosso estudo importante perceber esta mobilidade de construção de ressignificações que os grupos podem ter, coletando os sentidos dados pelos diversos comunicadores do processo curatorial - intenções de emissores, discursos e respostas de receptores - como integrantes desta recepção que se pretende analisar.

Para aplicar esta metodologia partiu-se da reflexão que há público que precisa de espaços para conviver, trabalhar memórias e estabelecer relações socioculturais, de que existem espaços preparados e vocação para receber público, por meio da experimentação com as várias culturas de idoso ou de um modo mais genérico.

3.3 Os Museus de Itu

Sobre a escolha dos museus é imperativo ressaltar que sempre estão subjacentes os “laços entre a história do status, e valor dos objetos de cultura, numa ponta, e a história das identidades sociais e políticas, na outra ponta” (POULOT, 2003, p.27).

O descritivo dos museus recorre à missão de cada um deles para o entendimento do “fardo e o fio” de cada instituição para compreender o sentido futuro, através desta análise do presente, pensando o passado que ela herda,

[...] quem o sujeito, quem o objeto dos discursos histó(riográfi)cos? Quais seus *princípios*? Que *legados* de autoridade herdamos? Para nós, o *fio* não é ainda o *fardo*? Mas também sem o *fardo*, qual o *fio*? Somos nós neste *nosso lugar e tempo*, os *sujeitos* que avolumam esse fardo dando corpo à *História*? Somos nós que tecemos os *firos* que atam os nós e amarram o *fardo*, compondo a *tradição* e firmando a sua *autoridade*? Que obra nos resta e que competência podemos assumir?

Então *sacudir o fardo* ou *(re)inovar o fio*? Talvez, antes, *desfiar o fardo*, desatar os nós que o, e também nos, prendem! (PIRES, 2014, p.14-grifado pelo autor)

Outro contributo, passando da análise da história que Francisco Murari Pires revela é a possibilidade de reescrever a própria história dos museus do fim para o princípio, ou seja fazer “uma inversão do percurso”(p.15) começar no hoje descrevendo os museus procurando na missão os princípios da museologia inclusiva da diversidade e com estratégias que reforçam sentimentos de pertença e autoestima através da visitaço e da partilha das reinterpretaçes da realidade, sugeridas na instituio museolgica, para que os visitantes possam fazer as suas apropriaes.

Sem esquecer que a Museologia, tem uma histria anterior

[...] porque os homens transitam a temporalidade de suas aes, tirando da memria dos fatos passados (verdadeiro tesouro de ensinamentos) a cincia e razo explicativa do presente, e assim vislumbrar a via porque se adentra o futuro ciente de suas encruzilhadas decisivas [...] advertindo-os a dele se afastarem em amaldiando suas viciosidades degradantes (PIRES, 2014, p. 9).

O autor remete para a possibilidade de inovao, como um ponto de partida para questionamentos sem destruir o existente, traam-se novas indagaes aproveitando-se esses fios deixados e reforando-se a ideia de como a museologia pode usar a cultura material para trabalhar a abordagem comunicacional e social.

Partindo da anlise das instituies museolgicas na cidade de Itu parte-se dos dados registrados no Instituto Brasileiro de Museus – Ibram em que se observam seis museus nesta cidade do interior paulista, conforme dados apurados na

Importante destacar que não existe área de paragem institucionalizada para ônibus turísticos estipulada no entorno, isto porque se propõe que não parem no centro histórico por questões de preservação das construções de taipa de pilão e pau-a-pique. Quanto às paragens de linha de ônibus da cidade, localizam-se nas ruas paralelas dos museus a uma distância aproximada de 300m, os pontos de táxi ficam mais próximos e alguns meios de transporte turístico de final de semana, como um micro-ônibus e um trenzinho de rodas turístico, localizam-se respectivamente na Praça Padre Miguel e Praça da Independência. O centro histórico tem vários estacionamentos privados que se têm multiplicado nos últimos anos, ocupando terrenos de antigas habitações (algumas até tombadas), o que origina um parque de estacionamento de veículos, razoável para o número de visitantes.

3.3.1 Museu Republicano “Convenção de Itu”- Extensão Museu Paulista da USP

O Museu Republicano, como é conhecido na cidade, é um dos orgulhos dos seus habitantes, mesmo que não o tenham visitado, sempre o reconhecem pela sua fachada de azulejos, pelas bandeiras e sua “importância, tradição e autoridade” (PIRES,2014, p.14).

Figura 2 – Foto da fachada do Museu Republicano “Convenção de Itu”, 2016. Foto: Susana Costa Araujo.

O sobrado pode representar um primeiro embate cultural, ou não, pela sua distinção, seja por uma associação a casarão antigo engalanado com bandeiras institucionais associando-se a gestão de poder, ou associando-se a um edifício mais velho na rua, quase paralelo à Igreja matriz.

Figura 3 – Entrada de visitantes idosos no “Museu Republicano, Maio, 2016. Foto: Susana Costa Araujo.

Na sua entrada um possível segundo embate três difíceis degraus, que gentilmente são assinalados por seguranças que efetuam o atendimento e entregam o ingresso do museu. Uma aura de tesouro já nos é transmitida pela quantidade de seguranças de uniforme no prédio, nunca menos de três no térreo e outros tantos no primeiro piso. Percebe-se que se entrou num local onde nem tudo é permitido, ou pouca coisa será permitida? O olhar intransigente, torna-se mais ou menos permissivo, mediante posturas mais ou menos convencionais.

Só depois a exposição, começa a revelar-se pela imponente visão dos azulejos que caracterizam a entrada e saguões deste edifício, povoando o olhar do visitante de azul e branco, do chão aos tetos.

Figura 4 - Saguão de entrada do Museu Republicano, 2016. Foto: Susana Costa Araujo

Os azulejos serpenteiam os dois enormes lances de escada que levam à área mais emblemática do museu a Sala da Convenção, no primeiro piso. O percurso é de difícil acessibilidade para quem tem dificuldade de locomoção.

Figura 5 – Escada de acesso ao primeiro piso, 2016. Foto: Susana Costa Araujo

Uma outra escada localiza-se nos fundos da casa e dá acesso ao jardim planejado ao estilo francês, passando por uma área de exposição temporária, como roteiro proposto, no entanto para quem não consegue subir as escadas, o acesso a esta área fica assegurado passando pelo meio de espaços de exposições temporárias e educativo.

Figura 6 – Escada para descida proposta pelo roteiro, 2016. Foto: Susana Costa Araujo

Seguindo a apresentação da ambiência da visita no piso superior, a primeira sala remete para a execução dos retratos dos convencionais, tem áreas de descanso como várias outras salas como estrutura de apoio.

Figura 7 - Exposição de longa permanência, 2016
Foto: Susana Costa Araujo

Figura 8 - Percurso que dá para a Sala da Convenção
– exposição de longa permanência, 2016
Foto: Susana Costa Araujo

Figura 9 – Acesso ao jardim e exposição temporária e
espaço educativo, 2016 Foto: Susana Costa
Araujo

O Museu Republicano “Convenção de Itu” (MRCI) é uma extensão do Museu Paulista (MP) da Universidade de São Paulo (USP), dentro da classificação de museu histórico é citado atualmente na página da internet da seguinte forma:

O Museu Republicano é um museu de história instalado na antiga residência em que se realizou a convenção republicana de Itu, em 18 de abril de 1873. Trata do movimento republicano e da primeira fase da República brasileira e da história de Itu e região, com ênfase no século 19. Destaca artistas ituanos daquele período.

O edifício é uma construção original da passagem do século 18 para o 19. Em 1867 passou por uma grande reforma, datando desse momento sua fachada azulejada. A azulejaria interna foi criada e instalada no Saguão de Entrada do Museu nos anos 1940. As cenas representadas em seus painéis formam uma narrativa da história de Itu entrelaçada a momentos-chave da história nacional.

Desde a sua criação é uma extensão do Museu Paulista no interior do Estado de São Paulo. Foi inaugurado em 18 de abril de 1923, data exata do cinquentenário da Convenção de Itu (MUSEU PAULISTA, 2015).

A página da internet tem uma descrição que parece o mais próximo do entendimento do que é a missão:

O Museu Republicano “Convenção de Itu” é uma instituição científica, cultural e educacional, especializada no campo da História e da Cultura Material da sociedade brasileira, com ênfase no período entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, tendo como núcleo central de estudos o período de configuração do regime republicano no Brasil.[...] Exerce atividades de pesquisa, ensino e extensão, abordando prioritariamente três linhas de investigação condizentes com o patrimônio histórico e cultural que abriga: Cotidiano e Sociedade, Universo do Trabalho, História do Imaginário (MUSEU REPUBLICANO, 2014).

Como museu universitário, propõe-se trabalhar linhas de pesquisa abrangentes e de possível problematização, ultrapassando a visão fundadora da coleta das coleções. Como referencial da cidade que o acolhe, é também referência turística para o grande número de público que o visita.

O museu pode ter uma visão de “fardo”, remetendo à trajetória histórica e conceito gerador memorialista do partido republicano de São Paulo, evocativo de um conceito de “origem” e fundamento de uma nação republicana dentro de um ideal maior de nação brasileira. O discurso museológico, impulsionado pelas elites, traduz-se de uma herança do Museu Paulista, do qual faz parte e tendo ambos sido agregados à Universidade de São Paulo.

O sobrado oitocentista, onde se localiza o museu desde o início do século XX, era uma antiga residência de “ilustres” da cidade adquirida para a rememoração do partido republicano paulista através da representação da convenção que ocorreu nesse mesmo espaço em 1873, reunindo convencionais pró república.

A sua aquisição foi uma estratégia de exaltação e perpetuação de memória para as origens republicanas de São Paulo, como precursora do regime instaurado, mas ainda longe da maturidade. A tese de Mariana Esteves Martins, relata a aquisição e ideais conceituados desse movimento para a construção do museu dentro dos objetivos e ações museológicas da época herdadas de exemplos recém-criados, como por exemplo o Museu Histórico Nacional (2012).

O Museu Paulista, do qual faz parte e que seguia a mesma linha museológica à data da sua inauguração, divergia no discurso narrativo museológico

vangloriando o Estado de São Paulo (seus heróis e fundadores como motor da nação industrializada) enquanto o Museu Republicano tinha como diretriz dos decisores oligárquicos paulistas, vangloriar as sementes republicanas que ali foram plantadas (MARTINS, 2012).

O discurso museológico e em particular o discurso expositivo, incumbido a Affonso Taunay para a construção do museu, constitui uma narrativa enquadrada à época histórica museológica brasileira em que, interpretando,

(...) os mecanismos de aquisição, de transmissão e de conservação das obras quer se trate das compilações de monumentos preservados, quer das coleções dos museus, envolvem um horizonte de expectativa ligado às representações de um grupo social, a uma sensibilidade local, às experiências, próximas ou longínquas, sociais e culturais [...] (POULOT, 2003, p. 40).

“Solenizar: os caminhos de um projeto nacional” é o subtítulo de Poulot de onde se retira este extrato, que vai ao encontro do texto que assinala a inauguração do Museu Republicano a “Solennisação do cincoentenário da Convenção de Itú – realizada a 18 de abril de 1873.

A construção dos acervos por Taunay desde a sua idealização até à década de 40 do século XX, não se resume à proposta evocativa da reunião de republicanos, coletando-se objetos para outros discursos, mas começa-se com uma primeira peça que inicia esse discurso republicano que seria o sobrado. Constrói uma narrativa sobre “berço da República”, através de “objetos documentos” no conceito de Ulpiano de Meneses em que “o objeto documento não é pois uma carga latente definida [...] pronta para ser extraída [...] é o historiador quem fala e a explicação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala” (1994, p. 21).

Posteriormente em 1929, adquirem-se os objetos decorativos da recriação da casa de uma família abastada do século XIX (provavelmente da capital do reino, e não do interior cafeeiro do Estado)³⁵, e depois de 1933 os objetos relativos à cidade de Itu são autocraticamente registrados e escolhidos pelo próprio diretor, que sobre a república não produziu historiografia, como relata Mariana Esteves

³⁵ Informação verbal fornecida por OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles - Anotação de aula - Disciplina: Museus de História: Espaços de reflexão sobre a escrita da história, o ofício do historiador e a memória histórica, segundo semestre de 2014, na Pós-graduação Interunidades em Museologia USP/SP

Martins provavelmente por ser um pesquisador, do período colonial, conforme os escritos do Museu Paulista (MARTINS, 2012).

As paredes revestidas de azulejos podem ser vistas como inovadoras à época, como um recurso de linha do tempo museológico para preencher as paredes vazias do sobrado, uma enormidade de discursos cuja apreensão de conhecedor em história, conseguiria numa visita de tempo hábil apenas identificar alguns episódios, tal é a profusão de interpretações que podem ser retiradas destes painéis. Para celebrar e educar, Taunay conta a história de Itu através dos painéis iconográficos, buscando uma linha de acontecimentos desde a colonização e ocupação das terras do sertão aliando personagens importantes e grandes acontecimentos nacionais e históricos ocorridos em Itu, esta escolha do diretor coloca um término no projeto por volta de 1945.

A galeria de retratos dos convencionais foi sendo composta durante a gestão do historiador duplamente diretor, era uma exigência do projeto defendida desde o início, cujo processo de execução e composição está patente na exposição de longa duração do MRCI, não simplesmente como evocativa, mas com a explicação do processo utilizado na época para responder à necessidade de perpetuar os rostos das figuras do Panteão republicano, atualmente pensa-se o discurso e o produto. A própria distribuição das figuras foi constituindo um discurso com hierarquias e importâncias subjacentes. A expografia atual remete para a produção ou os modos de fazer o retrato aos olhos do presente, como se executaram as obras e as encomendas sem a sua exaustiva exposição como outrora estiveram, deste modo desconstrói-se, mas não se destrói, a expografia permite pensar-se as exigências e negociações, desde a escolha de execução e colocação, que levaram estes retratos às paredes da ex habitação, templo à época da inauguração e mesmo depois, pois foram longos os anos até à montagem final de Taunay. Atualmente os retratos dos convencionais ilustram como um *fio*, um fórum ou laboratório da arte de execução dos retratos, por isso mais do que observar os retratos conseguem-se outras camadas de informação de técnicas e históricas que estão ocultas quando se observa o objeto, conforme Meneses defende as informações jamais previstas que um objeto ou documento podem trazer, se a dimensão do conhecimento no museu de história “operar com os problemas históricos” (1994, p. 20).

A desconstrução do discurso presente no edifício enquanto espaço de representação vem auxiliar significações, por exemplo, as imagens do sobrado antes da sua musealização e os vestígios arqueológicos da época de habitação retiram-lhe um pouco a aura celebrativa.

Figura 10 – Exposição com acervo arqueológico, 2015.
Foto: Susana Costa Araujo.

Por outro lado, mantém-se a ideia de casa habitada, que o próprio Taunay quis passar através da aquisição de artes decorativas e móveis. Os objetos adquiridos para transmitir o imaginário de uma rica família do século XIX, sem atentar ao rigor histórico, mas atentando à ideia de documento na construção da ideia da importância e requinte de uma família de Itu, herdeira de monopólios açucareiros e cafezeiros.

Figura 11 – Exposição longa duração com acervo de artes decorativas,
2015. Foto: Susana Costa Araujo.

Com esta problematização o museu ainda mostra que *desfiar* o entrelaçado de representações não é tarefa fácil para a história e menos ainda para a prática museológica.

As salas de exposições temporárias expandem-se no piso térreo por duas salas e trazem a possibilidade de trabalhar a ligação da universidade e à comunidade. O site do museu começa a destacar a vertente temporária comunicativa que o museu desenvolve, pois como se pode constatar na figura abaixo, as salas que aparecem a cinza e sem referência à utilização destes espaços, foram substituídas por uma descrição das exposições desenvolvidas e em exibição.

Figura 12 - Planta térrea do MRCI em que as salas a cinza são de exposições temporárias (embora não estejam assinaladas como espaços expositivos), 2015 ³⁶ Fonte: Site do MRCI/MP

³⁶ Planta com salas a cinza ou descrito “acesso ao jardim” no Item “Exposições” do site < <http://mr.vitis.uspnet.usp.br/index.php/exposicoes.html> > Acesso em 28 junho 2015, mas são

Adaptar os sobrados para espaço museológico é um desafio que ambos os museus do *locus* têm de enfrentar, lidando com desafios de acessibilidade e necessidade de cumprir com as normas de conservação e regulamentação de edifícios tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico.

As exposições temporárias são usadas como convite a questionamentos à população, e em especial à do entorno, criando-se laços entre a esfera da produção de conhecimento, a pesquisa e a comunidade onde o museu está inserido, exemplo disto a exposição patente no ano 2015 *Itu em Fotografias Postais* na primeira sala à direita após a entrada, em que uma pesquisa da USP que utilizou o acervo do museu promoveu pesquisa e comunicação museológica:

Você conhece sua cidade e sua história?
A exposição "Itu em fotografias e postais" foi concebida a partir da pesquisa de mestrado de André Luís de Lima, "Imagens da cidade: a evolução urbana de Itu através da fotografia", defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2014.
O rico material exposto - fotografias, postais, aquarelas, jornais, negativos de vidro e máquina fotográfica - pertence aos acervos do Museu Republicano (...) (MUSEU REPUBLICANO..., 2015).³⁷

Esta exposição é exemplo de outras temporárias que utilizam o piso térreo do sobrado, para levantar questionamentos que o próprio educativo se propõe fazer como parte do seu papel educacional e reforçar uma premissa de museu universitário em que se coloca como mediador da pesquisa acadêmica, e ele próprio pode ser produtor de conhecimento, de modo não formal ou formal, mas que mostra a relevância dos compromissos com o público e sociedade³⁸.

Sobre as formas de comunicação do museu, o *Facebook*, é o meio utilizado para promover as ações educativas e novas exposições, no entanto, considera-se um modo de divulgação nem sempre acessível aos idosos, por isso o museu recorre a jornais ou revista que dão destaque ao trabalho comunicacional.

salas de exposição temporária. Para ultrapassar esta lacuna no acesso em 03 abril de 2016, já revela um resumo descritivo das exposições temporárias neste espaço.

³⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Museu-Republicano-Conven%C3%A7%C3%A3o-de-Itu/280152652035442?fref=nf>> Acesso em 30 junho 2015.

³⁸ Temática discutida no II Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia – SinPeM, 2015, **Museu e Produção de Conhecimento**, Relatório Científico Fapesp - Programa de Pós Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (Org.): São Paulo, 2015

Não existe bilheteria, o controle de visitantes é efetuado pela entrega de ingresso em papel a cada visitante indiscriminadamente, o que não permite a caracterização do visitante. A visitação agendada contempla apenas uma recepção ao público e não uma visita acompanhada (salvo projetos do educativo), no entanto dois livros de registro estão disponíveis para preenchimento: um de preenchimento facultativo por parte do visitante coletando o nome, cidade de origem e data de visitação; outro de visitação de grupo entregue pelo segurança, que pode ser preenchido pelo atendente ou pelo acompanhante do grupo, com o formato de um registro para público escolar, permite perceber que tem o registro de grupos de idosos, porém o caráter facultativo não permite entender o número efetivo de visitantes com mais de sessenta anos, isso revela prioridades dadas para conhecer os públicos visitantes. Quanto às famílias tanto podem ser incluídas no controle de grupo se forem mais numerosas, ou ficam no registro facultativo conforme critério do segurança, mas não existe um procedimento definido do que é grupo de visitante mais numeroso. O idoso não aparece assim neste registro, à exceção quando chega como grupo juntamente com guia ou acompanhante.

40

DATA 19/03/2014

ESCOLA / GRUPO: Vila Feliz

GRAU DE FORMAÇÃO: 3ª idade Nº ALUNOS: 90.

ENDEREÇO: Moema / SP

TEL: 4022 8202 E-MAIL:

CIDADE: São Paulo CEP:

RESPONSÁVEL: Flávia Ciccarelli / Camping Cavarão

DATA 13/3/2014

ESCOLA / GRUPO:

GRAU DE FORMAÇÃO: 3ª idade Nº ALUNOS: 26

Figura 13 – Registro de grupos do Museu Republicano. Livro de registro de 2014. Fonte: Susana Costa Araujo.

O público privilegiado das ações do museu é o escolar de vários níveis de escolaridade, pois assumindo o papel de museu universitário ligado à produção de conhecimento, o seu enfoque educacional está presente e por isso promove o estabelecimento de parcerias e subsidiar trocas com as várias instituições de ensino da cidade, em especial em horários durante a semana e por meio de projetos do setor

de educação, tendo em conta que a grande afluência de visitante ocorre no final de semana, por conta do turismo, e da área envoltória ser o centro histórico de Itu.

O MRCI tem grande visitação na cidade e segundo os dados solicitados é possível apurar o número de visitantes anual sem distinção etária, conforme quadro:

Museu Republicano "Convenção Itu"	
Ano	Nº de visitantes anual
2013	42765
2014	43410
2015	44645

Quadro 4 – Visitação anual dados fornecidos pelo serviço educativo MRCI. Fonte: Susana Costa Araujo.

De destacar que através dos dados de visitação fornecidos pelos museus, percebe-se que esta instituição museológica é a que tem maior visitação na cidade.

3.3.2 Museu da Energia – Núcleo de Itu

Do outro lado da Praça Padre Miguel, descendo em sentido à igreja Bom Jesus, local onde se atribui a fundação da cidade, localiza-se o Museu da Energia de Itu, bem próximo ao restaurante chamado Bar do Alemão atrativo gastronômico da cidade.

O museu é tutelado pela Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, órgão que surge quando as empresas do setor elétrico brasileiro entraram em privatização. Nesse momento foi criado um órgão para preservar a memória e patrimônio do ramo energético de gás e eletricidade, tendo sido incorporada em 2004 a temática do saneamento.

Figura 14 – Edifício do Museu da Energia e “Becão” (Passeio Marcos Steiner Neto), 2016 ³⁹. Foto: Susana Costa Araujo.

Figura 15 – Entrada de grupo de idosos da cidade de Campinas, Março, 2016. Foto: Susana Costa Araujo.

No espaço térreo do museu encontra-se uma biblioteca especializada dentro da temática da produção de energia e uma gibiteca (biblioteca de gibis), na entrada encontra-se a bilheteria, onde o atendimento é efetuado pelo segurança do museu, que recepciona os visitantes e informa as condições de gratuidade por idade.

³⁹ O “Becão” é o espaço onde o museu desenvolve a ação “Arte no Beco”. Em alguns domingos, turistas e moradores podem participar em atividades, algumas ao ar livre e outras no museu, conhecendo artistas e suas obras, numa parceria com uma empresa cultural.

Figura 16 –Área de recepção do Museu da Energia, 2016. Foto: Susana Costa Araujo.

Neste piso encontram-se também exposições temporárias e surge a escada que leva ao primeiro piso onde está a exposição de longa duração “História, Energia e Cotidiano” e espaço educativo. Fazendo o percurso é possível visitar as exposições temporárias e uma área de jardim, nos fundos do piso térreo, onde se localiza um espaço expográfico de escavação arqueológica sem grande destaque, mas enquadrado num agradável jardim com cadeiras e mesas que são utilizadas em algumas ocasiões, mas raramente.

Figura 17 – Jardim do sobrado equipado para área de descanso e convívio, 2016. Foto: Susana Costa Araujo

A exposição “História, Energia e Cotidiano”⁴⁰ começa numa sala que recria a ambiência do sobrado antes da chegada da eletricidade, e essa narrativa é explorada em outros espaços através de uma ideia de processo evolutivo e histórico.

Figura 18 – Primeiro Piso início da exposição de longa duração, 2016. Foto: Susana Costa Araujo

O discurso do educativo dialoga entre a história a evolução tecnológica e a sustentabilidade, e é vocacionado para o público de vários níveis de escolaridade.

Figura 19 – Sala do educativo (primeiro piso), 2016. Foto: Susana Costa Araujo.

⁴⁰ Exposição remodelada e inaugurada em fevereiro de 2016 com a inclusão de painéis informativos e legendas (recurso não utilizado durante 10 anos), diminuindo a quantidade de acervo exposto e uma nova ambientação, modos de iluminação com destaque para as companhias que ocuparam o sobrado, continuando-se a privilegiar os eletrodomésticos do passado e as maquetes de casas do século XX.

A fundação tem como missão **“Preservar, pesquisar e divulgar o patrimônio dos setores de energia e saneamento por meio de ações de educação e cultura, nos eixos de história, ciência, tecnologia e meio ambiente” (MUSEU DA ENERGIA, 2015).**

A entidade gestora do Museu da Energia de Itu é uma organização da sociedade civil de interesse público desde 2003, “desenvolvendo projetos culturais e educativos que contribuem para a democratização do acesso ao patrimônio cultural, visando o fortalecimento da cidadania e o uso responsável dos recursos naturais” (MUSEU DA ENERGIA, 2015).

O museu foi inaugurado em 1999, resultado da privatização das várias companhias do setor energético que originou em 1996 um grupo que começou a trabalhar a gestão do patrimônio energético paulista sob orientação da Secretaria de Estado da Energia de São Paulo, com foco na preservação dos acervos corporativos. Deste modo em 1998 a Fundação é criada já com o objetivo de integrar e democratizar este patrimônio industrial, promovendo-se seminários para desenvolver discussão sobre a temática, que começava assim a ter algum destaque no Brasil e que hoje tem consolidado ações de salvaguarda e comunicação museológica⁴¹.

O sobrado que alberga o museu foi, depois da primeira década do século XX, sede de comércio e agência de atendimento de companhias elétricas - primeiro da Companhia Ituana de Força e Luz, depois da *Tramway Light and Power Co. Ltd* – a primeira tinha um almoxarifado de material elétrico, a segunda uma loja. O sobrado também serviu de residência dos funcionários responsáveis pelas companhias até ser incorporado à Eletropaulo - Eletricidade de São Paulo (FERRAZ, 2000, p.25-26).

Ocupando o primeiro piso do edifício em 1994 a Eletropaulo inaugura um espaço museológico ocupando o primeiro piso, constituindo o acervo com objetos de origem do núcleo de Jundiaí. Esta é a “mais velha propriedade da Eletropaulo” e a sua história cruza-se com a implantação da energia elétrica da região, por isso o seu conceito museológico inicial remete para a “geração, transmissão e distribuição de energia elétrica” (FERRAZ, 1995, p.51-52). O Departamento de Patrimônio Histórico direcionou duas linhas de pesquisa: a eletricidade e a influência no cotidiano da

⁴¹ SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA E ENERGIA 2º, dez 1999, **Potencial Estratégico de Cultura e Negócios**, Fundação Patrimônio Histórico Da Energia: São Paulo, 2000.

população, a história e ocupação do sobrado com objetivo de alimentar um base de dados com informações.

Deste modo o edifício é valorizado pela sua ocupação anterior de residência de uma família de elite de senhores de engenho, num discurso que tem em consideração o sobrado de construção originária de taipa de pilão, que foi residência da família Corrêa Pacheco no final do século XIX tendo sofrido várias reformas. Deste modo a história do sobrado é uma vertente que faz parte do “fio” museológico, pois episódios históricos do sobrado “não compõem uma narrativa linear sobre essa casa, mas iluminam sensivelmente alguns quadros sobre a vida privada dos seus moradores” (FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA DE SÃO PAULO, 2000, p.9).

Alguns objetos expostos surgem após o trabalho de restauro, para a inauguração da exposição e sua investigação atualizando a abordagem museológica.

Poulot refere que afinal, talvez estejamos à procura de museus capazes de narrar a história através do registro do nosso tempo, desenvolvendo um discurso que cumulativamente nos conte a história, mas que consiga reescrevê-la incessantemente (2002).

A possibilidade de reescrever a história ao olhar da museologia, interdisciplinar e até de algum modo autoral, poderá criar novos conhecimentos, partindo de discursos já anteriormente pensados. Consegue-se assim avaliar o como e o porquê através do momento presente. O museu de característica tecnológica cruza com a história a narrativa museológica, assim o recurso a vitrines com objetos arqueológicos mostra problematizações que recorrem a referências da casa antes de ser musealizada e possibilitando reinterpretações de várias áreas de conhecimento.

Os objetos do cotidiano, agora obsoletos, promovem questionamentos colocando o público como centro da ação museológica, e não os objetos da cultura material como no século XIX e início do século XX no Brasil se priorizava. Os objetos ou documentos museológicos que tendem a ser base de valorização para uns e que são de silenciamento para outros, fazem parte das discussões do educativo, por meio de reflexões de quem seriam os utilizadores daqueles objetos. O que Poulot refere como “o valor de memória de determinado objeto corresponde a uma afirmação de si ou do grupo, em oposição ou em paralelo a outros objetos e outros sujeitos” (2002, p.27).

O acervo tecnológico testemunha a herança preservacionista, em que a salvaguarda e conservação eram e são focos dos museus, em especial das instituições museológicas de tipologia ligadas à história, mas neste caso os objetos

tecnológicos também possibilitaram novas narrativas ligadas à sustentabilidade. A história da cultura material, evolui desde o percurso da salvaguarda do objeto visto como único, passando pelos estudos e classificações descritivas - que vêm do colecionismo - até à abordagem dos objetos como explicação de condutas e justificação de posturas políticas. Promovendo-se posturas mais recentes sobre a produção da cultura material feita pelos vários campos de estudos surgem leituras sociais ou antropológicas, em que a visão das técnicas e da distribuição de objetos, remete para apropriações ligadas às possibilidades de aquisição através da renda do indivíduo ou grupo, demonstrando posições destes, em oposição a outros, dentro de uma visão de diversidade que a museologia do séc. XXI pretende dar voz.

Figura 20 – Exposição temporária Os Ituanos e a Chegada da Luz, 2015. Foto: Susana Costa Araujo

A Fundação utiliza exposições temporárias para inserir temáticas com um cariz mais universal, com foco nas preocupações do público de museus, como as questões da água e recursos hídricos utilizando a sua coleção ou expandindo relações com o público do entorno:

O Museu da Energia de Itu inaugura a nova exposição "Fontes e Chafarizes". Aproveitando o momento em que a questão hídrica encontra-se em evidência na sociedade brasileira, a nova mostra pretende apresentar como as fontes públicas de água se transformaram ao longo do tempo, dando destaque, também, para estas mudanças no âmbito local, em Itu. (...) a memória dos chafarizes e bicas, desde os tempos do Brasil Colonial, quando ainda existia o ofício de "aguadeiro", até o período em que estas fontes entram em decadência e tornam-se estruturas de apelo estético, ao serem substituídas pelos sistemas de abastecimento de água ligados diretamente às residências (MUSEU DA ENERGIA, 2015).

Neste que foi o primeiro museu da Rede de Museus de Energia, a expografia de longa duração já tem esse apelo ao interesse do cotidiano, a exposição “História da Energia e Cotidiano” que trata o uso doméstico da energia durante os séculos XIX e XX” (YAGUI, 2014, p.137), depois da exposição “Memórias de um Sobrado” no piso térreo, a aposta é feita nas exposições que aproximam a realidade do museu e a sua comunidade envolvente. A crise hídrica, que atingiu particularmente a cidade em 2014, revela-se na exposição “Fontes e Chafarizes” de 2015.

Figura 21 –Ambiência das exposições temporárias Os Ituanos e a Chegada da Luz, e Fontes e Chafarizes, 2015. Foto: Susana Costa Araujo

Figura 22 – Painel informativo da exposição temporária Fontes e Chafarizes, 2015. Foto: Susana Costa Araujo

Sabe-se que as questões do cotidiano conseguem aglomerar mais visitantes, através de temas universais, por isso os discursos expositivos que foram outrora elitistas, devem explicitar de forma inclusiva objetos e ideias através de significações, sem cair no populismo⁴², ou valorizando um determinado público.

A comunicação e as relações com o público passam a ser mais centrais na museologia, deste modo para além do percurso de vida do objeto ou saber a quem ele pertenceu, saber como era usado e em que circunstâncias, possibilita aos novos estudos de cultura material proporem trajetórias sem “solenizar” o objeto, (POULOT, 2003) e afastar a noção de “fetichização” mas, aproveitando para fazer a explicação dessa ação que transforma o objeto de natureza físico-química em objeto – fetiche. O museu “deve é inseri-los no seu quadro de usos e funções” registrando e explicando esses objetos relíquias e não descartando-os (MENESES, 1994, p.27).

O Museu da Energia trabalha a materialidade dos objetos na musealização dos equipamentos elétricos obsoletos, como explicação da evolução tecnológica no cotidiano, no entanto são as memórias do visitante idoso que podem construir significados na relação pela vivência ou afetividade que têm com este patrimônio.

Registrou-se através da fala do público interno a memória de três atividades específicas com idosos: uma oficina de cartuns “sobre a água” que resultou numa exposição, o registro oral de uma oficina de fotografia em várias sessões com o grupo Melhor Idade, a utilização da história oral para coletar testemunhos de ex funcionários dentro do projeto Café com Energia, dirigido pelo setor de documentação e pesquisa de São Paulo, e anteriormente uma atividade de voluntariado de idosos, atividades que iremos abordar no capítulo quatro.

Na procura de entender quantos são os visitantes idosos no Museu da Energia conseguiu-se por meio de relatórios de controle de caixa/ entrada contabilizar os visitantes no geral e os visitantes com sessenta e mais anos.

A documentação gerada mesmo que tenham um enfoque secundário permitiu coletar dados neste museu.

⁴² MENESES, 1994; Idem. 2000

Museu da Energia - Núcleo de Itu		
Ano	Nº de visitantes	Nº visitantes idosos
2013	16185	447
2014	20114	578
2015	22478	595

Quadro 5 – Visitação anual dados fornecidos pela coordenação do Museu da Energia. 2016 Fonte: Susana Costa Araujo.

A contagem de idosos é feita pelo controle de entrada, que dá acesso grátis a cidadãos com sessenta e mais anos, e por um registro de participação em eventos que compõem os dados de visitação anual. No entanto, em dias de entrada livre ou meses comemorativo sem cobrança, ou ações de visitação gratuita, não são contabilizados visitantes. Visto que a prioridade do relatório é financeira, as tipologias de contexto de entrada (em grupo, família, individual) não se conseguem apurar pelo relatório gerado a partir desse registro, mas consegue-se saber a quantidade mensal e diária de visitantes idosos. O agendamento de visitação guiada ou acompanhada por educadores tem um registro à parte.

O público privilegiado no museu é o escolar derivado de um investimento de projetos desenvolvidos pela Fundação com este recorte (como o Projeto “Escolas públicas e Museu da Energia” - Lei Rouanet, ou como atesta a iniciativa “Intervalo com energia”, uma ação fora da instituição museológica em que aparatos são levados às escolas durante o intervalo), e como se apresenta no meio do percurso museológico uma sala onde o setor de educação desenvolve as suas atividades.

Assim ocorre um desafio entre opções feitas baseadas na análise da quantidade de público visitante nos anos anterior como justificativa para continuar a apostar no mesmo público, e a necessidade de aposta na inclusão de outros públicos, como experimentação baseada em diretrizes da própria Fundação como resposta de oportunidade de aumentar a visitação.

CAPÍTULO IV – OS IDOSOS NO MUSEU – ANÁLISE DE DADOS

[...] ambientes "amigáveis aos idosos" permitem que as pessoas mais velhas vivam vidas mais plenas e maximizem a sua contribuição.

Criação de ambientes físicos e sociais "amigos do idoso" pode ter um grande impacto na melhoria da participação ativa e independência dos idosos. (OMS,2014)⁴³

A museologia e a gerontologia, têm como premissas teóricas o papel participante do idoso na sociedade. Na museologia nem sempre se verifica, neste sentido o estabelecimento de relações socioculturais com os museus segue regulamentações que almejam a mudança social, como se pode verificar nas diretrizes de inclusão de públicos alicerçadas na abordagem à totalidade da sociedade, e em estudos sobre envelhecimento e normativas que apontam para a interação social e cultural como estratégia bem-sucedida para este grupo.

O público idoso e o museu fazem parte de uma relação que tem tudo para dar certo. São as estratégias que se podem criar através da museografia para este público que permitem o cumprimento do papel social da museologia, embasadas em premissas teóricas e normativas do sector museológico e nas políticas para o envelhecimento e diretrizes sociais.

As mudanças sociais vão ocorrendo num dinamismo próprio da sociedade, mas questiona-se como se estarão a contemplar estas normatizações na museografia, que conceitualmente focam o público idoso. As diretrizes e normatizações, referidas nos capítulos um e dois da pesquisa, determinam adaptações na prática, mesmo que de maneira mais lenta por conta de resistências, por se lidar com o estigma social, com impopularidade de ações ou prioridades diversas, o que origina uma defasagem temporal na aplicação prática e aceitação das normatizações.

A prática museográfica com os idosos como público, pode até dar a entender alguns pressupostos referidos em normas, mas o comprometimento na mudança social pode estabelecer-se de maneira desafiadora. Por meio da reflexão e alterações práticas acredita-se estar num momento dialético de adoção ou rejeição às diretrizes, o que faz parte de todo este processo adaptativo da norma à mudança pela sua aceitação.

⁴³ Tradução nossa

A adaptação às normatizações não é linear, e nem tem ocorrência homogênea, porque envolve modelos de ação mais ativos ou passivos dependendo do papel da distribuição de recursos de todo o tipo (humanos, logísticos e financeiros), e da compreensão ao nível do senso comum da sua utilidade e possível utilização. Os modelos de ação para o cumprimento das normas mostram escolhas que fazem parte dos sistemas de representação revelando comportamentos que originam as mudanças sociais (JENSEN; WAGONER, 2009).

Transpondo este modelo para a pesquisa, na importância das relações com os idosos nos museus, indaga-se a que níveis empíricos ocorre a “adesão parcial” no estabelecimento destas abordagens e procura-se dar a entender algumas “resistências e conflitos sobre recursos, mas o dinamismo e contingências sempre definiram a mudança social e cultural” (JENSEN; WAGONER, 2009, p.226⁴⁴) para que a museografia se aproxime da museologia nesse sentido.

Na procura da percepção sobre como as normas de inclusão de públicos diversos nos museus e a participação social dos idosos, podem criar inovação e mudança, recorre-se à análise de recepção das inovações normativas, como fenômeno diverso, mas com forte influência de conhecimentos ao nível de tratados universais, que são traduzidos para as normas ou leis nacionais, e por conseguinte, são chamadas a transformar-se em práticas locais (CASTRO, 2012). A pesquisadora Paula Castro defende que a psicologia social tem dado atenção à aceitação das normas, pois mesmo com forte investimento de países, as normatizações que envolvem determinadas mudanças na prática não acompanham essa necessidade de aceitação, acontece analisando diversos tipo de inovações normativas baseadas em causas naturais, mas também em inovações inventadas pelo homem (2012).

A mudança para a implementação e aceitação das normatizações não pode acontecer sem a coordenação do discurso e da ação, o que ocorre num complexo processo de desdobramentos em fases (CASTRO; BATEL, 2008). Assim, pensando as fases numa perspectiva temporal, distingue-se:

- quando o discurso começa por uma *emergência* e normalmente é proposto por uma minoria surge a necessidade de normatização;
- em segunda fase, a *institucionalização* surge como uma política e inovação institucional, que leva a um momento de contestação, mas em que se discutem valores e objetivos, para se expressar em documento a norma ou lei;

⁴⁴ Tradução nossa

- em terceiro depois da normatização estabelecida, surge um sistema de implementação das diretrizes por meio de instituições, campanhas e transformação das ideias em práticas que originam a fase de *generalização*;
- a aceitação prática das normas ocorre na fase quatro designada de *estabilização* (CASTRO, 2012, p.108-109)⁴⁵.

Transpondo para a museologia e políticas sociais este raciocínio admite que as normas de inclusão dos idosos como público diverso participante nos museus, estabelecem-se na fase de aceitação entre a *institucionalização* e a *generalização* percebendo-se que existem instituições governamentais que começam a vincular-se aos discursos acadêmicos alguns já geradores de normatizações, observando-se que começam a surgir preocupações para a criação de abordagens através de mais aplicações museográficas e experimentações.

O idoso começa a entrar nos enfoques das campanhas da museologia, mesmo que sob uma imagem estereotipada, a discussão sobre inclusão destes cidadãos foi alvo da campanha de participação na Semana de Museus, pelo instituto federal brasileiro responsável pela política nacional de museus ⁴⁶.

Figura 23- Campanha da semana de museus 2016.

Fonte: Facebook do Ibram

⁴⁵ Tradução nossa do artigo em que a pesquisadora destaca normatizações e legislação, sobre mudança e resistência à inovação legal sobre Leis de Sustentabilidade, adaptada ao enfoque da pesquisa, tendo em conta que ambos os temas, a sustentabilidade do planeta e o envelhecimento da população, são grandes preocupações para o séc. XXI.

⁴⁶ No ano de 2016, 1.236 museus e instituições culturais brasileiras confirmaram, segundo o Ibram a participação na 14ª Semana Nacional de Museus, que aconteceu entre os dias 16 e 22 de maio com o tema Museus e paisagens culturais. “O órgão é responsável pela Política Nacional de Museus (PNM) e pela melhoria dos serviços do setor – aumento de visitação e arrecadação dos museus, fomento de políticas de aquisição e preservação de acervos e criação de ações integradas entre os museus brasileiros. Também é responsável pela administração direta de 29 museus.” Disponível em :< <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/o-ibram/>> Acesso em 21 set. 2016.

Vários interesses sócio políticos trabalham a necessidade de acelerar certas normatizações, dentro da esfera pública e privada, consequentemente a aceitação das normatizações é influenciada também pelas instâncias de poder, pois elas podem promover por meio de mecanismos a aceitação da norma, incentivando ao nível local as normatizações de nível nacional ou supranacional, a este respeito enfatizam-se as campanhas de sensibilização bem como os incentivos financeiros (CASTRO, 2012). Assim, os órgãos de poder ou entidades reguladoras podem influenciar bastante a aceitação das normatizações como fonte de mudança social, através de mecanismos que promovam por meio de incentivos à inclusão da pessoa idosa, à construção de programas culturais com foco nas suas motivações e interesses, formação de recursos humanos mais especializados em questões culturais relacionadas ao envelhecimento.

Para além disso, o idoso que é olhado como objeto de pesquisa, a quem se aplica teorizações e metodologias de construção de conhecimento, mas que poucas vezes tem a possibilidade de dar ou fazer ouvir a sua “voz” (BOSI, 1979), pode por meio dos estudos de recepção justificar a escuta e observação como se fez nesta pesquisa que permitiu lidar com a diversidade de vozes que compõem esta tipologia de público.

Participar de um espaço cultural de narrativas geradas pelo conhecimento do patrimônio pode beneficiar os idosos através da emoção e desse modo alterar motivações por meio de um trabalho com a memória e reminiscência, sustenta-se que também é possível nos museus trabalhar posturas e conceitos como interação, participação, tolerância e cidadania, como se pode constatar na análise dos dados apresentada neste capítulo.

4.1 O Dilema da Diversidade dos Idosos

A diversidade de idosos dentro de um só grupo pode ser um trunfo ou um freio para a museografia. Quando se referem tipologias de idosos usa-se a construção de representações, estabelecendo-se a segmentação do grupo por um ou mais aspetos do cotidiano sociocultural ou físico do idoso. A pesquisa enfatiza que a segmentação é parte de um processo para se chegar mais perto da realidade cultural dos públicos idosos, pela diversidade que o compõe dentro do atual processo de

envelhecimento, tendo em conta que se abrangem várias idades que podem variar 30 ou mais anos entre os indivíduos, com níveis de autonomia diversos, para além de caracterizações sócio económicas e culturais diferentes.

Acrescenta-se que os idosos nos museus parecem estar em percursos tão diversos quanto a sua diversidade como indivíduos, desde a sua não inclusão em projetos específicos até à participação como voluntários engajados com a própria instituição. Esta variedade é apurada na análise de vários museus por meio da comunicação institucional via internet, (e algumas trocas de correspondência por e-mail) onde se entende como o público idoso se insere em outras realidades museológicas. Compilando informações de 40 instituições, localizadas em 10 países. A informação vinculada nas páginas oficiais dos museus, *sítes*, a adesão de idosos a propostas criadas pelos museus varia bastante e mesmo sem propostas específicas para os idosos eles são público das instituições museais conforme se percebe pela informação vinculada pela internet em que se divulgam atividades para qualquer tipo de público ou grupo e em que os idosos podem participar, logo se entende que a recepção é feita por adaptação ao grupo ou indivíduos, mas sem condicionar a atividade a uma tipologia de público. Tal como no *locus*, os idosos nos museus posicionam-se conforme as instituições lhes permitem interagir.

Das informações retiradas nas páginas da internet dos museus, exploram-se potencialidades que o entorno e os idosos lhes permitem, selecionaram-se três instituições estrangeiras e três museus nacionais, partindo do quadro completo no Anexo que se foi compondo durante a pesquisa, não sendo representativo de um universo total os exemplos apresentados comprovam relações museológicas diversas com o público idoso.

Nome da Instituição	País	Cidade	Endereço net:	Atividade com idoso
Museums of Liverpool (7 museus e galerias em rede de diferentes temáticas)	Reino Unido	Liverpool	http://www.liverpoolmuseums.org.uk/learning/projects/house-of-memories/memory-walks.aspx	Memory Walks - Passeios com memória
Fundação Gulbenkian	Portugal	Lisboa	http://gulbenkian.pt/descobrir/discover_position/academias-de-seniores/	Visitas e oficinas - com vários grupos como destinatários
Australian Museum	Austrália	Sydney	http://australianmuseum.net.au/volunteering-at-the-australian-museum	Trabalho voluntário de um dia por semana para digitalização de acervos em plataforma digital, e outros programas
MUBE	Brasil	São Paulo	http://mube.art.br/curso/faca-memorias/	Vistação e oficina de lembrança e execução técnica
Pinacoteca	Brasil	São Paulo	http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=619&c=1191&s=0&friendly=meu-museu	Meu Museu - idosos visitantes em grupos que se propõem parceiros
Museu Arqueologia e Etnologia	Brasil	São Paulo	http://www.mae.usp.br/	Encontro com Idosos: Escavando memórias

Quadro 6 – Instituições com relações museográficas com idosos, informações vinculadas pela internet. Informação extraída do Quadro no Anexo, compilado em 2015 e 2016. Fonte: Susana Costa Araujo.

Os três museus estrangeiros atestam a participação em programas já estruturados.

No Reino Unido, indivíduos diagnosticados com doenças demenciais e comprometimentos ao nível da memória têm uma rede de museus e instituições que trabalham em conjunto, em Liverpool, com apoio de universidades e com financiamentos diversos incluindo governamentais, são inclusive atribuídos prêmios às instituições que desenvolvem projetos com este foco⁴⁷. Dentro do programa *House of*

⁴⁷ O aplicativo *House of Memories* tem recebido vários prêmios em reconhecimento do seu alcance o 'Excellent Smart Health Innovation Award 2015' pela *Think Dementia Conference*, e anteriormente o Innovate Dementia Award no World Health and Design Forum 2014. Disponível em <<http://www.liverpoolmuseums.org.uk/learning/projects/house-of-memories/my-house-of-memories-app.aspx>>, Acesso em 20 junho 2016.

Memories destaca-se por meio de foto um dia de visitação específica para estes adultos sem necessidades de agendamento.

Memory walk

© Pete Carr

<p> Date: 7 Jul 2016</p> <p> Suitable for: adults</p> <p> Room: Meet in the Atrium</p>	<p> Time: 2pm</p> <p> Booking: Free drop-in event, no need to book</p>
--	--

Figura 24 – *Memorie Walk* - Atividade específica para idosos sem agendamento, dentro do *Programa House of Memories*, 2016. (Site dos Museus de Liverpool – 7 museus em rede no Reino Unido) Fonte: <http://www.liverpoolmuseums.org.uk/mol/>

Em Portugal o exemplo da Fundação Gulbenkian não promove a segmentação de atividades específicas, mas foca no atendimento de grupos de forma diferenciada e por marcação, mas com atividades integradas em programas que lidam com motivações específicas que permitem a participação dos idosos ou de outros grupos.

Visita à medida no Jardim

Requer marcação

Jardim

2ºciclo, 3ºciclo, Academias de Seniores, Pré-escolar, Professores, Secundário e Profissional, Superior

Criatividade e imaginação

Requer marcação

DESCOBRIR/PGECC

2ºciclo, 3ºciclo, Academias de Seniores, Secundário e Profissional, Superior

Oficinas

Figura 25 – Atividades não específicas para idosos, parte dos Programas da Fundação Gulbenkian com necessidade de agendamento, 2016. (Site da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa – Portugal) Fonte: http://gulbenkian.pt/descobrir/discover_position/academias-de-seniores

Na Austrália um programa de ocupação de tempos livres por meio do voluntariado, permite aos idosos conhecerem os bastidores dos museus e efetuarem a digitalização de acervos do *Australian Museum*. São vários os países que aceitam o voluntariado como forma de participação do idoso, normalmente com regulamentação específica para o desenvolvimento desta atividade através de procedimentos, instituídos e definidos pela instituição museal. As fotos do site do museu mostram o grupo de voluntários onde os idosos estão inseridos recebendo os certificados e o ambiente de trabalho durante a tarefa de digitalização.

Figura 26 - Atividade de voluntariado na digitalização de acervos - Programa *DigiVol*, não específico para idosos, 2015. (Site do *Australian Museum* de Sydney - Austrália) Fonte: <http://australianmuseum.net.au/volunteer-digitisers>

Em museus brasileiros elegeram-se três exemplos retirados do quadro de pesquisa que contemplam a diversidade de idosos nos museus, através de programas específicos.

O Museu Brasileiro da Escultura tem um projeto para a terceira idade, (como referem) com o nome Faça Memórias⁴⁸ para pessoas diagnosticadas com a doença de Alzheimer e perda de memória. Funcionando desde 2009, às segundas feiras por meio de agendamento, designado pelo museu como “curso” o seu enfoque é nas artes plásticas, a história da arte e técnicas artísticas.

A Pinacoteca do Estado de São Paulo dentro do educativo tem o programa Meu Museu, com ações externas no bairro do Butantã, mas com a visita ao museu incluída, desenvolve cursos para multiplicadores de instituições com relações com idosos, e trabalha com instituições designadas de parceiros, para que seja possível desenvolver um trabalho com um enfoque mais contínuo, através do trabalho da arte-educação⁴⁹.

Salienta-se ainda no estado de São Paulo, o Museu de Arqueologia e Etnologia que há mais de dez anos se propôs “*escavar a memória a partir dos objetos*” no projeto Encontro com Idosos, da comunidade do entorno (ELAZARI, 2009), um projeto que contou com ações externas e teve como produtos de comunicação museológica para além das oficinas a elaboração de exposições elaboradas pelos próprios participantes e partindo dos seus acervos pessoais, socializando as histórias de vida a partir da cultura material.

O grupo dos idosos é fragmentado pela diversidade social inerente a estruturas bio socioculturais originadas na vida adulta e que condicionam esta fase da vida. Os contextos em que os museus estão e as vivências, contextualizações e motivações dos indivíduos é que vão servir de base para o relacionamento que as instituições museológicas podem estabelecer com eles, através das exposições e da ação de educação, mas também através da relação que ocorre antes da visita no museu e que se vai perpetuar após a mesma.

Os visitantes idosos chegam por recreação ou lazer, inseridos num grupo escolar ou de formação de adultos, com instituições de apoio ao idoso, ou por estabelecerem afinidade com um tema tratado e atividade desenvolvida pelo museu, o dilema começa reconhecendo que este é um nível da diversidade com que os museus terão de lidar.

A visita pelo público idoso deriva maioritariamente de uma estratégia de ocupação de tempos livres ou de lazer. O conceito de ocupação de tempo livre leva

⁴⁸ Informações ao público. Disponível em: <http://mube.art.br/curso/faca-memorias/> Acesso: 20 mai 2016

⁴⁹ Informações ao público. Disponível em: <http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=619&c=1191&s=0&friendly=meu-museu> Acesso em 20 mai 2016.

à escolha de atividades socioculturais que preencham o momento do ciclo de vida em que se encontram, e que pode ser bastante condicionado pelos hábitos que têm.

Os idosos que por afastamento da vida ativa laboral optam por ocupar os seus momentos de lazer com viagens ou passeios consideram muitas vezes estabelecer relações com os museus pelos percursos escolhidos. Embora nem todos os idosos possam ou optem por fazer essa escolha, enfatiza-se como é interessante perceber que muitas vezes, os indivíduos idosos apesar de não fazerem atividades fora de casa ou viagens, colocam este tipo de desejo entre as atividades que mais gostariam de realizar. Com o avanço da idade dentro do grupo idoso, as atividades fora de casa também vão diminuindo, então se por um lado o idoso tem mais tempo para usufruir do tempo livre por outro as condições de saúde, questões de diminuição de renda e restrições sociais podem dificultar esse acesso (DOLL,2007).

Analisando os indicadores de atividades de lazer em geral na pesquisa de Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas, editada pelo SESC, o pesquisador Johannes Doll constatou que a visita a museus, tal como frequência a teatro e cinema, é feita pelos mais ricos com maior escolaridade, enquanto os idosos da amostra com menor escolaridade frequentam menos atividades de lazer “provavelmente pela dificuldade de acesso e pela falta de hábito e valorização” (2007, p.112).

Sobre os dados de atividades de lazer idealizadas comparando com as realizadas, Doll refere que

enquanto 72% das atividades preferidas e realizadas acontecem dentro de casa, o sonho dos idosos é realizar mais atividades fora de casa (59%) e menos dentro de casa (32%). Um dos maiores desejos é viajar ou passear (35%) [...] Viajar é o maior sonho de todos, especialmente dos idosos jovens (60-64 anos:44%) e das pessoas com alta escolaridade” (2007, p.113).

Querendo saber porque afinal não efetuam as atividades sonhadas, o autor destaca em primeiro lugar na interpretação dos dados que 32% atribuem à falta de dinheiro a justificativa de não realizarem as atividades desejadas e que 17 % apontam os problemas de saúde como impeditivos de realizarem esse desejo, mas revela que

25% afirmaram que, na verdade, nada impede essa realização. As barreiras são principalmente de origem pessoal e incluem falta de costume, medo do desconhecido, mas também preconceitos da sociedade que determinam suas escolhas. Tendo em vista o impacto de costumes praticados durante toda uma vida e a importância das atividades de lazer para o bem estar das pessoas idosas a educação

para o tempo livre deve começar mais cedo na vida e não somente na velhice” (DOLL, 2007, p.114).

Aproveitando a análise deste autor em que menciona a caminhada como a prática mais adotada de atividade física pelos idosos, os museus podem explorar esta realidade para construir abordagens de acordo com os interesses e visão dos idosos, preenchendo assim um vazio derivado da aposentadoria, que em nosso entender esse vazio é derivado também de alterações do próprio processo de envelhecimento, e de escolhas mais ou menos condicionadas pelos idosos.

Para comparação, outra pesquisa de 2014 de J.Leiva e Datafolha, no estado de São Paulo em 21 cidades com mais de 100 mil habitantes, verifica-se que em qualquer classe de renda, o desinteresse é a principal causa para não ir aos museus, a segunda causa são razões econômicas. Tendo em conta que os dados colocam os idosos como aqueles que têm menor renda, a mesma diminuição de interesse pelos museus ocorre em especial em relação aos grupos mais jovens (LEIVA, 2014). Na publicação sobre os idosos, o estudo destaca que

o tópico “desinteresse” pode ocultar outras questões, tanto de saúde e mobilidade como da própria programação cultural, pouco afinada com esse público.

Há que se lembrar, ainda, que há diferenças significativas entre idosos de 60 anos e idosos de 85, por exemplo. (LEIVA, 2014, p.81)

A questão de distância de casa é uma das principais barreiras para cinemas e museus, apontada pelo estudo, o que pode influenciar no interesse do grupo idoso (LEIVA, 2014).

No *locus* da pesquisa de mestrado, o visitante idoso que chega pela expansão da cultura do turismo e viagens, integra-se em excursões no museu, por meio de grupos de afinidades culturais, acompanhando a família ou de outra forma. A visita ocorre de forma “breve” tendo uma agenda lotada de outros compromissos, este é um enquadramento característico do turismo de massa, e verifica-se em Itu. No entanto, uma nova vertente de turismo, recentemente equacionada, em que os visitantes usufruem dos territórios e patrimônio local mais lentamente, pode acrescentar novas tipologias de visitantes idosos destacando-se as fazendas históricas e turismo rural que envolvem o *locus* de pesquisa ⁵⁰, podendo promover este

⁵⁰ Em oposição a este tipo de turismo começam a surgir movimentos de *Slow Travel* como oposição ao turismo de massa e em oposição a valores da sociedade capitalista pós industrial,

tipo de experiência turística trazendo uma tipologia nova de idosos aos museus, que se desenvolva por meio do turismo rural, e de vivências de sustentabilidade e aproximação ao patrimônio natural. Conforme a pesquisa empírica, alguns idosos indicam a falta de tempo para conhecer a cidade ou outras instituições, pois o planejamento de viagem, não contempla tudo o que podem fazer na região, afirmam que desconheciam tantos pontos de interesse, o que pode motivar um retorno para uma visita mais ponderada.

Apurou-se que uma grande parcela de visitantes da cidade é da grande São Paulo, por meio de percepção de agentes de turismo, pois não existem números locais que possibilitem uma análise mais profunda. Estes turistas fazem uma passagem de poucas horas e muitas vezes não possuem conhecimento geral das ofertas culturais da cidade e das suas instituições museais. Os idosos turistas chegam em grupo em excursão, em família ou com amigos em grupos reduzidos, maioritariamente nacionais e poucos estrangeiros.

Públicos próximos ou distantes, nacionais ou estrangeiros compõem tipologias de indivíduos, que os estudos de público ou recepção podem dar conta, assinalando-se necessidades específicas para estrangeiros como legendas ou apoio informativo em várias línguas ou guias bilíngues.

As tipologias de idosos do entorno das instituições são tão variadas quanto representações identitárias que o território tiver. O entorno das instituições museais é um gerador de relações que possibilita alcançar diversos grupos culturais adequando-se à intervenção museográfica, conforme o contexto institucional permitir e se conseguir estabelecer um entendimento de aproximação a essas realidades.

Percebe-se que no mundo dos museus, os cidadãos mais velhos sempre estiveram presentes, mas nem sempre com a carga conceitual de público a ser incluído pela vertente social desta área de conhecimento. A participação dos idosos nos museus pode estabelecer-se através da posição de gestor ou tutela, ou seja, o museu pode ter idosos como público interno, no entanto, isto não significa que se prioriza as relações com este público e o empoderamento do cidadão com 60 e mais anos. Este posicionamento da tutela com idosos sem adotar estratégias de socialização dos acervos com necessidades de um grupo mais representativo de idosos permite registrar uma dialética de aproximação ou afastamento às formas mais

em que o tempo é visto como um bem essencial conforme defendem BAUER, R. C. e NETTO, A.P..no artigo Princípios do Lazer Turístico Contemporâneo de 2014.

tradicionais de museologia, ou às novas formas de elaboração do discurso e da ação museal.

Pretende-se com um registro de campo visual, que se apresenta em seguida, ilustrar como a relação idoso-museu se vem estabelecendo no tempo, observando diversas posturas em registro fotográficos e refletindo alterações nas características culturais dos idosos, as fotografias como uma forma de narrativa, foram usada pela pesquisadora como representação desta evolução conceitual de público de museus, no entanto, reconhece-se a possibilidade de reflexões sobre o usos diferenciados dos diversos suportes tecnológicos em cada época.

Como um exercício visual, apresenta-se uma sequência de fotos coletadas no locus de como se percepção a evolução do idoso no registro fotográfico. Primeiro um registro fotográfico dos anos 40, época em que nasceram aqueles que hoje são considerados idosos, destacando-se os funcionários de museu e um visitante, transparecendo a formalidade e o registro único de ilustres conforme acervo iconográfico da época em que se destaca o museu-instituição.

Figura 27 – Visitantes e funcionários na década de 40. Fonte: SOUZA, Jonas Soares *in. Painéis de azulejos do Museu Republicano "Convenção de Itú"*⁵¹

Em seguida um registro na segunda metade do século XX em que já se registra o público diverso no museu e se percebe a importância de registrar a produção museográfica com o público.

⁵¹ Pormenor de foto - Fig.18a "Um visitante, ladeado por Maria Antônia Sampaio e Lourenço de Almeida Prado funcionários do museu Republicano "Convenção de Itú"", 1940, Registro de acervo iconográfico MRCI-MP/USP- MR-IC-FMR. Fonte: SOUZA, Jonas Soares de. *Painéis de azulejos do Museu Republicano "Convenção de Itú"*. São Paulo: EDUSP/Museu Paulista, 2013

Figura 28 e 29 – Registro fotográfico de visitação à Exposição “Traços e Troças” s/d. Fonte: Fundo do Museu Republicano – MP/USP – Eventos /Mostras/Exposições/pasta16

Por último o registro feito durante a pesquisa, em que se olha a diversidade, o entorno, e as necessidades do público na construção museográfica, e a fotografia como fonte para a metodologia de pesquisa. Acredita-se que as próprias *selfies* podem ser fontes para se analisar a relação dos idosos, nos museus para se perceber valorizações que este grupo faz dentro das instituições.

Figura 30 e 31 – Registro de idosos como público no entorno dos museus: Evento cultural Praça da Matriz de Itu (esquerda) e evento organizado pelo Museu da Energia “Arte no Beco” (direita) - 10/08/2015. Fonte: Susana Costa Araujo

Figura 32 e 33 - Registro fotográfico de visitação de um grupo de idosos de Campinas ao Museu da Energia no dia 17/03/2016. Fonte: Susana Costa

O registro fotográfico mostra como o olhar e as preocupações são diversas ao longo do tempo no registro do público, passando de um registro de formalidades, a um registro informativo, ao estudo de recepção com influência da antropologia visual, como meio de entender a diversidade da tipologia de público para a construção e análise de público para as abordagens museográficas. O enfoque da pesquisa nas últimas quatro imagens remete para a interação do público idoso no museu, como o enfoque sobre ele é condicionado pelas mediações do cotidiano de cada indivíduo ou pela sua biografia no museu, o que cada um é, em que se assume que “a recepção é um processo individual, mas compartilhado socialmente” (CURY, 2005, p. 25), que condiciona posturas e valorizações dadas pelos indivíduos no seu grupo.

Para além de observar os idosos visitantes é fundamental perceber os visitantes que não entram no museu - o não visitante - a junção destas duas tipologias é o que se designa de público potencial na pesquisa. É esta grande categoria – público idoso potencial – que os museus podem trabalhar para aumentar a visitação, mas sobretudo para explorar o seu papel social.

As motivações para o idoso ir ao museu, são importantes para que a relação se torne significativa, utilizando as tipologias de visitantes de Falk (2011), observam-se as “i”dentidades relacionadas com motivações e conseguem-se analisar respostas por meio do modelo por ele desenvolvido. O interessante neste modelo é que as motivações não são fixas, elas transformam-se conforme o visitante cotidianamente estabelece outras relações e interesses. Nas tipologias “i”dentitárias são as motivações que levam a criar uma tipologia de visitante, que se podem alterar dentro do mesmo grupo cultural conforme os seus interesses.

Faz-se saber que num determinado momento de pesquisa, podem-se detectar indivíduos que são exploradores com interesse em encontrar no museu algo que estimule o seu interesse por conhecimento, ao lado daqueles que efetuam a visita por motivação de acompanhar outros indivíduos, assim, aparecem no grupo idosos cuja a sua vontade não é conhecer, mas estar em convívio com esse grupo ou família. Para outros ir ao museu é viver uma experiência num local importante, estar lá, é o que se valoriza o que é sedutor. Numa outra motivação, existem aqueles cuja ida ao museu é escapar da rotina, sair do seu ambiente de conforto, no entanto o autor destas categorizações recentemente detectou mais duas tipologias – aqueles que por motivo pessoal ou herança pessoal são motivados a ir a determinada instituição ou exposição porque têm uma afinidade pessoal com uma temática ali tratada, e ainda aqueles que sentem um senso de obrigação de visitar algo relacionado com a sustentação de um discurso ou representação adotada pelo museu e que se relaciona com uma valorização pessoal de uma representação identitária do indivíduo (FALK, 2011).

Observando um grupo de idosos turistas visitantes, em ambos os museus foi possível detectar os que têm mais afinidade com as temáticas do Museu Republicano ou com as do Museu da Energia. Do mesmo modo, percebe-se quem visita o museu por companhia ao grupo, mas tendo por interesse a viagem e o almoço em conjunto. Os que são exploradores e querem saber pormenores sobre os conteúdos da exposição efetuam mais perguntas sobre os acervos, e ainda aqueles para quem entrar no Museu do Partido Republicano no estado de São Paulo tem um significado político valorizado, ou aqueles que valorizam e não podiam perder a oportunidade de conhecer o acervo do Presidente Prudente de Moraes. Para ex-funcionários da CESP- Companhia Energética de São Paulo, o Museu da Energia desperta-lhes um sentimento de pertencimento, visto que o museu foi ocupado por várias companhias elétricas, setor ao qual pertenciam quando trabalhavam, conhecer as tecnologias ou equipamentos elétricos de outras gerações (que nem é conceito gerador do museu) entra dentro da motivação profissional do visitante. Para outros a experiência de ir a Itu passa por estar lá, na cidade dos exageros, e visitar os seus museus, essa é a motivação, estar lá.

As categorizações de Falk encaixam certamente em visitantes idosos, como em outros públicos, mas detectar e trabalhar estas motivações é um desafio para museografia para a aproximação ao seu público. Trabalhar a segmentação de interesses na prática pode não parecer viável, mas é importante saber o que move os grupos segmentados, e isso traz um conhecimento adicional do público potencial.

Uma triangulação entre a diversidade de público idoso, a diversidade de contextos institucionais e as possibilidades de intervenção museográfica dá conta na prática do que a museologia propõe teoricamente, é na tentativa de estabelecimento de relações museográficas que se revela o potencial público de idosos neste relacionamento (visitantes e não visitantes). Explicitam-se vários focos de intervenção dentro dos processos curatoriais, suas atividades e interações possíveis, e cria-se conforme o contexto institucional suportes de relação, por serem características externas aos museus. Percebendo-se a existência de mais ou menos turistas, se estão estabelecidas na cidade muitas instituições de apoio e de relacionamento com idosos, que tipo de parcerias se podem estabelecer (sejam governamentais e não governamentais) e como se articulam todos no entorno. Para além da diversidade de tipologias de idosos, os contextos em que as instituições museais estão inseridas são fundamentais (tutela, relação com entorno, tipologia de museu, recursos e posição da instituição na esfera cultural, relacionamento com parceiros sociais ou de apoio a idosos) pois condicionam opções que se observam nas hipóteses de intervenção museográfica adotadas.

Figura 34 – Triangulação museográfica para estabelecer relações museológicas com idosos. Fonte: Susana Costa Araujo

As relações museológicas derivam de escolhas dentro de uma diversidade de públicos idosos, múltiplas particularidades do contexto institucional e das escolhas de intervenção museográfica como bases da ação museográfica que se analisa ou que se pode estabelecer.

Observando-se os discursos dos gestores e setores de educação, mas também observando o idoso no território museal e partindo de abordagens que lhe são direcionadas percebe-se como este público é acolhido pelos museus.

4.2 Abordagens, Desafios e Oportunidades

As abordagens, desafios e oportunidades enfatizam o estudo da interação entre instituição e público, neste subitem, enfatiza-se nos museus uma estratégia de ação, assim entende-se a importância de investigar na museografia aquilo que para uns representa uma dificuldade, e para outros se transforma numa oportunidade a ser explorada. As abordagens derivam do enfrentamento de pontos que se observam como fracos ou da exploração dos que se entendem como fortes nos diagnósticos museológicos.

Partindo do levantamento de dados empíricos, da pesquisa documental e bibliográfica de estudos de caso pela internet, indicam-se categorias de abordagens num mapa mental, que não pretende ser exaustivo, mas que expõe espectros de registro de abordagens que temporalmente se podem transformar em outras, ou ainda categorias que podem ser excludentes de outras, no entanto o produto museográfico, com foco nos idosos, sempre apresenta algumas destas alternativas em complementaridade.

Figura 35 – Mapa mental de categorização de abordagens museográficas.

Fonte: Susana Costa Araujo

No mapa referem-se ações experimentais, que podem surgir como atividades iniciais, ou comemorativas argumentando-se esporádicas por ocasiões de celebração de datas ou eventos, acrescenta-se que adotadas sistematicamente podem no tempo criar um vínculo por meio da ocasião que comemoram.

Os sujeitos “promotores da musealização”⁵² entendidos também como público interno (por oposição ao público externo que são os visitantes ou possíveis utilizadores das referências identitária tuteladas pelos museus) fornecem dados do seu posicionamento, em relação às abordagens com os idosos, revelados por meio das entrevistas e depoimentos coletados aos gestores e aos responsáveis pelo setor de educação.

Na visão interna, os museus pesquisados priorizam no cotidiano outras questões, assim, ultrapassam a relativa abordagem ao público idoso por assumirem que tiram vantagem no número de visitação com outros públicos, mas por outro lado assumem de pronto a necessidade da inclusão deste público conjuntamente com outros, no entanto destacam que não elaboram atividades ou que não atribuem atenções específicas a estes visitantes. Na reflexão sobre a sua importância como público, ambos acabam por assumir que as ações ficam aquém do potencial que podem desenvolver, percebendo a pesquisa de mestrado como um momento de ponderação para relações mais efetivas para a inclusão deste público. Os produtores museológicos, ou público interno, assumem a pouca atenção dada como público diferenciado o que se comprova por meio da observação, quando se constata algumas opiniões de idoso sobre o museu.

Contra argumenta-se, que a participação do idoso vai além do seu papel como visitante da exposição como se demonstra ao longo do capítulo. A visita expográfica atesta uma relação com o público idoso mais comum, e percebe-se que as relações podem ser investigadas por meio de análise de exposições ou de visitação, no entanto, indo ao encontro de outras possibilidades de relacionamento, que fazem

⁵² Expressão utilizada por Marília Cury referindo-se ao “pesquisador, o documentalista, o conservador, o museólogo e o educador dentre outros que compõem os recursos humanos da instituição”, estes “atores participam também da construção do discurso museológico que alimenta os discursos comunicacionais” (2005, p. 39). O museu como espaço de inúmero sujeitos, de culturas diferentes e de momentos temporais diferentes, conforme defende a autora, todos são sujeitos do processo comunicacional e devem ser considerados de igual modo profissional de museu e público, por isso “deslocar as atenções para a recepção – quer dizer, para o público – fez deslocar igualmente os nossos olhares para todos os sujeitos no processo de comunicação” (CURY, 2005, p.40)

parte da discussão do tema em pesquisa, percebe-se que as relações podem ser apuradas a partir das atividades dos setores de educação.

Os museus relacionam-se com os idosos de forma mais segmentada ou entendendo que os idosos se podem relacionar com o museu sem essa segmentação de grupo (salvo alguns questionamentos de acessibilidade), no entanto têm de lidar com o atendimento de grupos organizados, revelando que nem sempre podem atender às necessidades dos grupos espontâneos de idosos, mas que sempre recepcionam os que chegam sós, tal como os que se estruturam para efetuar a visita ao museu com laços sociais visíveis seja com amigos ou familiares, mesmo que não seja através de acompanhamento de visita.

Percebe-se primeiramente que as respostas sobre programas com idosos no museu eram focadas na inexistência de relações ou apenas com os idosos que chegam pela visita às exposições ou integrados em grupos de Educação de Jovens e Adultos - EJA, porém em momentos posteriores de investigação em que se dá a entender uma maior abrangência do conceito de relação museográfica com idosos, conseguiram-se apurar outras abordagens.

Mesmo desenvolvendo ações educativas com vários grupos, atualmente os museus não privilegiam os idosos como público segmentado, nem outras tipologias específicas, conforme se observa na comunicação institucional, exceção o foco maioritariamente voltado para o público escolar.

O que é Museu?

Público Alvo: Ensino Infantil e Ensino Fundamental I

Com objetos cotidianos como pulseiras, lápis, gibis e chaveiros, a ação educativa explica o que é museu, convidando o visitante a fazer a curadoria de objetos para uma exposição.

Operação: Sala da Vovó

Público Alvo: Ensino Infantil e Ensino Fundamental I

Observando duas salas expositivas do Museu da Energia ambientadas em épocas distintas e contextualizando a transformação das salas junto às maquetes da exposição "História, Energia e Cotidiano", os visitantes são convidados a refletirem sobre a grande mudança do cômodo da casa "Sala da Vovó" e a recriarem, por meio de colagens, a sua sala dos sonhos.

Objetos que Contam Histórias

Público Alvo: Ensino Infantil; Fundamental I e II; Médio; Superior

Geralmente, os Museus criam barreira físicas e visuais para que o visitante não toque nos objetos do acervo. Esta ação tem o objetivo de colocar o visitante em contato direto com os objetos para, a partir desta relação sensorial, compreender a história de cada uma destas peças.

Figura 36 – Informação das ações educativas desenvolvidas pelo ME. 2016. Fonte: Site Museu da Energia.

Nos discursos verifica-se uma contradição entre a vontade de atender este público e as ações efetivas ou registradas, por isso procedeu-se a um levantamento das abordagens pensadas para este público nos sectores de educação ao longo do tempo, percebendo-se que é este o setor que tem mais contato com os idosos por meio do agendamento de visitaço, no caso do Museu da Energia, e em projetos especficos conforme os dois museus referem.

Percebe-se que as instituies j teriam, no passado, feito atividades mais vocacionadas para os idosos, mas que atualmente no privilegiam esse enfoque. As aes culturais especficas no passado, so variadas registraram-se por meio de diferentes fontes, em que a documentao nem sempre serve de apoio, para entender a recepo deste pblico foi preciso fazer um cruzamento de fontes e de momentos diversos na pesquisa, conforme se lidava com registros orais em registro de campo, os momentos de maior interao com os profissionais de museu traziam cada vez mais informaes.

Percebeu-se que a ausncia de documentao revela muitas vezes posturas de interesse, que os estudos de recepo percebem como sinal do que os projetos museolgicos privilegiam.

Percepcionaram-se abordagens com idosos utilizando os prprios acervos, mas tambm se registraram propostas que surgem sem ligao s narrativas museogrficas, de outro modo os registros denotam abordagens que envolvem alguns interesses dos idosos, mas existem abordagens que explicitam divergncia ou subvalorizao das atividades dos museus relativamente aos interesses dos indivduos ou grupo, seja porque no so abordados, ou em que se percebia que parte das proposies entravam em concorrncia, segundo os prprios museus, com outras atividades de maior interesse para os idosos, deste modo as falas dos entrevistados assumiam a dificuldade de implementao, de certas atividades, mesmo sendo projetos com recursos financeiros e humanos com foco na incluso da pessoa idosa.

Os quadros abaixo atestam, com datas de registro as atividades anteriores ao início da pesquisa e as que foram desenvolvidas durante a pesquisa.

Abordagens Museográficas com Público Idoso Museu Republicano "Convenção de Itu"			
Data de registro	Descrição	Fonte e observação	Execução
Abril de 2016	Programa <i>Debaixo do Pé de Pitanga</i> -MRCI parceria com projeto Grupo Reinações-Artesanato e Literatura do Ler é uma Viagem (encontros 1 x por mês) e Exposição Atavos	Relatório Anual 2015 - sem referência a idosos (p.446) com participação de cidadãos mais 60 anos em diversas ocasiões - introdução da visita da Creche de Idosos (27/04) entrevista supervisora	Desde 2º semestre 2015
Agosto de 2014	Visitação espontânea e em grupo Palestras abertas ao público em geral e grupo escolar EJA – Educação de Jovens e Adultos	Observação direta e Programação do museu via <i>Facebook</i>	Disponível durante todo o ano
	Parceria de <i>lançamento de livros e ações</i> da ACADIL - Academia Ituana de Letras (público em geral mas com grande participação de cidadãos com sessenta e mais anos)		
Anteriores	Universidade Aberta à Terceira Idade Curso realizado por Profª.Drª. Miyoko Makino - 2 out a 13 nov Alunos inscritos 31 Curso: <i>Os acervos do Museu Paulista, do MRCI, Centro de Estudos do MRCI</i>	Relatório Atividades MP- USP Ano 2008, p.299	2008

Quadro 7 - Abordagens museográficas com idosos MRCI. Fonte: Susana Costa Araujo

O mesmo levantamento de dados foi efetuado no Museu da Energia, e contou com o depoimento de idosos que participaram em atividades de voluntariado anteriores à pesquisa por não existirem arquivos sobre o seu desenvolvimento, no núcleo de Itu.

Abordagens Museográficas com Público Idoso Museu da Energia Núcleo de Itu			
Data de registro	Descrição	Fonte e observação	Execução
Abril de 2016	<i>Domingo no Parque</i> , parceria Secretaria Municipal do Meio Ambiente	Programação <i>mídias sociais</i> - não específica para idoso, mas a interação é possível	Início abr. 2016
Agosto de 2014	Agendamento de visita de grupos, e visita de público espontâneo, e grupo escolar EJA – Educação de Jovens e Adultos	Observação - não específica para idoso, mas a interação é possível observar-se	Disponível durante todo o ano
	<i>Arte no Beco</i> realização Mutirão Cultural, apoio do ME		Bimensal Início fevereiro 2014
Anteriores	Oficina <i>Memórias e Cartuns</i> e Exposição: <i>Água Energia do Planeta Terra</i> com Grupo Melhor Idade	Entrevista com coordenadora e Relatórios de projetos e/ou divulgação	2012
	Projeto <i>Fotos e Olhares</i> parceria Grupo Melhor - Idade / Prêmio Inclusão Cultural da Pessoa Idosa 2007		2007
	Registro de 2 depoimentos para setor de documentação - Publicação <i>Energia não se Aposenta</i>		2007
	Voluntariado de idosos no atendimento a visitantes de todas as idades, começou na inauguração	Entrevista coordenadora e testemunhos de idosos ⁵³	1998/1999

Quadro 8 - Abordagens museográficas com idosos Museu Energia. Fonte: Susana Costa Araujo.

⁵³ Depoimento de D. Elza Marques Paula, voluntária com 68 anos (em 2016 com 85) que se ofereceu quando o museu anunciou a necessidade de 5 pessoas idosas para atender o público “ Foi uma boa temporada, acompanhava turistas, mostrava e respondia a perguntas” [...] “ Talvez fosse uma coisa boa, não para mim, agora, mas para outros”[...]“gostar de aprender é uma coisa que não morre nunca”.

Se por um lado alguns trabalhadores de museus assumem que existe um grande número de idosos na cidade, e demonstram conhecimento a um nível mais geral de dados demográficos mundiais, consequentemente percebem a população do entorno como envelhecida mencionando um número superior comparados com os dados estatísticos do IBGE. Comentam apenas a relevância de uma instituição de apoio aos idosos como passível de ser parceira – o Grupo Melhor Idade – o que justifica uma melhor análise das instituições sociais do entorno. Na análise do contexto a coleta de dados para possíveis parcerias e organizações colaborativas com idosos enfatiza-se como um ponto importante este tipo de recurso, está no entorno disponível muitas vezes, assim partindo da análise do *locus*, mesmo sem citar nomes de instituições e sem estender muito o raio geográfico aos bairros mais periféricos que devem ser alvo de investigação como fazendo parte do entorno, apuram-se tipologias de organizações, e quantidades de potenciais parceiros dos museus e dos idosos, que podem ser exploradas pela cidade conforme o quadro abaixo.

TIPO DE ORGANIZAÇÃO	Quantidade	ÁREA
Instituições de dia ou de apoio a idosos	2	Centro de dia, com atividades recreativas, fornecimento de refeições e socialização
Instituições longa permanência	4	Residência, fornecimento de alimentação e assistência médica e domiciliar
Grupos sociais organizados	4	Associações convívio de cidadãos como Rotary, Dante Alighieri...
Instituições de ensino de vários níveis (ensino médio técnico e faculdades)	2 ou 3 de cada área	Faculdade de Sistemas de Informação (e similares) de Nutrição, de Enfermagem, de Atividade Física, Direito, Farmácia, Fisioterapia e Serviço Social, Turismo.
Grupos Culturais e Esportivos	5 e mais as academias esportivas	Música, Teatro, Jogos-Dança ou Esportes
Empresas particulares com foco em idosos	10	Nutrição, equipamento médico, atividade física e fisioterapia
Locais informais de encontro	6	Praça ou avenidas, Ponto de Táxi, Padaria, Igrejas

Quadro 9 - Organizações de relacionamento com idosos. 2016.

Fonte: Susana Costa Araujo

A interdisciplinaridade que se defende teoricamente na museologia percebe-se também nas possibilidades de parcerias, e que podem ser expressivas em experimentação no relacionamento com este público, de maneira a tornar o museu mais social e a vida do visitante idoso mais positiva.

Trabalhar a herança patrimonial com estes grupos permite relações dentro de muros, extramuros ou em situação mista, reforçando o conceito de espaço museológico como o território da interação dos elementos que constituem o objeto museológico – a relação museológica entre sociedade/patrimônio/território. Na coleta de dados do *locus* ainda se destacam as estratégias de abordagem dentro do espaço museal, como o maior enfoque, contrariamente às abordagens em estudos de caso maioritariamente no estrangeiro, em que as abordagens no exterior ou em territórios patrimoniais mais alargados por meio de parcerias, são consideradas promissoras.

Mencionando estas diversas abordagens, os trabalhadores de museus ressaltam a diversidade cultural do idosos, por vezes com enquadramento sócio econômico dos visitantes, sublinhando-se a proximidade às “elites” sejam culturais ou financeiras, mas por outro lado, referem que o atendimento se faz igual para todos.

De salientar que ambas instituições museais, indicam a necessidade do setor de educação partir do discurso dos próprios visitantes, para fazerem a abordagem aos grupos, esta estratégia de mediação já é um elemento de diferenciação na abordagem em relação a outros grupos, e que também ocorre com outras tipologias de público.

A construção comunicacional com o público idoso parte da formação e experiências dos profissionais envolvidos, de experiências anteriores do próprio museu ou de outros, da postura do idoso no contexto do entorno, da equipe numa fase da vida ativa, mas que poderá refletir que um dia estará integrada neste grupo, mas também do grupo visitante e do público potencial.

Os educativos exploram abordagens comunicacionais observando-se estratégias desenvolvidas através da arte educação, das memórias coletivas e individuais, transmissão de conteúdo, sensibilização emocional, atualização tecnológica e discussão de posicionamentos ou escolhas. Por meio da análise de atividades dos sectores de educação nos museus, estas estratégias são as mesmas apontadas nas abordagens práticas registradas nos estudos analisados via internet, na observação participante, mas também nas falas dos responsáveis de educação.

Os funcionários de museus são agentes capazes de promover diálogos com o conhecimento de técnicas, de saberes, das ancestralidades transmitidas, das oralidades, e dos testemunhos que trespassem o tempo. A atividades que não são criadas com o foco no idoso, mas que derivam de recorte na arte educação, levam ao trabalho participativo com este grupo, e atestam uma estratégia de intergeracionalidade, pontuando-se por meio da iniciativa fotografada em seguida,

certos requisitos museológicos. Este encontro demonstra como é possível uma abordagem intergeracional, com o trabalho do acervo, utilizando-se estratégias da arte-educação com foco na literatura e música, mas utilizando o saber-fazer como uma ferramenta.

Figura 37 e 38 – Atividade sociocultural bordando os azulejos do acervo – Programa Debaixo do Pé de Pitanga – atividades do projeto educativo em parceria com Grupo Reinações - Artesanato e Literatura do programa Ler é uma Viagem, no Museu Republicano (04 de maio de 2016). Foto: Susana Costa Araujo

Estabelece-se, como referem os responsáveis dos educativos, a possibilidade de dar a entender que é necessário com este público “saber ouvir mais do que falar” e é neste posicionamento que ocorre a troca de saberes, o trabalho de memória, a ocupação de tempos livres e convívio sócio cultural, o desenvolvimento

das atividades a partir dos interesses do grupo e julgando-se possível o trabalho com foco no acervo patrimonial fazendo-se releituras, promovendo-se questionamentos e posicionamentos dos indivíduos dentro do grupo diverso. Quem são hoje, mas também o que foram e como pensam o futuro.

Interessante também as falas de que os idosos passam na frente das instituições, mas que não entram, alegando o discurso de que provavelmente “o museu não é lugar para eles”. Quem os ajuda a perceber o contrário? Terá de ser o museu. Não se espere que o idoso entre no museu, faça-se o convite para que entre. Perceber quais as ferramentas e meios de divulgação que servem melhor este público é fundamental, advertir que o jornal da cidade pode ser mais eficaz, mas constata-se que para outros as mídias sociais já são eficazes, mas não o são na generalidade. É preciso fazer esta reflexão e pensar a comunicação institucional como modo de chegar a esse público, ou seja, os que dominam as novas tecnologias de informação e estão distantes ou utilizam a indústria do turismo, como intermediária da visita, parecem já encontrar nas mídias sociais algum à vontade, por outro lado os meios ainda mais abrangentes como a televisão, que é uma das ocupações de lazer preferidas dos idosos⁵⁴, podem ser meios privilegiados para fazer passar a mensagem. Observam-se outras possibilidades para além destas mais tecnológicas: a quitanda do bairro, o espaço de baile do grupo sócio recreativo, ou o posto de atendimento de saúde ou outras opções que possam ser apuradas pelos estudos de recepção da análise do entorno. Utilizando-se meios de divulgação diferentes, as chances de informar e trabalhar a curiosidade, aumentando o número de visita, são maiores.

A crítica referida por profissionais de museu em que constataam que o idoso normalmente reconhece falta de acervo, ou poucos objetos expostos, e que é mencionado nos comentários dos idosos do entorno, sustentam uma comparação das opções museográficas atuais com escolhas museológicas do passado. Esta é uma impressão vinculada pelos atuais visitantes que são reincidentes na visita, mesmo que não sejam visitantes frequentes. Como se explica o que é o museu hoje a este público? Apresentar o museu, as suas narrativas e as propostas autorais, permite um entendimento da instituição onde se encontram. Muitas vezes a museografia herdada da “nova” museologia não é entendida pelos idosos, constata-se que a ideia de museu que carregam, deriva de conceitos prévios que têm de museu, como, por exemplo, as práticas centradas no objeto. Se a ideia de museu mais tradicional se transformou em memória afetiva, cabe às instituições museológicas comunicar o posicionamento que

⁵⁴ A televisão como atividade preferida partindo dos dados analisados por J. Doll (2007, p.113) da pesquisa publicada pelo SESC/Fundação Perseu Abramo em 2007.

escolheram conceitualmente, justificando as escolhas perante o público de práticas museográficas que ainda são conhecimentos dominados pelos especialistas.

Na fala dos responsáveis do educativo, e em observação com outros profissionais, anotaram-se diversas relações através de doações ou relatos para subsidiar a pesquisa museológica e até a estratégia adotada por atendimento de idosos em sistema de voluntariado. Segundo testemunhos nas entrevistas, os depoimentos de idosos foram utilizados tanto na construção da reinauguração da exposição do Museu Republicano em 2010, como na construção de memórias dos funcionários e espaços da Fundação da Energia para a publicação “Energia Não se Aposenta” em 2007 em que foram coletados depoimentos pelo centro de documentação do Museu da Energia. A documentação pode utilizar estas pesquisas feitas com a colaboração dos idosos, estabelecendo relações de troca de informação com este público e assim utilizar os seus discursos onde eles se podem rever e se sentir representados, como ativos e autônomos⁵⁵.

Na pesquisa, entende-se que as questões atitudinais limitam abordagens mais audaciosas com estes grupos, ou oportunidades de reflexão para a construção museográficas, por vezes é necessária a desconstrução do estereótipo do idoso como público para se implantar essas relações, no entanto, apontam-se as limitações de recursos, ora humanos ora financeiros, como justificativa limitadora destas abordagens. Os discursos coletados são controversos, pois referem que são necessários educadores ou profissionais de museus com vocação e conhecimentos para trabalhar com esse enfoque nas relações, mas por outro lado quando questionados se as abordagens precisam ser muito diferenciadas, os responsáveis acabam por reconhecer que os profissionais dariam conta dessas abordagens, em sequência são os recursos financeiros em falta que são apontados como limitadores e a revelação mais realista e por vezes assumida em consciência são as questões de logística e articulação, que podem numa primeira relação experimental fazer a diferença com o público idoso.

De destacar falas que na sinceridade dos interlocutores, demonstram como outras prioridades se sobrepõem ao relacionamento com o público idoso, quando se utiliza a expressão “tentamos” ou quando as ações parecem estar definidas ou percebidas como concretizáveis, mas no presente elas são pouco expressivas ou aquém do potencial reconhecido. Conclui-se um misto de posturas de constrangimento

⁵⁵ Como o público do museu emergente deve ser na classificação de Zavala (museu tradicional vs. museu emergente) referida por CURY, 2014.

misturadas com as de determinação de avançar com novas propostas, o que se denota mais no final das entrevistas.

Como ferramenta de processo gerencial, mas também comunicacional, a sistematização de procedimentos aparece como mecanismo que possibilitará novas camadas de informação e avaliação a partir de experiências anteriores, anotando-se reflexões, que ajudam a minimizar impactos negativos, muitas vezes por esquecimentos ou familiaridade com os procedimentos por parte do profissional de museu, usando-se como suporte de informação e como elemento formativo para novos receptores de público, para discussão avaliativa, ou construção de proposições museográficas.

Os projetos agregados em programas, possibilitam relações mais duradoras e sistemáticas, tornando-se rotineiras, o que pode de fato permite influenciar a relação dos idosos no museu, deste modo conquistando emoções e sensibilidades diferentes dos eventos únicos. Acredita-se num ganho nos eventos que ocorrem sistematicamente e com periodicidades específicas aos interesses dos grupos, no entanto esse planejamento depende da escuta e reflexão do idoso, do museu, mas também de parceiros que podem agregar conhecimentos e oportunidades nas relações estabelecidas. Estratégia que parece adequar-se ao idoso no museu é a aprendizagem em sistema não formal podendo ocorrer pelos conteúdos transmitidos, mas também através das emoções, de posturas e solicitações. Faz-se saber que as ações que se estabelecem de forma continuada permitem relações mais confiantes, por conseguinte, programas de longa duração têm essa potencialidade, permite desinibições, relações de aproximação e familiaridade com temas, propostas e pessoas. Convém referir que existe a possibilidade do visitante turista estabelecer uma visita de relação significativa, em especial se é um visitante frequente de museus ou tem um perfil de consumidor cultural dando prioridade a estas ocupações ⁵⁶.

Focando o discurso dos idosos e procurando pontos significativos para a recepção no museu, de modo a atender às expectativas e interesses dos indivíduos, observa-se a pertinência do conhecimento prévio do grupo e de características dos indivíduos, que pode ser mais profundo considerando-se o nível das vivências e motivações, ou seja, as mediações culturais presentes podem e devem ser apreendidas pelos museus para que os idosos se sintam acolhidos de modo a fazerem

⁵⁶ O que poderia remeter para o conceito de “capital cultural” de Pierre Bourdieu, em que a acumulação do capital cultural estabelece um domínio, que se estende ao acúmulo de outros capitais e que influencia a vida e posição dos indivíduos por meio do capital social (1974) *in* A Economia das Trocas Simbólicas, São Paulo: Perspectiva, 2015.

escolhas pelos interesses que trazem, quando estabelecem relações com o patrimônio musealizado.

De forma empírica, as respostas dos visitantes consideram as idas ao museu como solução para diversos interesses que foram registrados, enquanto visitavam os museus.

“combate à solidão”	“ver coisas diferentes”
“conhecer coisas novas, diferentes daquelas que se observam todos os dias”	ver referências de “familiares que participaram no museu”
“relaxar”	“sair”
“passear”	“ver coisas do tempo em que trabalhava”
“conhecer”	“passeio seguro”

Quadro 10 - Depoimento de idosos durante visitas aos dois museus (acompanhamento de visitaço turstica por ocasio da Copa do Mundo de Futebol 2014 e visitao de grupos e idosos sozinhos que estiveram no museu no primeiro semestre de 2016) Fonte: Susana Costa Araujo.

A necessidade de um grupo de idosos pode manifesta-se de modo a ocupar um espao para desenvolver uma atividade e se o museu permite oferecer essa possibilidade, a relao ser certamente positiva, se na cidade existem idosos que participam de uma manifestao cultural imaterial e se o museu propuser uma palestra sobre o tema, o objetivo de interao cultural julga-se alcanado.

Os visitantes podem ser avs que querem levar os netos, mas podem ser cidados que procuram a interao com os jovens que trazem nova energia e fora de vida com capacidade para gerar novas atualizaes, contribuindo para o processo adaptativo contnuo, e satisfao na troca de conhecimentos de que so detentores. Talvez a vontade de estar com algum seja atendida, pois defende-se que o museu um espao de socializao.

A observao em campo permitiu registrar uma interao de alunos do ensino fundamental de uma escola pblica na cidade com o grupo intergeracional, (maioritariamente de mulheres) que bordam e leem, no museu. Utilizando a mediao de leitura foi possvel a interao e dilogos dos dois grupos numa tarde que foi mais do que uma visitao exposio pela escola, e do que o convvio do Grupo Reinaes, foi uma apropriao de experincias e trocas, possvel pela abertura experimentao do setor educativo, mas tambm dos prprios pblicos intervenientes.

Figura 39 – Fazer bonecas de pano. Sessão do programa Debaixo do Pé de Pitanga-23 /10/2015, no Museu Republicano. Fonte: *Facebook* do Museu Republicano

Figura 40 – Mediação de Leituras. Sessão do programa Debaixo do Pé de Pitanga -23 /10/2015, no Museu Republicano. Fonte: *Facebook* do Museu Republicano

Coloca-se o grupo idoso numa posição de multiplicador pela necessidade de diálogos com outros indivíduos e pelas redes de relações sociais com outros indivíduos, umas vezes mais novos, outras vezes mais velhos como resultado da longevidade, em que muitas vezes idoso de sessenta e poucos anos cuidam de outros mais velhos. Posição de multiplicadores que se alicerça também na disponibilidade de tempo e foco nas atividades de tempos livres, que estes indivíduos podem partilhar com outros.

A relação significativa pode acontecer com uma visita rápida ao piso térreo do museu, quando há falta de tempo para subir ao primeiro piso, e isso origina até motivo para voltar. Não desvalorizar uma relação que se estabelece por meio de um banco para descansar as pernas da caminhada pela cidade, o museu pode ser o lugar mais acolhedor que ele encontrou quando precisava sentar-se e tomar uma água, depois de visitar o patrimônio edificado da cidade. O museu pode fornecer algum serviço para suprir lacunas que o entorno apresenta, então essa pode ser uma das possibilidades que o museu tem para oferecer a sua participação no entorno.

Dentro de um mesmo grupo, por questões de ordem fisiológica e cognitiva, pode privilegiar-se a experimentação museológica a vários ritmos, por opção ou por necessidade, logo priorizam-se pontos de descanso e de fruição, mesmo que para uns possam ser vistos como dispensáveis, para outros serão essenciais como recurso comunicacional. Registra-se a dificuldade de avaliar a autonomia funcional do idoso num primeiro encontro seja ao longo da visita ou na ação de educação, note-se que alguns mais debilitados fisicamente não equacionam o uso da cadeira de rodas, nem aceitam ficar para trás no grupo. Porém serão os primeiros a usufruir sentados ou num outro ritmo, e isso não significa que estão entediados ou sem vontade participar, apenas que usufruem de outro modo e isso deve estar bem consciente na equipe.

Apresentar as possibilidades temporais e espaciais que facilitem as escolhas do visitante idoso, pode parecer limitativo para a curadoria defensora da exploração livre das exposições por exemplo, mas pode beneficiar aqueles que pelo seu perfil pessoal necessitam dessa informação para se orientarem, ou que optam por um sistema de exploração do mundo acompanhado e menos exploratório.

Explicações institucionais como os equipamentos disponíveis, do banheiro à livreria, da área de descanso ao bebedouro, podem tornar-se óbvias para a equipe museológica, mas para o visitante são modos de apropriação do espaço que serão facilitados se para além da informação visual se juntar uma informação verbal.

A disponibilidade de atendimento e pontualidade para receber os idosos é ponto a somar na comunicação museal, pois se no caso de certos grupos esta questão pode ser mais irrelevante, para este grupo que tende a ser mais exigente, metódico e possivelmente mais crítico, esta premissa do atendimento ao público será necessária ser levada em conta. Ao contrário do grupo escolar em que será o professor ou diretor a reclamar, aqui diversas vozes salientam esta falha, o que pode levar à falência da abordagem antes dela começar.

O atendimento aos idosos deve realmente ser negociado e apoiado por estratégias de mediação⁵⁷ respeitando a individualidade dentro do grupo e empoderando-se este visitante, que certamente vai encontrar o que deseja se lhe mostrarem os possíveis caminhos conceituais e físicos, que o museu tem de propostas e narrativas.

Assumindo-se que o público que entra no museu já tem uma história de vida, que deve ser levada em conta, possibilitam-se relações museológicas partindo desse conhecimento e vivências, a pesquisa formaliza estas oportunidades de troca no museu como relações museográficas. O público idoso como portador de informação permite o desenvolvimento do conhecimento, construindo-se a possibilidade de enriquecimento da documentação museológica⁵⁸ se a pesquisa nos museus contemplar os testemunhos orais como técnica, admitindo-se o idoso como agente de informação e comunicação no museu e possibilitando-se a sua participação na construção da herança patrimonial.

Considera-se como ilustração destas relações um testemunho coletado no trabalho de campo, Maria da Glória Lupurini Sampaio de 84 anos, foi ao arquivo do Centro de Estudo do Museu Republicano fazer a doação de duas fotos da irmã, Maria Antônia Lupurini Sampaio que foi ex-funcionária do Museu. Nessa ocasião, mostrei uma foto da pesquisa em que a irmã estava presente, de imediato ela referiu que o senhor na foto ao lado da irmã como visitante era Nhõ Luis de Almeida Prado, irmão do Nhõ Loureço de Almeida Prado ambos funcionários do museu. A foto referenciada como figura 27 no cap. IV, foi deixada propositadamente, para explicitar esta ideia do público idosos como produtor de conhecimento e colaborador do discurso museológico. A foto ficará agora com uma anotação do seu testemunho, através do processo de documentação museológica no Museu Republicano, sem por isso deixar de ter nesta pesquisa o valor da narrativa de formalidade e de foco dos museus nos ilustres convidados e funcionários, como outras da mesma época atestam no acervo iconográfico do museu em que são registradas pessoas homenageadas juntamente com o diretor Afonso E. Taunay, na mesma década.

⁵⁷ Interação entre as narrativas vinculadas pela musealização do patrimônio (produtores) e os interesses e motivações (receptores), como campos de forças em articulação, e em que os atores comunicacionais trocam de lugar num modelo dinâmico de comunicação. Segundo a obra **Conceitos-chave em Museologia** trata-se “de uma estratégia de comunicação com caráter educativo, que mobiliza técnicas diversas em torno das coleções expostas [...] e compartilhar as apropriações feitas” (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013, p.53) revestidas de uma posição que revele senso crítico.

⁵⁸ Depoimento de Maria da Glória (maio 2015): “eles eram irmãos, moravam num quartinho no museu, já até referi em outra ocasião que a informação não está correta [...] essa foto foi logo após o falecimento do meu pai” (1939) foto referenciada como sendo de 1940.

Abordar a alteridade, e em consequência, a identidade no grupo permite desenvolver a capacidade de encarar o diferente e o respeito necessário como princípio de trabalho com o conceito de tolerância, alegando-se uma mais valia para este grupo, que precisa de manter as interações na sociedade, e redefinir sempre os seus posicionamentos e autonomias.

A museologia protagoniza através de abordagens socioculturais um papel na mudança que beneficia a sociedade e os museus, assim estabelecer relações com grupos de idosos com características mais específicas, podem alicerçar relações de ênfase social. Tanto museus como parceiros institucionais reconhecem ser possível na museologia uma sustentação de trabalho quando se trata da vulnerabilidade de pessoas institucionalizadas, ou programas com grupos de idosos diagnosticados com doenças diversas dentro da demência e seus cuidadores, ou pessoas sem possibilidade de locomoção, ou até mesmo idosos de grupos excluídos. Em países cujo o número de idosos é proporcionalmente superior, as parcerias governamentais e institucionais de áreas de bem-estar e saúde procuram os museus para criar abordagens em conjunto.

A formação de multiplicadores nos setores de apoio ao idoso para trabalhar com linguagens e ferramentas de mediação patrimonial são um recurso para estimular a interação sociocultural. Deste modo alguns museus dão prioridade para que se possam desenvolver atividades ou programas usando os princípios da museologia autonomamente e fora das paredes da instituição. Certos profissionais, mesmo não fazendo parte do pessoal de museus, mas estando ligados a parceiros institucionais desenvolvem trabalho de mediação com idosos e a herança patrimonial, permitindo enfatizar através de habilidades e conhecimentos o estímulo de aprendizagens contínuas pelas relações socioculturais e trabalho com a memória.

No caso de instituições de longa permanência o trabalho com o patrimônio sob uma estratégia museológica, mesmo quando desenvolvido com a colaboração de equipes técnicas de outras áreas, permite o empoderamento destes profissionais, que por razões de ordem operacional estão focados basicamente na saúde física, higiene e alimentação, não percebendo a importância da posição cultural e das necessidades dos idosos nesta área. Com a participação ou formação para trabalhar a herança patrimonial descobrem habilidades por vezes ocultas e possibilidades de abordagem não exploradas anteriormente, mesmo no exercício das suas atividades, reforçando o enfoque no cultural de modo a estabelecerem pontes e possibilidades de diálogo que são urgentes e revelam foco na pessoa, em vez de apenas se destacar a sua condição de doente ou residente.

Figura 41 e 42 – Programa Dedo de Prosa – projeto sociocultural em andamento no Asilo NS. Da Candelária⁵⁹ em Itu, sessão 28/03/2016. Foto: Fátima Barbosa. Fonte: *Facebook* do Asilo Ns. Candelária.

A visitação permite uma aproximação ao museu perceptível pelas instituições, porém o trabalho desenvolvido de forma interdisciplinar e inter setorial dentro da cadeia curatorial pode tornar a relação muito mais significativa.

A visitação pode beneficiar-se da ação educativa, e *vice versa*, se a experimentação for uma possibilidade posta em prática.

⁵⁹ Projeto sociocultural em desenvolvimento produzido pela pesquisadora Susana Costa Araujo (de forma autônoma) – sessão em 28/03/2016, sobre acervo da inauguração do edifício do Asilo em 20/02/1926, o banquete que faz parte da exposição “Cardápios e Banquetes da Primeira República”, com idosos residentes (diagnosticados com diversas patologias) Disponível em: < <https://www.facebook.com/asilo.candelaria.5?fref=ts> > Acesso em 15 abr. 2016.

Figura 43 e 44 – Experimentação de encontro do grupo Reinações e Projeto Creche: Quero Mais Vida, de Itu no dia 27/04/2016, no MRCI ⁶⁰. Fonte: *Facebook* Museu Republicano.

Os museus podem enfrentar o desafio que tem por base a evolução demográfica do grupo e a dinâmica do próprio idoso indivíduo cultural, criando interações que explorem dinâmicas adaptativas.

Afinal, se hoje o idoso que tem pouca afinidade com a cultura digital pode ser aquele que gostaria de a conhecer e pode ser através do museu; o idoso de amanhã pode ser aquele que já se adaptou à mudança tecnológica e que precisa de um lugar contemplativo, onde consiga conversar com um amigo; pode ser o idoso que frequentemente visita o museu para descobrir algo novo, mas também aquele que entra para observar o quadro de que todos falam, ou apenas entrar no edifício porque é ícone da cidade; pode ser o idoso que constrói a caixa de memórias na instituição de longa permanência que é fruto da reflexão museológica e do setor de educação

⁶⁰ Disponível em <<https://www.facebook.com/Museu-Republicano-Conven%C3%A7%C3%A3o-de-ItuMPUSP-280152652035442/>> Acesso em 29 abr. 2016 (informação vinculada pela supervisão do museu em entrevista, referida como iniciativa do setor de educação).

usando objetos sociais⁶¹ para alcançar no presente a valorização do passado, muitas vezes escondido interagindo com outros indivíduos para que se construam estratégias importantes para o futuro.

Quando os idosos chegam ao museu as equipes podem certificar-se das condicionantes externas da visita, considerando-se algumas informações do contexto da visita ou até mesmo questionando-se o visitante, de forma a perceber como aquela visita se enquadra no seu dia, deste modo criar sensibilidade para entender informações sobre a vivência já efetuada que poderá influenciar a experiência aqui. Esclarece-se que através da recepção, os museus podem auxiliar as tomadas de decisão de modo a tornar a visita mais prazerosa. Será sempre diferente a primeira visita pela manhã, daquela acontece depois do almoço, mas esta observação é válida para o grupo de idosos, como será para um outro grupo, por isso o princípio que é válido para todos não deverá ser esquecido para este público, ou seja, encarando a visita ao museu como um trabalho⁶², deve-se torná-la mais fácil para o visitante.

Por outro lado, o que não pode acontecer é que o visitante pretenda efetuar um padrão de visita e por questões de acessibilidade não consiga, por exemplo que o acesso ao primeiro piso não lhe seja facilitado ou que a subida lhe exija mais esforço do que o necessário para além da interpretação expográfica. Adverte-se que nem todas as instituições têm estratégias de acessibilidade, nem sempre na sua forma plena ou em circunstâncias ideais, mas as formas alternativas que se supõem ter criado devem pelo menos ser apreendidas de forma intuitiva, as adaptações ou informações sobre estratégias de acessibilidade mesmo que em formas de transição, deverão ser explícitas e impulsionadoras para a fruição do museu. A falta de informação destas adaptações acaba por ser uma barreira, explicitando-se quando o museu tem rampas amovíveis ou entradas alternativas para pessoas com necessidades especiais de locomoção, e isto deve ser assumido na sua política de acessibilidade, mesmo que não seja a melhor solução prática a informação e sinalética devem fazer parte destas estratégias de comunicação.

⁶¹ Expressão de ENGESTROM, Jyri , 2005 apud em SIMON, Nina, 2010 - Capítulo 4- **The Participatory Museum**. Disponível em: www.participatorymuseum.org/. Acesso em: 15 dez. 2015

⁶² Estar no museu e efetuar uma visita é um esforço cognitivo e relacional através de uma relação cultural em movimento que origina um esforço comunicacional por parte do público, e para que se estabeleçam significações como parte da recreação, o que envolve diversas dimensões inclusive aquelas de aprendizagem, existe um “esforço” ou “trabalho” como designa Marília Xavier Cury. Anotação da disciplina “Comunicação e exposição”, 2º semestre de 2014 do Mestrado em Museologia da USP.

Expondo o idoso como um recorte de público mais ou menos segmentário, admite-se que sem grande investimento financeiro, mas tendo disponíveis recursos humanos pode-se avançar com abordagens, e quase que se percebem nas conversas a possibilidade de concretizar novas práticas ou relações futuras, no final das entrevistas. Curiosa a referência à falta de recursos para atender este tipo específico de público, pois quando debatida esta questão na fala do público interno, ela secundariza-se e destacam-se muito mais questões atitudinais⁶³ como a relevância de equacionar mais o público idoso, posteriormente as falas apontam para a reduzida visibilidade deste público em comparação ao público escolar, isto porque os idosos não são vistos como público prioritário, não têm o destaque que os públicos especiais têm vindo a reclamar, e não fazem parte das reflexões de público com necessidades de aprendizagem e participação sociocultural, necessidades que têm na realidade dentro de certas tipologias. Mas, certamente que um maior investimento de recursos, tanto humanos como financeiros, muitas vezes possibilitados pelo estabelecimento de parcerias trarão um maior retorno social.

Entender as abordagens e registrar desafios e/ou dificuldades que se desenvolvem no relacionamento dos museus com os idosos, foi uma das proposições da pesquisa empírica, auxiliando o reconhecimento de adoção ou rejeição de abordagens museográficas com os idosos. A segmentação deste público pode ser solução para determinados objetivos, mas pode não ser para outros alcances sociais intergeracionais, são os estudos e reflexão metodológica que alicerçam o comprometimento da museografia e justificam escolhas, ou seja os alcances são diversos desde que se justifiquem as opções.

4.3 Proposta Conceitual para os Idosos nos Museus

A partir do levantamento de iniciativas de relacionamento com este público, nota-se que as abordagens podem ser diversas, tanto ao nível da construção de ligações com tipologias de idosos, como nos focos e formas museográficas. O foco

⁶³ ⁶³ Mudanças atitudinais remetem para alterações de predisposições apreendidas e que por vezes parecem estar estáveis e que têm 3 componentes “o cognitivo que inclui crenças avaliativas sobre um dado objeto”, a componente emocional que remete para “sentimentos experimentados pelo indivíduo em relação ao objeto” e a tendência à ação que “significa a disposição do indivíduo a entrar em interação com o objeto (NERI, 2005, p. 13)

museográfico, acaba por gerar inter-relações na curadoria podendo privilegiar relacionamentos na salvaguarda (documentação e conservação) e na comunicação (educação, exposição) alicerçadas na pesquisa.

Ponderando como os museus desenvolvem este relacionamento sistematizou-se um procedimento que pode ser apreendido pelos estudos de recepção, dentro de uma avaliação contínua necessária ao apuramento da qualidade sobre a eficácia e eficiência (CURY, 2014) dos processos museográficos desenvolvidos para os idosos, mas também na procura de uma qualidade de aplicação dos pressupostos teóricos transversalmente em todo o processo como se sintetiza na figura.

Figura 45 – Evolução processual do estabelecimento de relações museográficas.
Fonte: Susana Costa Araujo.

O grupo idoso nos museus permite a criatividade museográfica ser explorada pela verdadeira necessidade e interesses do público. Os profissionais de museus podem reforçar os laços com os idosos pela postura de mediador, mas também como criador e sem dúvida como trabalhador social (GUARNIERI, 1983 apud BRUNO 2010). Para conseguir cumprir esse papel, a sensibilidade à avaliação na procura pela qualidade (CURY, 2006) deve passar por estudos de público e de recepção, antes e após a proposição.

O estudo de recepção como ferramenta de avaliação experimental permite compreender o estabelecimento de relações com os idosos, revelando-se como instrumento de análise para a construção museográfica, numa perspectiva de avaliação da qualidade além da visão gestora cotidiana, por outro lado, nos museus é

preciso avaliar com suporte teórico, a mais valia e retorno social que o museu pode protagonizar, desenvolvendo ferramentas de pesquisa com apoio de áreas interdisciplinares para que se alicerce a pertinência de colocar em prática normatizações que irão beneficiar uma parte dos quase 25 milhões de cidadãos com sessenta e mais anos no Brasil⁶⁴, neste momento perto de 13% da população total.

Apesar de proporcionalmente na pesquisa se ter valorizado os dados qualitativos, admite-se a possibilidade de cruzar dados quantitativos nas pesquisas de recepção, embora não tenha sido essa a intenção nesta fase, em especial para se perceber tendências de maior e menor impacto e tratando as categorias de forma quantitativa por meio de ter a percepção do que é mais impactante. Esta percepção da realidade permite um entendimento quantitativo para se trabalha justificativas de abrangências dentro dos museus ou impactos e o atendimento de necessidades prioritárias, ou alcances no público, técnicas que nesta pesquisa não consideramos.

Nos museus, a criatividade, o marketing institucional e comunicacional, como apoio à museografia, têm de estar à altura do idoso e do não visitante, fazendo-se saber que o idoso tem de receber a mensagem de que ele é importante para o museu como público, que também por ele que se guardou, e construiu a musealização de todo o patrimônio e não só pelas gerações futuras. O idoso precisa conhecer as oportunidades que pode dar para si, como indivíduo que interage culturalmente com o território e o patrimônio cultural musealizado, por isso precisa saber que existem discussões propostas pelas instituições, que lhe podem despertar novas significações e posicionamentos.

Assumindo-se como um verdadeiro espaço de criação cultural, o museu possibilita unir o *saber*, *saber-fazer*, o *ser* e o *saber-ser* visando a autonomia da pessoa (DESVALLÉS et al, 2013, p.38), eliminando-se barreiras atitudinais em todos os intervenientes da comunicação museológica. Podendo ir mais longe, quando se assume que o idoso pode ser participante desse museu das múltiplas visões. A sua participação, usada interdisciplinarmente, permite construir-se o conhecimento da herança patrimonial, com subsídios mais ou menos próximos à antropologia ou à história.

⁶⁴ Número de cidadãos com 60 e mais anos em 2016 – 24.933.461. Fonte: IBGE - Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e análise Dinâmica Demográfica – Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período de 2000 – 2050 sessenta. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default_tab.sh tm. Acesso em abril de 2016.

Outras relações no processo curatorial podem ser estabelecidas e vistas como promissoras, isto é, abordagens que cruzam a curadoria e que podem transpor o campo da comunicação museológica, gerando relações que podem criar produtos para a salvaguarda, ou especificamente para a documentação. Pela bagagem de experiências que este grupo tem como consequência da experiência e história de vida, e que nenhum outro grupo registra, as opções museográficas podem utilizar a sua participação, por exemplo através da história oral ou inventários participativos, numa coleta de dados que alimente a documentação e que suporte a comunicação.

As categorizações empíricas de abordagens, desafios e oportunidades coletadas possibilitam reflexões para que atitudes dos intervenientes nos processos museológicos e museográficos privilegiem as relações com público, respeitando a sua heterogeneidade cultural e desenvolvendo ações com instituição e parceiros, na concretude das normativas referidas, na esfera social.

Como lugar de experimentação, o museu pode contribuir para gerar experiências que contribuam para o bem-estar do idoso através das atividades socioculturais e de aprendizagem possibilitando:

- que os indivíduos se conectem com as pessoas à sua volta (família, amigos, vizinhos ou estranhos);
- que estejam ativos (pois saem para ir ao museu, fazem caminhada ou viagem, programam visitas com estratégias de mobilidade);
- que estejam atentos e curiosos refletindo experiências que os ajudem e que lhe interessem (aproveitam o momento, estão atentos ao mundo que os rodeia e aos sentimentos que isso desperta);
- possibilitando a aprendizagem continua (experimentando abordagens novas e redescobrimos interesses antigos, atualizando-se e tendo prazer quando se relacionam com heranças patrimoniais);
- possibilitando a experiência de dar (atenção ao estranho, dar tempo, trabalho voluntário⁶⁵, concretamente possibilitar trocas).

⁶⁵ Estes princípios, foram adaptados na pesquisa ao público idoso nos museus, mas são defendidos no projeto *Five Ways to Wellbeing* desenvolvido sobre capital mental e bem-estar mental, (tradução nossa) publicado em 2008, pela *New Economics Foundation* (NEF) Disponível em: <http://www.neweconomics.org/projects/entry/five-ways-to-well-being>. Acesso em: jan 2016.

Por se trabalhar no museu a herança patrimonial, o processo de musealização deve ser usado articulando-se o território e a sociedade (idosos e parceiros), isto significa que os acervos e as necessidades sociais dos idosos e instituições devem-se articular na musealização do patrimônio, argumentando-se que as articulações são meios para atingir um fim.

A integração social dos indivíduos idosos só é possível com articulação das diferenças, e redefinindo sempre os seus posicionamentos a diferentes níveis durante o processo de envelhecimento. Apresentando algumas análises do estudo Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade, publicada pelo SESC e Fundação Perseu Abramo em 2007, a inclusão social e o pleno cumprimento da cidadania só poderá ser efetivado “quando a sociedade puder oferecer-lhes novas formas e propostas de aprendizagem, que mobilizem seus interesses e ampliem suas possibilidades de desfrutar boa qualidade de vida” (SANTOS, LOPES e NERI, 2007, p.79).

“Conhecer coisas” é uma expressão frequente dos idosos que comentam o porquê de ir aos museus, inserindo-se num padrão de interesses acima, questiona-se se conhecer essas coisas efetivamente ampliam o seu bem estar, na aproximação à educação não formal e aprendizagem continua ao longo da vida, ou seja, “ensinar algo que possa ser usado posteriormente” no sistema de aprendizagem aqui referenciada como sendo a usada nos museus, no entanto a aprendizagem pode compor-se de formas educativas mais formais como abordagem a este público, o pesquisador Johannes Doll reconhece que os idosos também procuram esse tipo de enriquecimento de aprendizagens como cursos, palestra ou desejos de dominar novos conhecimentos e “não passatempos vazios” argumentando que a educação deve ser vista como atividade, ultrapassando neste caso a sua utilização como indicador (2007, p.116-117), de um currículo para a longevidade.

Focando os modos de uso das instituições culturais, Nina Simon americana e defensora da participação do público nos museus como um resultado, faz os seguintes questionamentos para provocar este tipo de experimentação: como se usa a participação do público [idoso] no interesse da instituição ou da sua missão? Como o público idoso providencia o que outro público não pode? A autora aponta o comprometimento e interesse de automotivação de alguém que dedica tempo e recursos numa ação museológica, criando desafios e encorajamento da participação pelo criativo, promovendo habilidades físicas ou cognitivas (2010) e adverte-se que cada instituição tem de responder particularmente a estas perguntas, através do engajamento dos indivíduos nas suas abordagens museográficas.

Apoiar a participação significa confiar nas capacidades dos visitantes como criadores e (re)distribuidores de conteúdos. Significa estar receptivos à possibilidade que o projeto possa crescer e mudar após o lançamento para além intenção original da instituição.

Há também oportunidades incríveis para as instituições culturais, distinguir-se por incentivarem à participação nos ambientes físicos de museus, bibliotecas e centros de artes. (SIMON, 2010, cap.1.1⁶⁶)

A instituição museal, como instituição cultural, congrega muitas vezes a vertente de arquivo, biblioteca, centro de artes, espaço verde, espaço de seleção e interpretação da natureza, de ciência entre outras realidades culturais, por isso acredita-se que

O museu é o lugar propício a certas discussões porque ao mesmo tempo em que trabalha com a afetividade necessária à discussão de certos temas, também trabalha como estranhamento, a distância necessária para que o público se aproprie do debate e (re)elabore os seus significados, e faça isso agora em sua cultura, compartilhe isso com os seus pares culturais (CURY, 2005, p.320).

Os museus têm a oportunidade de encorajar o engajamento dos indivíduos comunicacionais.

Quando se defende a promoção de novas habilidades, pensa-se no contato dos idosos com novas formas de cultura como a digital, se alguns já dominam estes meios de comunicação a maioria ainda não desenvolveu a capacidade de lidar com o universo tecnológico digital, e os museus que já utilizam suportes virtuais, podem equacionar o acesso dos indivíduos idosos auxiliando a inclusão digital e o estabelecimento de um domínio técnico novo. Pensando a aprendizagem ao longo da vida como um processo para lidar com a realidade envolvente e crendo que o mundo digital está cada vez mais presente, espera-se um aumento das possibilidades de adaptação a estas tecnologias, respondendo às necessidades ou curiosidades que os idosos possam ter. A apreensão destas técnicas através e dentro do museu, proporciona uma experiência de acesso à informação e possibilidades de relacionamentos, abrindo uma porta para os seus acervos, pois, os objetos museais usam cada vez mais estes suportes e a comunicação digital, originando um território museal virtual como espaço de reflexão, apreciação e conversação. Embora se perceba que a maioria dos idosos não se sentem à vontade com essas tecnologias, não se deve pressupor que a mensagem digital não chega aos idosos e chegará cada

⁶⁶ Tradução nossa.

vez mais, pensando-se nas gerações futuras de idosos. Aqueles que já herdaram o conhecimento digital na vida adulta e aqueles que procuram a formação e conhecimentos de inclusão digital.

A fase mais avançada da idade caracterizada por aprendizagens de modos de ver, pensar e agir como uma estratégia de adaptação e sucesso no envelhecimento. Os museus podem ser lugares gerontopedagógicos (ROBERTSON, 2015), de educação permanente incluídos nas pesquisas de gerontologia educacional (NERI, 2005; DOMINGUES et Al., 2012).

Facilitando processos de autodesenvolvimento, autoconstrução e até de autocuidado pensando a individualidade de cada idoso, este é o desafio que autores como Fristrup e Grut, pesquisadoras nórdicas, lançam às instituições museais, aproveitando o desenvolvimento de diferentes tipos de capacidades no currículo do cidadão que se constrói ao longo da vida. A capacidade digital é uma das quatro que referem como fazendo parte do currículo paralelamente aos cuidados de saúde, ao posicionamento cívico e à gestão financeira (2015). Os programas e atividades das instituições museais que trabalham com a “herança patrimonial não conseguem desenvolver [estas capacidades] sem a colaboração de outras organizações” (FRISTRUP; GRUT, 2015, p. 280) ⁶⁷, que defendemos como parceiros.

Nos museus em transição, que se defende estar a analisar pela procura das múltiplas vozes de públicos, pode-se criar uma programação para os idosos em situações diversas, mas também é possível adaptar as estratégias existentes para a diversidade de público idoso. Porém ações criadas com outro enfoque podem atrair os cidadãos com sessenta e mais anos, sendo analisadas e adaptadas, no entanto quando as ações se estabelecem para este recorte de público, têm de atender esse propósito e ser entendidas quanto ao seu alcance. Assim, a avaliação museológica, como pesquisa de recepção é aplicada e “reposicionada de forma a situar-se no espaço da interação e não no final da linha” como defende Cury ultrapassando o modelo comunicacional linear (emissor, receptor) (1999, p. 25), verificando-se propósitos avaliativos culturais para além dos dados empíricos, em que a experimentação museal atua, como construção e reconstrução de processos práticos para atingir fins teóricos, derivados dos efeitos que a museografia produz.

O idoso relaciona-se mais próximo ao público interno, quando se equaciona o voluntariado, o atendimento ou em outras funções como na escolha de acervos, montagem de exposições, em grupos de Amigos do Museu, ou através de

⁶⁷ Tradução nossa.

atividades de manutenção e salvaguarda. Sem aprofundar a dicotomia entre público interno e externo, entendendo-se como interno os funcionários e externo os visitantes, esta é uma estratégia que os museus de modelos participativos ou cooperativos utilizam para se aproximarem das bases de relacionamento de desenvolvimento local (VARINE, 2012) um engajamento que acontece nos ecomuseus ou museus comunitários, porém os museus mais tradicionais justificam a possibilidade do voluntariado como interação com as necessidades da comunidade.

O trabalho por ocupação, ou voluntariado, sem a carga imposta pelo mundo laboral é outro aspecto que pode ser equacionado na vivência dos tempos livre após a aposentadoria e bem vista por alguns idosos como tarefa. Por outro lado, podemos estar perante um processo de transformação para novas formas de trabalho, adequadas à idade antevendo-se até possibilidades de equilíbrio entre ocupação e produção de renda numa idade mais avançada, em que o sujeito ainda pretende manter vínculos com o mercado de trabalho em virtude de necessidades várias, como a necessidade de aumento de renda e/ou manter rotinas que prolonguem hábitos de vida em idade ativa.

A museografia deve refletir o conhecimento do idoso, dos que o visitam e dos que não se aproximam do museu, deste modo o conhecimento do contexto das instituições museológicas é fundamental, inclusive o entorno, e as alternativas possíveis para se estabelecerem relações profícuas na comunicação museológica e na salvaguarda, que têm como premissa o papel social da museologia.

A proposição conceitual para trabalhar com público idoso, como resultado de um caminho metodológico percebido pelo estudo de recepção, resulta da coleta de dados empíricos: partindo da compreensão dos públicos idosos, dos contextos que se relacionam no entorno, e das intervenções e escolhas da instituição museal para a criação museográfica. Os conhecimentos gerados através da pesquisa de recepção apresentam a um nível mais conceitual diretrizes museológicas e premissas desta área de conhecimento, bem como normatizações e políticas sociais e conhecimentos sobre o envelhecimento destacando-se uma permissão geral que, é transversal, a mudança social e cultural e as inovações na relação dos idosos com o museu. Ressaltando a importância dos parceiros nos museus, reforça-se a ideia da pesquisa da necessidade de conhecimentos a três níveis:

- análise do entorno;
- conhecimento sobre idosos;

- opções e escolhas de intervenção museográfica.

Esta proposição que abaixo se sintetiza é uma proposta aberta à experimentação nos museus, mas aplica-se para se entender de onde se parte e por onde se sugere buscar informações, numa área de conhecimento que se alega aplicada.

Figura 46 - Proposição conceitual para o relacionamento dos idosos nos museus

Fonte: Susana Costa Araujo

O conceito de território percebe-se na museologia como um espaço em expansão e reconhece-se para além da atuação dentro do edifício dos museus, por isso determina-se a importância do conhecimento da sua envolvência que repetidamente se designa de entorno, portanto esta noção territorial permite o entendimento de espaços que se relacionam com potencial público e a instituição museal, e especificamente com outras instituições parceiras.

Percepcionou-se a necessidade de compilar vários níveis de reflexão para se concretizar a análise da participação dos idosos nos museus através das relações museográficas, logo se por um lado pesquisa aproximou-se da etnografia pela metodologia de coleta de dados em terreno, por outro chega-se à fase de

elaboração da proposição conceitual em que as ciências sociais aplicadas só recentemente se aventuram metodologicamente, desse modo expõem-se soluções de intervenção social para o desenvolvimento de relações com idosos nos museus, indo além da interpretação do papel de cada um dos atores comunicacionais.

Procurando-se soluções para os atores sociais em questão, adentra-se pela aplicabilidade de processos museológicos, referidos na pesquisa, criando relações que contemplem a possibilidade de beneficiar ambos, idosos e museus, através da implementação das normatizações socioculturais derivadas do envelhecimento da população e de diretrizes sociais da museologia. O benefício para resolver problemas assumidos pela função social da museologia, que se inserem na inovação social ⁶⁸ na procura de melhores respostas participativas dos vários indivíduos em interação.

⁶⁸ Um processo e simultaneamente um produto, conforme os pesquisadores James Phills Jr., Kriss Deiglmeier e Dale Miller, observam que para ser inovador, o processo - que tem enfoque na esfera do social- precisa lidar com dois critérios: a novidade, mesmo que não seja um ato original deve ser novo para os utilizadores, para o contexto ou modo de aplicação; o outro critério é a melhoria como resultado ou processo, pois deve ser mais eficiente, efetivo e sustentável do que as condições existentes. Segundo os autores, quatro momentos da inovação são necessários distinguir: o processo de inovar, o resultado ou a inovação em si mesma, a difusão ou adoção da inovação com o uso, e por último o valor criado pela inovação (PHILLS, DEIGLMEIER, MILLER 2008). Disponível em:<https://ssir.org/articles/entry/rediscovering_social_innovation>. Acesso em: 20 ago. de 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca pela compreensão das relações museológicas dos idosos nos museus percorreram-se diversas esferas que esclareceram a necessidade da inclusão deste público na museologia, porém foi necessária a desconstrução do idoso como grupo de público homogêneo, considerando-se esta tipologia como diversa culturalmente, sendo preciso ter em consideração a dinâmica adaptativa dos indivíduos ao processo de envelhecimento.

O estabelecimento de relações com este público é ainda um desafio para a museografia, mas torna-se prioritário equacionar abordagens pelo desenvolvimento demográfico, que globalmente coloca este grupo em crescimento, antevendo-se para o Brasil um novo contexto sociocultural e econômico derivado do envelhecimento populacional.

Neste sentido, a mudança social ocorre e tornam-se necessárias várias frentes de ação para enfrentar esta realidade, por isso normatizam-se abordagens para enfrentar o envelhecimento da população através de políticas sociais e culturais com enfoque no idoso, de maneira a dar conta do novo perfil demográfico que se avizinha, diversas áreas de conhecimento começam a colocá-lo como foco de pesquisas no que concerne a recortes de pesquisa físicos e biológicos, mas também psicosociais e culturais. Na museologia as diretrizes de inclusão de públicos diversos, um processo museológico que contemple a sociedade como um todo, e a participação dos cidadãos na construção da relação museológica, são normatizações teóricas que devem sustentar as práticas desta área de conhecimento.

Porém a implementação das diretrizes ou normas na prática dependem de resistências, distribuição de recursos e da compreensão ao nível do senso comum da sua utilidade. O objetivo das normas é inovador, no entanto as práticas são condicionadas por modelos de ação mais ativos ou passivos, por isso percebe-se que a adesão ainda é pouco valorizada, mas o potencial de mudança social decorrente das abordagens aos idosos é assumido no campo museológico.

O desenvolvimento de metodologias avaliativas na museologia destaca-se a partir do momento em que a experimentação se torna uma prática nos museus em “transição” (CURY, 2014) e como forma de aproximar a museologia “real” à museologia “sonhada” (GUARNIERI, 1989). A pesquisa de recepção é a metodologia escolhida, que dessa forma possibilita entender o alcance da relação museológica com o público idoso, no entanto o impacto do papel dos museus e a contribuição da museologia na vida das pessoas é um desafio prático (museográfico) e teórico

(museológico) que se destaca no recorte do público com 60 e mais anos, por conseguinte, o estudo de recepção não deverá ser encarado simplesmente como uma questão processual da gestão (condições de produção), que embora a auxilie, consegue apurar a qualidade museológica, que vai além do que se alcança no cotidiano do museu, que no caso específico tratado, consegue abarcar a interação benéfica do público idoso no museu.

Analisando à escala local pondera-se o entendimento das necessidades de ambos, idosos e museus numa perspectiva de serem bem-sucedidos, dentro de um contexto próximo às comunidades e municípios, mas que deriva de diretrizes mais gerais e de escala global. A construção do multimétodo possibilitou que as técnicas utilizadas por meio de observação participante se tornassem reveladoras, pois possibilitaram chegar mais próximo de inquietações e reflexões que não tinham registro de outra forma. As entrevistas foram determinantes para compreender o idoso na visão dos gestores ou supervisores e responsável do setor de educação. Considera-se que a pesquisa de recepção é uma metodologia que possibilita entender como o público idoso percebe estas relações, no entanto aprofundar a sua visão e registar as suas percepções, para além da observação e entrevistas não estruturadas, por meio de outras técnicas não nos foi possível tendo em conta o cronograma de mestrado, pensando-se investigar esse recorte em outra oportunidade.

Os dados qualitativos dão conta dos objetivos específicos propostos, no entanto metodologias quantitativas podem enriquecer o conhecimento sobre interesses e motivações dos idosos, percebendo-se tendências de maior e menor impacto e tratando as categorias quantitativamente originando a justificativa de escolhas, percebendo-se o que é mais impactante na vida dos idosos.

Mas o que se pretende saber é se o relacionamento museológico com os idosos pode afetar positivamente a vida deste grupo? Crê-se que pela capacidade de interação social que se desenvolve no museu e pelo seu carácter de espaço de socialização, seja possível promover a manutenção das chamadas atividades avançadas da vida diária (AAVD), estimulando redes de suporte, utilizando o território e o património como meio de criação, criatividade de aprendizagens e lazer. Do mesmo modo, para aqueles indivíduos que conservam níveis mais básicos de atividade (ABVD e AIVD) a museologia podem agir como fornecedora de ferramentas auxiliando estratégias para o bem-estar e saúde, conforme pesquisas recentes comprovam, em contextos internacionais em que se vive o envelhecimento da população há mais tempo como a Europa e Japão, e em que abordagens museográficas tornam-se trunfos para a sociedade e museus. A atuação nestes

campos, tem revelado a potencialidade dos museus no trabalho com memória e reminiscência, mas que também permite trabalhar posturas ou posicionamentos pessoais e conceitos como a participação e a interação na sociedade, a tolerância e cidadania.

A diversidade de idosos remete para a impossibilidade de se pensar o grupo como único, parece ser possível a segmentação, como um caminho dentro da construção de relações, mesmo quando na museografia é contemplada a intergeracionalidade e a interação social, assim é imperativo perceber as demandas de abordagem segmentária, que o próprio grupo pode ter para se relacionar entre pares, dessa maneira é este o conceito que se trabalha, na pesquisa, quando se fraciona o grupo idoso em subgrupos que se constroem culturalmente. Tendo em conta o cidadão idoso e a sua cultura é possível a construção de relações museográficas que abarquem a ideia de diverso, em transformação e de participação, enfatizando-se o contexto institucional, ou seja, o entorno, as parcerias possíveis, os recursos, relações institucionais, os vários públicos, os vários acervos, a história e missão dos museus.

E como as instituições museais podem estabelecer relações? A museografia como prática que envolve o processo curatorial, contempla a interação com o público como permissa conceitual (seja pelo que se designa de inclusão, participação, colaboração) por meio da função social dos museus. As ações socioculturais são formas de atuação museográfica que envolvem atividades, projetos ou programas contemplando o relacionamento do público idoso com as instituições museológicas, mas que privilegiam no contexto atual, conhecimentos interdisciplinares desenvolvidos sobre necessidades e motivações bio, psicosociais e culturais deste potencial público, como grupo, mas também como indivíduos.

A partir da pesquisa realizada e da análise de dados empíricos coletados, percebe-se que o público de idosos não é priorizado comparando com outras tipologias de público, como o escolar, e que as abordagens comunicacionais específicas são poucas no contexto brasileiro nos setores de educação, salvo exceções pioneiras.

A relação museográfica derivada de múltiplas possibilidades de abordagens é estabelecida por meio enfoques que se podem complementar. No trabalho comunicacional com o patrimônio imaterial e material, os testemunhos de idosos pode fornecer, por meio de metodologias próximas à história oral e etnologia entre outras, informações para a documentação que podem suportar a comunicação museológica.

Procurou-se na pesquisa de dissertação, perceber que mais valias o idoso pode ter neste envolvimento com os museus, dentro do processo de envelhecimento diverso e dinâmico, mas também, o que o museu pode beneficiar numa relação em que os indivíduos trabalham a memória de forma única, através da sua história de vida, experiência e vivência atual.

Destacando-se a participação do cidadão com 60 e mais anos no processo curatorial, pode apontar-se para uma posição híbrida de público quando ocorre a confrontação de posições entre público interno e externo, o seu relacionamento nos museus exemplifica na prática a posição que se defende nos conceitos comunicacionais dos públicos de museu, quando se especifica que a “distinção entre interno e externo é artificial”⁶⁹, assim no momento da museologia de transição para o modelo emergente, fala-se de ressignificação, ela ocorre no indivíduo que percebe a mensagem museológica, mas no caso do idoso ele pode ter na sua história de vida algo que possa (re)significar o acervo no processo comunicacional em que participa. Por isso, a eliminação destas categorias já parece possível conceitualmente, se existir a aceitação desta troca dentro dos museus.

Opções museográficas mais ou menos segmentadas, fazem parte das escolhas e possibilidades ponderadas pelas instituições, mas que abrangerão as perspectivas de parceiros e idosos. Como consequência do trabalho de campo, percebe-se como no estado atual os museus podem desenvolver por meio de mudanças atitudinais mais relações focadas nos idosos, mesmo sem grandes investimentos, porém acredita-se que a conquista de um maior retorno social só é possível com projetos e parcerias, sejam institucionais governamentais e/ou não governamentais, mas que providenciem recursos e articulações para se investir nas relações com esta tipologia de público.

Entender as ações e o seu alcance permite justificar o investimento na salvaguarda e comunicação da herança patrimonial, por meio de um retorno social e cultural, conseguindo-se revelar relações culturais possíveis com grupos vulnerabilizados e outros, onde se encontram muitas vezes os idosos. Objeções que por vezes se denotam sobre o consumo de recursos na área cultural, acabam por ser vistas como sustentáveis e como um investimento social, perante a visibilidade efetiva que os museus podem mostrar desenvolvendo esse trabalho explorando a sua função social.

⁶⁹ Ideia defendida por Cury neste contexto de pesquisa (2005, p.313).

Acredita-se na mudança social por meio do empoderamento destes cidadãos, que tendem a ser alvo de estratégias de exclusão, mas também alvo de hiper valorização na “juvenilização” da velhice (FRISTRUP; GRUT, 2015, p.279), sem se dar oportunidade de falarem por si e pela sua experiência, “não há tempo para os ouvir”⁷⁰ em convivências que primam pela valorização do imediato e pela rápida adaptação. Nesta perspectiva, menciona-se mais a necessidade de escutar do que de falar para estes públicos.

Constatam-se experiências a vários ritmos, por opção ou por imposição, logo se a museografia conseguir dominar as dinâmicas adotadas pelos idosos e possibilitar uma relação que influencie positivamente as suas vidas, o princípio basilar de inclusão de públicos e sociedade integral estará alcançado no tocante ao grupo idoso. Espera-se com as categorizações de abordagens, desafios e oportunidades coletadas origem reflexões que privilegiem as relações com este público, respeitando a sua heterogeneidade cultural e desenvolvendo ações museográficas com instituição e parceiros, na concretização das normativas referidas, na esfera social.

Assim, a partir dos resultados apresentados, deseja-se que este estudo possa contribuir como referência metodológica para trabalhos que possuam nos seus recortes a análise de público e o papel social da museologia. São necessárias outras pesquisas que desenvolvam e apurem metodologias que percepcionem as formas de comunicação e salvaguarda com a participação do público idoso, e que analisem a construção de significados sociais e culturais destas relações.

A proposição conceitual, apresentada na pesquisa, articula conhecimentos provenientes de três instâncias que se refletem na construção museográfica, dessa forma, prevê-se que partindo da compreensão dos indivíduos idosos, dos contextos que se relacionam no entorno dos museus, e das intervenções e escolhas das instituições museais, se atinjam objetivos conceituais da museologia, mas também de outras áreas que lidam com o envelhecimento dos indivíduos e dos grupos sociais, promovendo a inovação social.

Acredita-se na ampliação do olhar de inclusão ou participação, privilegiando o idoso como diverso e potencial público para a museografia, com múltiplas possibilidades de interação na construção das relações dos idosos com a herança patrimonial musealizada, tendo por base o desenvolvimento pessoal e bem-estar. Salienta-se a promoção de aprendizagem ao longo da vida, o diálogo

⁷⁰ Testemunho de uma idosa durante uma ação do projeto “Debaixo do pé de Pitanga”, 27/04/2016 no Museu Republicano “Convenção de Itu”.

intercultural levantando questões para a representação inclusiva dos indivíduos e do grupo, trabalhando preocupações de opressão e justiça social, reinterpretando acervos, e narrativas museológicas de modo a que se modifiquem e ampliem experiências na vivência daqueles, que seremos todos nós amanhã.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Gabriela. Museu e Inclusão social. **Ciências & Letras: Patrimônio e educação**, nº31, Porto Alegre: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de educação, ciências e letras, jan. /jun. 2002.

_____, **Museums and Social Change: two perspectives on the social role of museums**. Saaarbrucken: Lap Lambert Academic Publishing, 2015.

AGE INTERNATIONAL. **Report Facing the facts: The truth about ageing and development**. 2012-2014. Disponível em: <<http://www.ageinternational.org.uk/what-we-do/Policy-where-we-stand-/ageing-and-international-development/>>. Acesso em: 14 mai. 2015.

AUTRALIAN MUSEUM AUDIENCE RESEARCH CENTER – AMARC. **Energised, Engaged, Everywhere: Older Australians And Museums**. Sydney: Australian Museum & National Museum of Australia/ Camberra, 2002.

BAARS, Jan, The challenge of Critical Gerontology: the problem of social institution **Journal of Aging Studies**, nº5, p.219-243. Disponível em: <<http://www.janbaars.nl/wp-content/uploads/The-Challenge-of-Critical-Gerontology-1991.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

_____.; DANNEFER, D.; PHILLIPSON C.; WALKER, A.. **Aging, Globalization and inequality: the new critical Gerontology**. NY: Baywood, 2006. Disponível em: <<http://www.janbaars.nl/book/aging-globalization-and-inequality/>>. Acesso em: 8 mai 2015.

BARBUY, Heloisa. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. **Anais Museu Paulista**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 209-230, 1995. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47141995000100019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 jul. 2015.

BAUER, R. C. e NETTO, A.P.. Princípios do Lazer Turístico Contemporâneo. 2014. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v.1, n.2 p.23-38, ago.2014. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/issue/view/63> . Acesso em 12 dez.2015.

BRASIL, Senado Federal. **Estatuto do Idoso**. Lei nº10.741. de 1º de outubro de 2003. (Org.) Paulo Paim, Brasília: Subsecretaria de edições técnicas, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1990 (trad. La veillesse, 1970).

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas, São Paulo: Perspectiva, (8ªed.)2015.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança dos velhos. São Paulo: T.A. Editor, 1979.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia e Museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados. **Cadernos de Sociomuseologia**, nº 25, Lisboa: ULHT, 2006.

_____. Museu e museologia: ideias e conceitos abordagens para um balanço necessário. Rio de Janeiro: Workshop ICOFOM LAM, 2008.

_____. (Org.) **Waldisa Russio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, v.1, 2010.

CAMERON, Duncan. **The Museum, a Temple or the Forum**. The Journal of World History (número especial) Colorado: University of Colorado, 1971.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Gestão de Museus e o desafio do método na diversidade**: Diagnóstico museológico e planejamento. 2011. Tese (doutoramento) -- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa,2011.

_____. Ondas do pensamento museológico brasileiro. **Cadernos de Sociomuseologia**. Nº20 ULHT, Lisboa: 2003. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4478/Cadernos%2020%20-%202003.pdf?sequence=1>> Acesso em: 13 mar. 2015.

_____. **Gestão de Museus, um desafio contemporâneo**: Diagnóstico museológico e planejamento. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

CARVALHO, Ana, **Diversidade cultural e museus no séc.XXI**: O emergir de Novos Paradigmas. Tese (especialidade Museologia) doutorado em História Filosofia da Ciência, Évora, 2015.

CASTILHO, Emerson **A Cidade Paulista De Itu** - Perspectivas Relacionadas à Patrimonialização e Musealização. 2012 Dissertação (mestrado) Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGPMUS) UNIRIO,Rio de Janeiro,2012.

CASTRO, Paula. Legal Innovation for Social Change: Exploring Change and Resistance to Different Types of Sustainability Laws. **Political Psychology**, Vol. 33, No. 1, 2012.[online] Disponível em: <doi: 10.1111/j.1467-9221.2011.00863.x> Acesso em: 13 mai 2015.

_____. Paula, BATEL, Susana. Social representation, change and resistance: On the difficulties of generalizing new norms. **Culture & Psychology**, 14, 477–499.2008 [online] Disponível em: <doi: 10.1177/1354067x08096512> Acesso em: 13 mai 2015.ops_

CHAGAS, Mário. **Museália**. Rio de Janeiro: J.C. Editora, 1996.

CURY, Marília Xavier. Comunicação museológica - uma perspectiva teórico-metodológica de recepção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004, Porto Alegre. **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: INTERCOM, 2004. 1 CD.

_____. **Exposição-concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume editora, 2006.

_____. Uma Perspectiva Teórico Metodológica para a Pesquisa de Recepção em Museus. In: ALMEIDA, Adriana Mortara, VALENTE, Maria Esther, MARANDINO, Martha (Org.) **Museu: Lugar do público**. Rio de Janeiro: Editora, Fio Cruz, 2009.

_____. Novas Perspectivas Para a Comunicação Museológica e o Desafios da Pesquisa de Recepção em Museus. In: I SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO MUSEOLOGIA DOS PAISES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, **Actas** 2009, Volume 1, Porto: ed. Universidade do Porto, 2010 Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8132.pdf>> Acesso em 05 mai.2015.

_____. Museologia e conhecimento, conhecimento museológico- uma perspectiva dentre muitas. **Museologia & Interdisciplinaridade** Vol.1II, nº5, maio/junho de 2014 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/263247901_Museologia_e_conhecimento_conhecimento_museolgico__Uma_perspectiva_dentre_muitas. Acesso em 23 jul.2015.

DEBERT, Guita G.. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice, **Antropologia e Velhice**. Textos Didáticos, nº19 IFCH Unicamp, Campinas: 1998. Disponível em: <www.mirelaberger.com.br/> Acesso em: 11 mar. 2013.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins (org.), **Velhice ou Terceira idade?** (4ª ed.). Rio de Janeiro: Editora FGV,2006.

_____. **A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2004.

_____. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. (artigo), **Horizonte Antropológico** vol.16 nº34, Porto Alegre: 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000200003&script=sci_arttext> Acesso em: 25 mar. 2013.

DEVALLÉS, André, MAIRESSE, François (editores), SOARES, Bruno Brulon, CURY, Marília Xavier (trad. comentários) **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro de Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DIAS, Eliane Golfieri. **Associação entre o desempenho de Atividades avançadas de vida diária e a incidência do declínio cognitivo- Estudo SABE**. Tese (doutoramento em ciências) USP, São Paulo, 2014, Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6132/tde-05122014.../pt-br.php>. Acesso em: 18 mai. 2015.

DODD, Jocelyn. The 21st century museum. **Behind the scenes at the 21st century museum**, [pdf da] unidade 5 – Liverpool: University of Leicester, 2015 [Online] Disponível em : <<https://www.futurelearn.com/courses/museum/steps/33569>> Acesso em 29 jun 2015.

DOLL, Johannes. Educação, cultura e Lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. NERI, A.L.(organizadora) **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.

DOMINGUES, M.A.; OEDONEZ, T.N.; TORRES, M.J.; BARROS, T.C.de; LIMA-SILVA, T.B.; BATISTONI, S.S.T.; MELO, R.C.de; LOPES, A.; YASSUDA, M.S. e CACHIONI, M.. Rede de Suporte Social de Idosos do Programa Universidade Terceira Idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, 15, 33-51. [online], São Paulo: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2012.

ELAZARI, J.M. Ação educativa em museus: a Terceira Idade construindo conhecimentos a partir de objetos no MAE/USP. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 19. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, 2009.

FALK, John H.; DIERKING, Lynn D. **The Museum experience**. Washington D.C.: Whalesback Books, 1997.

_____. Contextualizing Falk's Identity-Related Visitor Motivation Model. **Visitor Studies**, 14:2 [online] London: Routledge, 2011 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/10645578.2011.608002>> Acesso em: 17 jul 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Lisboa: Edições 70, 2013.

FERRAZ, Vera Maria de Barros. Museu da Energia de Itu. Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo. **História & energia: patrimônio arquitetônico da Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo**, São Paulo, n.8, 2ed., 2000.

_____. Departamento do Patrimônio Histórico, **Memória Eletropaulo**, nº21, São Paulo, 1995.

FLEMMING, David. Behind. The 21st century museum. **Behind the scenes at the 21st century museum**, pdf da unidade 1.7 – Liverpool: University of Leicester, 2015 [Online] Disponível em : <<https://www.futurelearn.com/courses/museum/steps/33569>> Acesso em 04 jun 2015.

FRISTRUP, Tine; GRUT, Sara. Self-caring in later life. In: ROBERTSON, H. (Org.) **The Caring Museum: New models of engagement with ageing**. Cambridge: Museum Etc, 2015.

FUNDAÇÃO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ENERGIA DE SÃO PAULO. **História, energia e cotidiano**: exposição inaugural do Museu da Energia de Itu- 14 dezembro de 1999. (1ed. 1999) 2ª edição. São Paulo: 2000.

GOVERNO, Estado de São Paulo. **Solennização do cincoentenário da Convenção de Itú**: realizada a 18 de abril de 1873 com a instalação do Museu Republicano Convenção de Itu. São Paulo: Companhia de Melhoramentos de S. Paulo, 1923.

GREGÓRIO, Erica, A terra dos exageros, **A Regional**, Edição nº82, fev 2010 – Disponível em: < <http://revistaregional.com.br/portal/?p=588>> Acesso 12 mar 2016.

GRUPO PARA ACESSIBILIDADE NOS MUSEUS – GAM. **Museu e público Senior em Portugal**: Percepções, Utilizações, Recomendações. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HEPWORTH, Mike, KATZ, Stephen. **Cultural Aging**: Life Course, Lifestyle, and Senior Worlds. Disponível em: <Canadian Journal of Sociology, [Online] January-February 2006, <http://cjsonline.ca/pdf/culturalaging.pdf>>. Acesso em: 9 Mar 2015.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. **Developing a scheme for finding evidence of the outcomes and impact of learning in museums, archives and libraries**: the conceptual framework. Leicester: 2002. Disponível em: <<http://www2.le.ac.uk/departments/museumstudies/rcmg/projects/>>. Acesso em: 28 set. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**: Censos 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?codigo=352390> Acesso em: 05.09.2013; Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=352390>> Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. **Síntese de Indicadores Sociais 2014** Disponível em: <<http://loja.ibge.gov.br/sintese-de-indicadores-sociais-2014-uma-analise-das-condicoes-de-vida-da-populac-o-brasileira.html>> Acesso em: 06 abr. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em Números**. V.1, 2011. Brasília: Ibram, 2011. Disponível em <<http://www.museus.gov.br/publicacoes-e-documentos/museus-em-numeros/>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). **Definição de museu**. Disponível em: < <http://icom.museum/>> Acesso em: 20 set. 2014; Disponível em: < <http://www.icomrio2013.org.br/pt/conference-theme>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

JENSEN, Eric; DAWSON, Emily; FALK, John, **Dialogue and Synthesis: Developing Consensus in Visitor Research Methodology**. Visitor Studies, 14:2, 158-161, (2011) Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272150692_Dialogue_and_Synthesis_-_Developing_Consensus_in_Visitor_Research_Methodology_published_version Downloaded by [78.86.244.155], Acesso: 12 mai. 2015.

JENSEN, Eric; WAGONER, Brady, **Continuing Commentary: A Cyclical Model of Social Change**. Culture & Psychology, Junho 2009, vol.15 p.217-228, Disponível em: <<http://cap.sagepub.com/content/15/2/217.abstract>> Acesso em: 01 mai. 2015.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **O que é, afinal, estudos culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KATZ, Stephen, **Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge**, Virginia: The university press, 1996.

LOURENÇO, Andreia Vale. Reflexões sobre diversidade de representações, de público e de estratégias interpretativas. In: **MIDAS 41** [Online] 2014, Disponível em <http://midas.revues.org/664>> Acesso em 13 Mar.2015.

LEICESTER UNIVERSITY. **Behind the scenes at the 21st century museum**. Futurlearn [Curso on line], unidade 4 e 5, Leicester: University of Leicester, 2015.

LEIVA, João (Org.). Hábitos culturais dos paulistas. São Paulo: Tuva Editora,Ltda.

MAIRESSE, François; DESVALLÉES, André. Brève histoire de la muséologie, dès inscriptions au musée virtuel. in MARIAUX, P. A. (Ed.). **L'objet de La muséologie**. (Col. L'Atelier de Thesis, n. 2), Neuchâtel: Université de Neuchâtel, Institut d'Histoire de l'Art et de Muséologie, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1997.

MARTINS, Mariana Esteves. **A formação do museu republicano "Convenção de Itu" (1921-1946)**. 2012 Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, vol.2, São Paulo:1994.

_____. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. *Ciências & Letras*. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, **Ciências e Letras**, n.27, p. 91-101, 2000.

_____. A pesquisa no museu como produção de conhecimento original. **Anais do IV Seminário sobre Museus-Casas**. Pesquisa e Documentação. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

_____. Os paradoxos da memória. **Memória e Cultura**. MIRANDA, Danilo Santos (org.) São Paulo: Edições SESC, 2007.

MENSCH, Peter van. **O objeto de estudo da museologia**. Rio de Janeiro: Uni/Rio/UGF, 1994.

Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), **Declaração Minom Rio 2013**: XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia, Rio de Janeiro: 2013. Disponível em: < <http://www.minom-icom.net/files/declaracao-do-rio-minom.pdf> > Acesso em: 20 abr 2016.

MUSEU DA ENERGIA **Conhecendo a Fundação**. 2015. Disponível em: <<http://www.energiaesaneamento.org.br/quem-somos.aspx> > Acesso em: 15 jun.2015.

MUSEU PAULISTA. **Visite o museu republicano "Convenção de Itu" e participe da semana da República** de 8 a 15 novembro 2015. Disponível em: <<http://www.mp.usp.br/chamadas/visite-o-museu-republicano-convencao-de-itu-e-participe-da-semana-da-republica-de-08-15>>. Acesso em 01 mar. 2015.

MUSEU REPUBLICANO: [online] 2014. **O Museu** – página oficial. Disponível em: <<http://mr.vitis.uspnet.usp.br/>>. Acesso em 14 out. 2014.

NERI, Anita Liberalesso, **Palavras-chave em gerontologia** (2ªEdição). Campinas/SP: Editora Alínea, 2005.

NEW ECONOMICS FOUNDATION. **Five Ways to Wellbeing**. [online], item publicado out. 2008, pela New Economics Foundation (NEF) Disponível em: <<http://www.neweconomics.org/projects/entry/five-ways-to-well-being>>. Acesso em: jan 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL SAÚDE - OMS (WHO), **10 facts on ageing and the life course**, [online], item 8 e10, out 2014, Disponível em: <<http://www.who.int/features/factfiles/ageing/en/>> (tradução nossa) Acesso em: 11 mar. 2015.

_____. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde / World Health Organization. (Título original inglês: Active ageing: a policy framework. WHO, tradução Suzana Gontijo) Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005 Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf> Acesso em: 13 jun. 2015.

PHILLS Jr., James A., DEIGLMEIER, Kriss & MILLER, Dale . **Rediscovering Social Innovation**. Standford Social Innovation Review, Outono 2008. Disponível em:< https://ssir.org/articles/entry/rediscovering_social_innovation> Acesso em: 20 ago de 2016

PIRES, Francisco Murari. **O fardo e o fio**. [Online] 2014, Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/FMP/fardo.htm>>. (Livro em preparação 2012) Acesso em: 03 mar. 2015.

POULOT, Dominique. Nação, museu, acervo. TOSTES, Vera et al (Org.). **História representada**: o dilema dos museus, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

RESEARCH CENTER FOR MUSEUMS AND GALLERIES. (RCMG) Measuring the Outcomes and Impact of Learning in Museums, archives and Libraries. **Relatório 2003**, Leicester: Department of Museums Studies of the University of Leicester, 2003.

ROBERTSON, Hamish L.. (Org.) **The Caring Museum**: New models of engagement with ageing. Cambridge: Museum Etc, 2015.

SANDELL, Richard. The 21st century museum. **Behind the scenes at the 21st century museum**, unidade 4.2 – Liverpool: University of Leicester, 2015 [Online] Disponível em: <<https://www.futurelearn.com/courses/museum/steps/33768>>, Acesso em: 22 junho 2015.

SANTOS, Geraldine Alves dos, LOPES, Andreia e NERI, Anita Liberalesso. Escolaridade Raça e Etnia: elementos de exclusão social de idosos. NERI, A.L.(organizadora) **Idosos no Brasil**: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC,2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus, liberalismo e indústria cultural. **Ciências Sociais**. São Leopoldo: Unisinos, Vol 47, nº 03, 2011.

SARRAF, Viviane. **Acessibilidade em Espaços Culturais**: mediação e comunicação sensorial. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2015.

SIMON, Nina. **The Participatory Museum**. Santa Cruz: Museum 2.0, 2010 Disponível em: < www.participatorymuseum.org/>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SISEM. **Museus de São Paulo**. Disponível em <http://www.sisemsp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=94&Itemid=69>. Acesso em: 23 jun. 2015.

TEIXEIRA, Ilka Nicéia D'Aquino Oliveira; NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecimento bem-sucedido**: uma meta no curso da vida. *Psicol. USP*, v. 19, n. 1, p. 81-94, São Paulo: mar. 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2015.

THE LEARNING MUSEUM – LEM. **Heritage and the Ageing Population Report 2 – The Learning Museum Network Project** (Edição Ann Nicholls, Manuela Pereira and Margherita Sani, Print: 2013). Disponível em: < <http://online.ibr.regione.emilia-romagna.it/libri/pdf/LEM2nd-report-heritage-and-the-ageing-population.pdf>> Acesso em: 23 abr. 2015.

THOMPSON, Linda J.; CAMIC, Paul M.; CHARTTERJEE, Helen.. **Social Prescribing**: A review of community referral schemes. London: University College London, 2015.

TOJAL, Amanda, **Acessibilidade, Inclusão Social e Políticas Públicas: uma proposta para o estado de São Paulo**, BRUNO, M. C. O.; NEVES, K. R. F. (Coord.). **Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento**: propostas e reflexões museológicas. Segunda Parte, Capítulo 1, São Cristovão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

_____, **Política de Acessibilidade Comunicacional em Museus: Para quê e para quem ?**. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Vol.1 V, nº 7, out-nov de 2015. Brasília: Revista do Programa de Pós-graduação da Universidade de Brasília, 2015.

VARINE, Hugues de. **Museus e Desenvolvimento Social: Balanço Crítico**. BRUNO, M.C., NEVES,K.R.(Org.) **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento**: propostas reflexões museológicas. Primeira parte, São Cristovão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

WEIL, Stephen. **The Museum and the Public**. (Palestra) Columbia: Columbia University, 1997. Disponível em: <<http://artsandcultureresearch.org/portfolio/the-museum-and-the-public/>> Acesso em 18 de jul. 2015.

_____. **Making Museums Matter**. Washington: Smithsonian Books, p.55-74, 2002.

YAGUI, Mirian Midori Peres. **Museus e patrimônio industrial**: um estudo sobre a musealização do setor elétrico no estado de São Paulo. 2014 Dissertação (mestrado em Museologia da Universidade de São Paulo) São Paulo, 2014.

ANEXOS

- a) Roteiro das entrevistas aos supervisores e responsáveis de educação**
- b) Quadro de base de dados de abordagens museográficas nacionais e internacionais pesquisadas, via internet 2015/2016**

a) Roteiro das entrevistas aos supervisores e responsáveis de educação

Estas questões serão tratadas de modo transversal e sem autoria atribuída.

GESTOR:

1. Desde quando trabalha no museu?
2. Desde quando assumiu o cargo de gestor /coordenador?
3. Quais as principais atribuições do responsável deste museu?
4. Como é organizada a programação do museu (que autonomias tem em relação à tutela para desenvolver uma programação?
5. Existe uma prioridade específica no momento? Ao nível da salvaguarda ou comunicação, Qual?
6. Como o museu considera a diversidade de públicos? Há ações diferentes para diferentes públicos? Quais?
7. Há alguma ação para o público idoso?
8. Incentiva a realizar relações específicas com este público? Como?
9. Como são selecionados os públicos a serem priorizados?
(Com quem dialoga ?)
10. Como entende a contribuição ou não do idoso para o museu?
(Agrega valor)

11. Que desafios ou oportunidades a gestão museológica encontra para atender estes públicos?
12. Que relação vê no futuro o museu estabelecer com os idosos?
13. Que parcerias pensa serem possíveis estabelecer?

14. Durante esta entrevista pensou alguma questão ou inquietação que achasse pertinente compartilhar?

EDUCADOR:

1. Desde quando trabalha no museu?
2. E desde quando coordena o setor de educação?
3. Fale da proposta do setor de educação?
4. Qual a diversidade de público que atendem (deficientes, grupos em vulnerabilidade, indígenas, outros)?
5. O museu tem alguma política voltada para públicos especiais? (Quem é o público prioritário?)
Como é organizada a programação anual do setor de educação?
(relação com expografia que papel assumem, em que participam?)

6. Sobre atividades: Que ações desenvolve no PRESENTE voltadas para este público?
Descrição:

Denominação/título

Regularidade: _____ Duração : _____

Tem parcerias? Não [____] / Sim [____], Quais e de quem partiu? _____

Quais os meios de divulgação que utilizam: _____

O museu tem registro sobre as atividades realizadas com IDOSOS? Quais?

(Não tem registro [____])

(Sim, feita PELO MUSEU [____] que tipo de registro: _____)

(Sim, feita pelo PELO IDOSO [____] que tipo de registro: _____)

- Que desafios / dificuldades encontra para lidar com este público:

7. Desenvolveu, no PASSADO algum tipo de atividades específica com público IDOSO:
Qual? Que estratégia foi desenvolvida?

Regularidade : _____ Duração : _____

Teve parcerias? Não [____] / Sim [____],

Quais e de quem partiu a iniciativa _____

Quais os meios de divulgação que utilizaram: _____

O museu tem registro sobre as atividades realizadas com IDOSOS? Quais?

(Não tem registro [____])

(Sim, feita PELO MUSEU [____] que tipo de registro: _____)

(Sim, feita pelo PELO IDOSO [____] que tipo de registro: _____)

8. O que faria se pudesse no FUTURO trabalhar com público IDOSO:

(Qual a estratégia?

E para quem se destina especificamente?)

8. Na sua opinião porque são importantes ações específicas para o idoso?
9. O que aprendeu com idosos neste tempo?
10. Durante esta entrevista pensou alguma questão ou inquietação que achasse pertinente compartilhar?

b) Quadro de base de dados de abordagens museográficas nacionais e internacionais pesquisadas, via internet 2015/2016

Nome da Instituição	País	Cidade	Endereço net:	Atividade com idoso
Denver art museum	USA	Denver	http://denverartmuseum.org/article/benefits-creativity-older-adults	Encontro com docente sobre um artista/obra-EngAGE
Glasgow museum	UK	Glasgow	https://www.glasgowlife.org.uk/museums/about-glasgow-museums/learning/Pages/Older-adults.aspx	Grand Day Out - grande dia de passeio
Glasgow museum	UK	Glasgow	https://www.glasgowlife.org.uk/museums/about-glasgow-museums/learning/Pages/Older-adults.aspx	Memory Lane Glasgow Museums encontro mensal de café
Glasgow museum	UK	Glasgow	https://www.glasgowlife.org.uk/museums/about-glasgow-museums/learning/Pages/Older-adults.aspx	Care Homes – visitação e empréstimo de kits
Glasgow museum	UK	Glasgow	https://www.glasgowlife.org.uk/museums/about-glasgow-museums/learning/Pages/Older-adults.aspx	Contact the Elderly: Men in Museums - Homens atividades para idade superior a 75-Oficina de fotografia
Glasgow museum	UK	Glasgow	https://www.glasgowlife.org.uk/museums/about-glasgow-museums/learning/Pages/Older-adults.aspx	Chá mensal no Glasgow Museums para pessoas sós
British Museum	UK	London	https://blog.britishmuseum.org/2015/08/17/house-of-memories-an-app-and-the-	House of memories - aplicativo e sessão

			material-culture-of-money/	
Museums of Liverpool (7 museus e galerias em rede de diferentes temáticas)	UK	Liverpool	http://www.liverpoolmuseums.org.uk/learning/projects/house-of-memories/my-house-of-memories-app.aspx	House of memories - aplicativo e sessão
Museums of Liverpool (7 museus e galerias em rede de diferentes temáticas)	UK	Liverpool	http://www.liverpoolmuseums.org.uk/learning/projects/house-of-memories/meet-me.aspx	Meet me at the museum- encontre-me no museu
Museums of Liverpool (7 museus e galerias em rede de diferentes temáticas)	UK	Liverpool	http://www.liverpoolmuseums.org.uk/learning/projects/house-of-memories/memory-walks.aspx	Memory Walks - Passeios com memória
Museums of Liverpool (7 museus e galerias em rede de diferentes temáticas)	UK	Liverpool	http://www.liverpoolmuseums.org.uk/learning/projects/house-of-memories/resources.aspx	Memory suitcases - malas com objetos
The Geffrye museum of the home	UK	London	http://www.geffryemuseum.org.uk/learning/community-outreach/older-people/	Evergreen Gardeners - jardinagem
The Geffrye museum of the home	UK	London	http://www.geffryemuseum.org.uk/learning/community-outreach/older-people/	Conversa arte e artesanato, workshop e e visitação para restaurar a história da casa, sessões de fotografia e de reminiscência

Petofi Museum	Hungria	Budapest	https://pim.hu/hu/tanulas/elethosszig-tartanulas/nyugdijas-oknak	Visitas guiadas, palestras literarias arte experimentação, caminhadas
Sir John Soane's Museum	UK	London	http://www.soane.org/education/community_access/older_people/	Our Changing Neighbourhood - poesia teatro e dança
The George Washington University Museum TEXTILE Museum	USA	Washington	http://museum.gwu.edu/using-arts-improve-care-older-adults	Arte educadores estimulam a capacidades dos idosos (incluindo com dificuldades neurocognitivas)Improving care of older adults and their families
Museu da Olaria	Portugal	Barcelos	http://www.museuolaria.pt/?programa=museu-senior	Modelagem em Barro
Fundação Gulbenkian	Portugal	Lisboa	http://gulbenkian.pt/descobrir/discovers_position/academias-de-seniores/	Visitas e oficinas - com vários grupos como destinatários
Museu do Papel Moeda	Portugal	Porto	http://www.facm.pt/facm/facm/pt/servico-educacao/visitas-orientadas/seniores	5 roteiros temáticos, orientados com atividades
Fundação Serralves	Portugal	Porto	http://www.serralves.pt/pt/educacao/grupos-com-necessidades-especiais/	Visitas guiadas, palestras, caminhadas integrados sem diferenciação; oficinas com marcação prévia
MUBE	Brasil	São Paulo	http://mube.art.br/curso/faca-memorias/	Vistação e oficina de lembrança e execução técnica
Pinacoteca	Brasil	São Paulo	http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=619&c=1191&s=0&friendly=meu-museu	Meu Museu idosos visitantes em grupos de parceria

Pinacoteca	Brasil	São Paulo	http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=619&c=1191&s=0&friendly=meu-museu	Saídas em projeto no centro saúde do Butantã
MOMA	EUA	New York	http://www.moma.org/meetme/index	Meet me (2006)
Shiloh Museum	USA	Springdale	http://www.shilohmuseum.org/education/outreach.php	Ciação de um programa por mêsde 50 tópicos sugeridos
Crystal Bridges	USA	Bentonville	http://crystalbridges.org/education/community-programs/	Programas de inclusão com parcerias da comunidade(alzheimer, ou outras limitações)
Art Gallery of Ontario	Canada	Ontario	http://www.ago.net/art-in-the-moment-tours	Visitação e conversa
Art Gallery of Ontario	Canada	Ontario	Novo projeto com demência/ idosos 2017	Projeto em análise
Museums of University College of London	UK	Londres	https://www.ucl.ac.uk/museums/research/museums-onprescription	Objects in prescription - Objetos em prescrição
Beamish Museum	UK	County Durham	https://holdingmemories.wordpress.com/workshop-1-remembrance-museum-dementia/	Caixas de remniscencia e workshop de habilidades - convívio numa antiga area
Bethlem-Museum of the mind	UK	Notingham	http://museumofthemind.org.uk/learning	Sessões sensoriais e de manuseio , universidade terceira idade
Stoke on trent museums	UK	Várias	http://www.stokemuseums.org.uk/education/outreach-and-loans-boxes/	Box com acervo de várias temáticas

Nordic Centre of Heritage Learning and Creativity	Suécia	Várias	http://nckultur.org/english/what-is-heritage-learning/	Aprendizagens sobre patrimônio e visão social de aprendizagem continuada e envelhecimento ativo
Melbourne Museum	Austrália	Melbourne	https://museumvictoria.com.au/education/outreach-program/reminiscing-kits/	Sessões de reminiscência para grupos de idosos
Melbourne Museum	Austrália	Melbourne	https://museumvictoria.com.au/education/outreach-program/outreach-program-adult/	Trabalho com idosos distantes geograficamente, hospitalizados e encarcerados
Bunjilaka Aboriginal center	Austrália	Melbourne	https://museumvictoria.com.au/education/outreach-program/reminiscing-kits/	Sessões de reminiscência para grupos de idosos
Immigration museum	Austrália	Melbourne	https://museumvictoria.com.au/education/outreach-program/outreach-program-adult/	Trabalho com idosos distantes geograficamente, hospitalizados e encarcerados
Vitória Museum	Austrália	Vitória	https://museumvictoria.com.au/education/outreach-program/outreach-program-adult/	Apresentação do museu para grupos que não podem deslocar-se ao museu, kit reminiscência
Australian Museum	Austrália	Sydney	http://australianmuseum.net.au/volunteering-at-the-australian-museum	Trabalho voluntário de um dia por semana para digitalização de acervos em plataforma digital, e outros programas
Museum of old Japanese Farm Houses	Japão	Toyonaka City, Osaka	http://www.occh.or.jp/minka/?s=news/news2015	Atividades com base em saber fazer tradicionais
Muzeum Narodowe W Krakowe	Polónia	Cracóvia	http://mnk.pl/adult/sandseniors	Conversas sobre arte, palestra proferidas pelo pessoal de museus

Museu Arqueologia e Etnologia	Brasil	São Paulo	http://www.mae.usp.br/	Encontro com Idosos: Escavando memórias
Minnesota Historical Society in America	USA	Minnesota	http://www.mnhs.org/	House of memories - aplicativo e sessão
Santa Cruz Museum of art and history	USA	Santa Cruz	https://santacruzmah.org/events/category/art-events/3rd-fridays/	Colaboração da comunidade para se conectar e fortalecer
National Museum of Nature and Science	Japão	Tokyo	http://www.kahaku.go.jp/english/userguide/access/accessibility/index.html	Atividades com base na lei para pessoas idosas